

CONVERSAS

COM O

CIBERPAJÉ:

VIDA, ARTE, MAGIA E TRANSCENDÊNCIA



EDGAR FRANCO
&
DANIELLE BARROS

Edgar Franco & Danielle Barros

Conversas com o Ciberpajé: Vida, arte, magia e transcendência



Marca de Fantasia
Paraíba - 2019

Conversas com o Ciberpajé: Vida, arte, magia e transcendência

Edgar Franco & Danielle Barros

2019



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180
marcadedefantasia@gmail.com
www.marcadedefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Diretor/Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nílton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: Art by Erik Thurm, 2019

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-5053-014-3

Sumário

Apresentação	5
1. Sensualidade, ocultismo e selvageria	8
2. Um ser sem caráter: reflexos de uma iconoclastia	19
3. O Lobo, os opostos complementares e a influência do feminino nos processos criativos	30
4. Arte como meio de transmutação: Ciberpajé, um ser renascido	45
5. Aforismos e desaforismos	57
6. Antepassados, família, desapego, viagens astrais e adogmatismo	74
7. Posthuman Tantra: performances, videoclipes e rituais mágickos	103
8. Criando quadrinhos e HQtrônicas: BioCyberDrama Saga, Artlectos e Pós-humanos, Ecos Humanos e Agartha	119
9. O Ciberpajé, Lúcifer e a Egrégora: processos criativos para o Posthuman Tantra e o projeto musical Ciberpajé	153
10. NOISIGIL - Primeiro “Sigilo Sonoro Ocultista” do Posthuman Tantra	190
11. A criação de DOUOSVAVVM, novo sigilo mágicko do Posthuman Tantra	200
12. Posthuman Tantra: Cogumelos & rituais de invocação do Baphomet Transumano	208
Posfácio: O Ciberpajé - ruídos de um ser em constante transmutação!	218

Apresentação

Este livro compila uma parte dos resultados de sete anos de conversas com o Ciberpajé. Conversas presenciais e virtuais iniciadas em 2012 e que se estendem até hoje (2019). Quem conhece ou já assistiu alguma palestra, aula ou teve a oportunidade de conversar com Edgar Franco, o Ciberpajé, sabe o quanto é impactante e mesmerizante ver e ouvi-lo falar. Desde que o conheci em um evento acadêmico de quadrinhos em 2012 na Universidade Federal de Pernambuco, interessei-me por suas ideias, por sua visão crítica acerca de tantos assuntos importantes e urgentes da vida, sobre a natureza, sobre o mundo acadêmico, sobre as relações humanas e interação com outras espécies, sobre a ciência, a arte e a tecnologia, a espiritualidade e a transcendência, entre tantos outros. Nossas conversas se deram em intervalos de congressos científicos, festivais de quadrinhos, por e-mail, chat de internet, com áudios gravados em celular e posteriormente transcritos. Criamos também uma série de vídeos que intitulamos “Conversas com o Ciberpajé” disponibilizados para acesso livre na internet, na qual em cada vídeo abordávamos um tema relacionado à arte, vida, magia e transcendência. Nossas conversas tiveram alguns marcos importantes, como as entrevistas que sucederam as experiências do Ciberpajé com o uso de substâncias enteógenas. Essas entrevistas nasceram de minhas perguntas curiosas acerca dos contextos, das sensações, sobre os processos criativos

e as impressões que ele tinha em relação a tais experiências e que foram transformadas em entrevistas com o objetivo de disseminar amplamente seu ideário permitindo a outras pessoas acessarem esse rico conteúdo nascido das relação etnobotânicas do Ciberpajé com as plantas de poder e outras formas de estados não ordinários de consciência. Nesses 7 anos de convívio, com base em nossas conversas nasceram: livros, capítulos de livros, artigos científicos, comunicações orais, vídeo conversas, ilustrações, HQforismos, histórias em quadrinhos, músicas, ensaios fotográficos, coordenações de eventos, exposição de HQforismos, matérias em revistas, entrevistas, fanzines, lançamentos em festivais internacionais de quadrinhos, oficinas de zines e HQforismos, a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Criação em Fanzines (ANZINE) e tantas outras criações, e agora este livro, que tem seus 8 primeiros capítulos compostos por entrevistas ainda inéditas. Todas essas obras são frutos de uma amizade profunda que no âmbito acadêmico é expressa e consolidada em nossa parceria no grupo de pesquisa CRIA_CIBER que Edgar Franco coordena na Universidade Federal de Goiás (UFG), do qual sou membro/pesquisadora desde 2013.

Sempre digo que se existe algo valioso no mundo é o tempo na vida que nós nos dedicamos a uma pessoa ou a uma atividade, pois nosso tempo de vida - nosso agora - é tudo que temos e isso não tem valor financeiro que possa equivaler. Esse livro em si traz essa preciosidade, pois reúne parte do nosso tempo de conversas, de muitas dúvidas, de muitas descobertas, de muitas criações. Tendo ciência da importância do “nosso” tempo (dos autores e dos/as leitores/as), espero que a leitura deste livro seja tão valiosa para você, leitor/a,

como foi para nós ao criá-lo: desde o tempo das conversas em si ao longo dos anos, ao processo de seleção do material, de revisão, de seleção de imagens, com todo zelo necessário para que esta obra seja o que é. A apresentação sobre o autor ficou para o posfácio de forma proposital, pois nossa intenção é, sobretudo, disseminar as ideias do Ciberpajé e motivar reflexões, e por fim fechamos o livro falando um pouco mais sobre suas singularidades.

Boa leitura!

Danielle Barros IV Sacerdotisa
Professora Doutora da Universidade Federal
do Sul da Bahia (UFSB)

I. Sensualidade, ocultismo e selvageria

Onde começa e onde termina a influência da sensualidade e do sexo na arte do Ciberpajé?

A sensualidade é a beleza dinâmica da vida. Ela é um valor natural, selvagem, puro, altamente renegado pelas estruturas dogmáticas de dominação do ser humano como as religiões e o poder político. Um ser humano verdadeiramente sensual nunca se adequará às regras e normas ditadas pelas estruturas de poder, nem do capital, nem de dogmas alienantes. O sensual é naturalmente rebelde, porque é naturalmente livre! O pensamento alienado acadêmico, a religiosidade do mundo ocidental baseada no medo e o poder bélico das nações dominantes - que substituem o falo pelo míssil e a vagina pelo alvo a ser destruído -, tratam com repulsa e distanciamento a sensualidade. Sabem que para alienarem é necessário cercearem o direito natural do homem à sua sensualidade. Fazem com que as pessoas tenham vergonha de serem sensuais, que relevem esse desejo a um segundo plano, que o obscureçam em suas almas, que se envergonhem dele! O mundo podre da publicidade, que age a serviço do poder capitalista das multinacionais e dos banqueiros, sabe da força da sensualidade e passou a usar desse artifício para contra atacar seus inimigos que dominaram o poder no planeta por séculos: a religião e a política. As multinacionais e seu poder mágico e

obscuro de sedução - a publicidade -, investem em um pseudo resgate da sensualidade, mas uma falsa sensualidade, a objetificante, que desloca o desejo para o mundo dos objetos. Uma coisificação do desejo, um tecnofetichismo. Homens que “amam” mais suas cervejas e seus carros do que suas mulheres. Ou seja, a sensualidade genuína está em extinção em nossa espécie, o medo e a vergonha de entregar-se belamente à sua pureza sensual leva a humanidade a desenvolver perversões, doenças psíquicas, desequilíbrios entre masculino/feminino. Eu sou um rebelde, eu me entrego ao poder de



Figura 01 - Ciberpajé Edgar Franco e Taynara Silva fotografados por Anésio Azevedo Costa Neto. Ensaio do Lobo e Da Sereia, Ituiutaba, 2012

minha sensualidade animal, eu vivencio essa sensualidade, e procuro vivê-la com pureza e intensidade. A beleza dinâmica da energia natural sensual é uma das grandes forças que me ajudam a criar, que promovem minha conexão com o cosmos. Para transcender, em certos momentos, é muito importante que o vivenciemos o nosso belo aspecto sexual na íntegra. O sexo é sagrado, o que significa que deve sempre ser uma brincadeira alegre, divertida e selvagem, pois nada é mais sagrado do que a alegria e a brincadeira. Sou um ser sexual e por isso sagrado.

E como essa sensualidade está presente na sua arte?

De formas múltiplas e constantemente se renovando. Não sou eu quem digo, mas pessoas que investigam minha obra, como a pesquisadora doutora Nadja Carvalho, da UFPB, que escreveu um livro chamado “As Criaturas de Edgar Franco no Banquete de Platão”, no qual desvela a eroticidade em minha arte e, sobretudo, como ela está conectada ao mito essencial da concepção e do nascimento. O território do sensual é o território do sagrado, porque a vida é o feito cósmico mais inusitado e potente, e a vida é o resultado da união dos opostos, a vida nasce dessa conexão universal. O próprio universo e as galáxias são produtos da tensão quente e frio, da tensão luz e escuridão. E a sensualidade é o ato quase mágico de maravilhar-se com o diferente, de desejar amalgamar-se ao outro ser, seu oposto complementar. Por isso todo sensual é criativo. É importante não confundir sensualidade com vulgaridade midiática, com venda deliberada do corpo por status, dinheiro e benesses de poder. A verda-

deira sensualidade é pura, ela não tem outras intenções que não seja a união, a conexão real e total com o outro, todas as outras formas de sensualidade são falsas, são ilusões do ego. A verdadeira sensualidade é a completa geração de energia através da conexão com o outro ser. O encontro dos opostos é um ato de grandiosidade cósmica e ele gera, a vida genuína nasce dele. A sensualidade está na minha obra desde a plasticidade do traço, de influências *art nouveau*, que investe na sinuosidade, na organicidade chegando à presença deliberada do falo como símbolo do princípio masculino e da vulva como princípio feminino. Também na simulação de copulações selvagens em minhas performances com o Posthuman Tantra, nas minhas músicas que tentam traduzir sonoramente a perspectiva sensual de meu universo ficcional. E existe a anti-sensualidade, o aspecto negativo e abissal da negação da sensualidade em muitos trabalhos nos quais as personagens passam a usar o sexo como um jogo perverso de poder, ou abdicam dele simplesmente por estarem mais interessadas em alimentar desejos de poder atrelados à ânsia pela destruição que acompanham personalidades egóicas. Meu projeto musical Posthuman Worm trata só dessas perversões anti-sensuais, criaturas híbridas pós-humanas e suas robô-copulações estanques e o consequente vazio existencial.

É natural que as pessoas (mulheres) tocadas por sua arte queiram «provar o artista?»

Em certo sentido é impossível dissociar a arte do artista, eles estão amalgamados, integrados, mixados. Eu procuro ser, cada dia mais,



Figura 02 – Ciberpajé e I Sacerdotisa Rose Franco. Ensaio Fotográfico Transumano, Goiânia, 2013

um desdobramento de meus universos criativos. Modifico minha realidade através da criação de meus universos ficcionais. Ocorre um trânsito mágico entre a instância ficcional e a real a ponto das duas se diluírem em certos momentos. Obviamente a sensualidade latente em minha obra é fruto de minha sensualidade como indivíduo e acontece disso tocar algumas mulheres de maneira muito profunda a ponto de admirarem a obra e desejarem o criador.



Figura 03 - Ciberpajé e IV Sacerdotisa Danielle Barros fotografados por Kyro, Ensaio 11, Belo Horizonte, 2013

É perceptível a presença de elementos ocultistas/mágickos nas suas artes (desenhos, músicas etc.). Você os utiliza também de “forma ficcional” ou respeita e emprega os ritos e simbologias correspondentes?

Sou um estudioso das tradições ocultas ocidentais e orientais, mas o meu interesse por essas tradições é totalmente experiencial! Não estou interessado em acumular milhões de informações ocultistas ou mágickas simplesmente para ser mais um imbecil teórico e retórico. Minha obra artística é um dinâmico e poderoso ritual ocultista e mágicko, através do qual modifico e manipulo aspectos da minha realidade ordinária. Há cerca de dez anos minha obra é um complexo sistema mágicko desenvolvido por mim e com ela tenho transformado profundamente minha realidade e a de seres próximos. Ritos, símbolos e rituais de sistemas mágicos ancestrais são totalmente reconfigurados por mim em minhas obras artísticas, visando adaptá-los à realidade do mundo contemporâneo e à dinâmica mutante da vida.

A qual linha de ocultismo tem afinidade?

Parafrazeando Robert Anton Wilson: “Não acredito em nada, sou livre”. Ou seja, tenho completa liberdade para navegar por todos os sistemas transcendentais - do cristianismo à cabala, da umbanda ao paganismo europeu, de thelema à zos kia cultus, do budismo ao satanismo. Não existem amarras, não me iludo com “túneis de realidade” criados por estruturas dogmáticas de pensamento. Sou um artista ocultista livre-pensador que busca trazer para a vida tudo que aprende, tenho interesse na práti-

ca oculta/mágicka para modificar meu mundo. Minha obra artística é o meu sistema mágicko autoral. Aquele que tiver paciência e interesse e se embrenhar em meus mundos compreenderá o que existe por trás deles.

Ao empregar tais elementos em suas artes, qual seu objetivo? Simplesmente propagar uma ideia ou despertar algo nas pessoas?

Nesse caso sou algo como um “utópico romântico”, acredito no poder transformador da arte, a única forma de magia que resistiu ao assalto avassalador do racionalismo cientificista. Sei dos limites de penetração de minha obra, mas acredito no poder de difusão memética de minhas mensagens através da potência da ressonância morfogenética. Minha arte tem como primeiro papel promover a minha cura e transformação na busca de minha estruturação como ser, ser integral, e em segunda instância contaminar positivamente as pessoas no sentido de buscarem sua integralidade.

Gostaria de abordar sobre o conceito de “selvagem” que você tanto diz e referencia em sua arte, aforismos, atos performáticos etc. Creio que “selvagem” possui um caráter ambíguo, não só pelo significado lato¹, mas também

1. No dicionário: selvagem adj m+f selvagem (selvagens) / 1 não domesticado, bravo, um animal selvagem / 2 que nasce sem ser cultivado, plantas selvagens / 3 em que o homem não interveio, uma região selvagem / 4 que se faz sem regras, sem organização, uma greve selvagem / 5 muito violento, um crime selvagem / subst m+f selvagem (selvagens pl) - 1 pessoa que vive nas selvas, os selvagens da Nova Caledônia / 2 pessoa bruta, grosseira. Ele não tem maneiras. É um selvagem. Fonte: <http://pt.thefreedictionary.com/selvagem>.

pelo que é disseminado pela mídia, predominantemente o sentido ruim da palavra. Na mídia televisiva, nas redes sociais, nas conversas cotidianas, é perpetuado o sentido do selvagem como cruel. Esta frase eu vi hoje em uma rede social: “Selvagem não é quem vive na natureza, selvagem é quem a destrói”. No contexto em que você utiliza o termo, percebo que não é esse (ou não somente este) o sentido que você apreende do termo. Gostaria de saber em que medida essa apropriação “negativa” da palavra selvagem interferiria na mensagem (tradução) do que você gostaria de transmitir ao mundo (público)? Por que o que percebo é que sua mensagem é exatamente o ser selvagem, como ser puro, livre, sincero, como em sua música “O Selvagem”, onde você diz: “Quero ser leve como uma borboleta, selvagem como um lobo e brincalhão como um cão”. Há alguma confusão no entendimento da sua mensagem por parte das pessoas por conta dos distintos sentidos que se dá à palavra SELVAGEM?

Mesmo no dicionário percebo que um dos primeiros significados latos para selvagem é “não domesticado” e o outro “em que o homem não interveio”, eles traduzem muito bem o sentido de selvagem que minha obra denota. No entanto, me interessa muito o aspecto ambíguo da palavra, justamente porque em um primeiro momento essa ambiguidade torna-se provocadora e as pessoas ficam confusas sobre o que seria essa selvageria que insisto em propalar. O ruído é para mim um dos pontos mais positivos da mensagem, porque se

quem a interpreta é alguém desinteressado, ele simplesmente fará um julgamento a partir de sua percepção embotada e seguirá deixando de lado a mensagem. No entanto se for alguém sensível e com a abertura necessária, a palavra - por sua dubiedade - irá atrair a atenção desse leitor/fruidor e ele fará um mergulho um pouco maior em minha obra artística e compreenderá o que quero dizer. Veja que você fez isso. Penso que em um primeiro momento a palavra te incomodou, mas isso lhe fez mergulhar mais no meu trabalho e você compreendeu plenamente o que é esse “ser selvagem” que me inspira e que tento difundir. Atualmente, na era da hiperinformação em que vivemos, as pessoas não dão tempo para a maturação das mensagens, não mergulham. Pois a sedução de seguir para a próxima mensagem, para a próxima imagem, é muito grande. Então a massa que navega nos hipertextos é como a massa que navegou pelos textos da era Gutenberg com a diferença de que hoje a produção e acesso à informação são muitíssimo acelerados, o que leva a um desinteresse maior por aprofundar-se, já que no mundo da informação o “novo” é muito mais sedutor do que o “denso”. Não me interessa ter muitos leitores, pois tenho plena consciência de que o que crio é para poucos e certa dose de hermetismo acaba afastando as pessoas de interesses rasos do acesso à minha obra. Não falo para a massa estagnada da humanidade que não tem o mínimo interesse por algo que ultrapasse sua visão de mundo arcaica, conservadora e limitada. Esses podem matar, destruir, odiar-se, mas nunca serão selvagens. Um selvagem é violento, mas nunca será cruel.



Figura 04 - Ao tocá-la, gloriosa árvore do cerrado, conectei-me à sua essência e suas raízes profundas galgaram comigo os recônditos infinitos do Cosmos eterno. (Ciberpajé) - Ciberpajé fotografado por Hudson Lima, ensaio Bioma Cerrado, 2015

2. Um ser sem caráter: reflexos de uma iconoclastia

Percebo que você “ressignifica” muitos conceitos que estão cristalizados no senso comum, conceitos considerados inequívocos, como o mencionado acima. Um outro conceito que você atribui um significado distinto da maioria das pessoas é o de caráter. Certa vez você me disse em uma conversa informal que era uma pessoa “sem caráter”. Gostaria que você contasse às pessoas essa visão de “caráter/falta de caráter” que você apreende.

Eu nem sempre ressignifico as palavras. Na verdade, boa parte das vezes, eu resgato aspectos de seus significados já esquecidos. A língua portuguesa é rica e as palavras têm múltiplas facetas, mas acabamos nos acostumando sempre com o senso comum que as baliza e banaliza. Nos dicionários um dos significados da palavra “caráter” relaciona-se à roupa, eis uma das definições: “A caráter. Dependendo do lugar, refere-se ao traje típico. Algo expressamente formal”. Ou seja, caráter pode ser, mesmo considerando os dicionários, um signo de alguém que veste uma roupa formal e adequa-se ao que é solicitado pelo contexto. Então o caráter de que falo é justamente um conjunto de regras de ordem moral/cultural/religiosa/

ideológica que as pessoas recebem sem questionar, desde sua tenra infância, e adotam como princípios reguladores de suas vidas. É como se vestissem uma roupa desde a infância e ao crescerem ainda não trocassem de roupa, apesar de todas as mudanças e tudo que acontece à sua volta elas mantêm essa roupa (esses princípios auto impostos). O filósofo Rajneesh fala desse tipo de caráter, e ele me ajudou a perceber como é importante eliminarmos isso de nossas vidas para que consigamos fluir e avançar interiormente e exteriormente, pois se você toma todas as suas decisões baseadas em regras - que já são pré-estabelecidas - não é livre para analisar cada novo momento. Você sempre terá uma bula para cada situação e a vida torna-se um espaço de temor, ou tédio. Essas regras impostas são de todos os tipos. Desde imbecilidades aparentemente inocentes como o fato de um pai que impõe ao filho o valor de um “time de futebol” e desde a tenra infância veste o menino com as roupas do time. Esse menino talvez nunca vá se questionar o por quê daquilo, e continuará “torcendo” por tal time e dependendo das circunstâncias de sua vida poderá até matar ou criar inimigos baseados nessa tremenda bobagem que lhe foi imposta e ele nunca questionou! É uma camisa (um caráter) que lhe vestiram e ele nunca tirou! Isso acontece muito também com a religião que é imposta às crianças na tenra idade e na qual elas vão navegar durante toda sua vida transformando-a em um “túnel de realidade”, e também com preceitos morais de conduta como os dez mandamentos cristãos, um conjunto de regras arcaicas criadas há milênios e que não funcionam para a realidade de hoje. Exemplos extremos de indivíduos de “grande caráter” são os kamikazes japoneses, que morriam por sua causa político-ideológica, as-

sim como os homens-bomba muçulmanos que se sacrificam por sua causa religiosa e finalmente os criminosos passionais que matam e muitas vezes morrem/suicidam-se por não suportarem a mudança em uma situação afetiva que acreditavam ser sólida. A vida é mutante, a característica básica do universo é a mudança, então para fluir com a vida eu abduco de meu caráter todo dia, quero ser livre para experimentar cada instante.

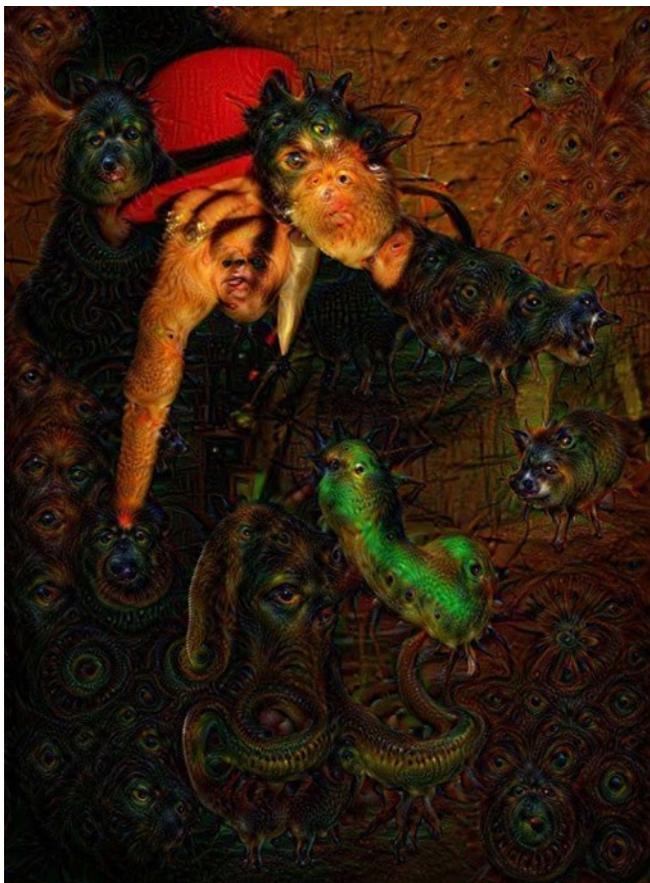


Figura 05 - Ciberpajé na versão do fotógrafo Luiz Fers e da rede neural DeepDream. Ciberpsicodelia por hiperdados

Desde quando você notou que seu pensamento destoava do padrão convencional?

Existe um episódio muito marcante na minha existência, talvez um episódio fundante! Eu tinha por volta de dez anos de idade, e certa vez quando retornava para casa, em minha cidade natal Ituiutaba/MG, caiu uma tempestade furiosa, muito poderosa, era fim de tarde. Eu estava numa rua onde não tinha como me abrigar, mas ao invés de correr para buscar abrigo na próxima rua, de repente eu senti certa epifania, algo surpreendente! Entreguei-me completamente à tempestade, fiquei onde estava e deixei que a chuva e o vento me trespassassem. Foi mágico, eu me desintegrei enquanto indivíduo e me integrei completamente àquela tempestade, tudo parecia perfeito e eu percebi ali a minha dimensão cósmica. A sensação durou todo o tempo da tempestade de verão, que imagino deve ter sido de uns 15 minutos, fiquei em êxtase por enraizar-me ao universo. É claro que à época não fiz nenhuma análise intelectual daquilo, só percebi que existiam coisas muito mais profundas e aspectos mágicos na existência, muito distantes daquilo que até então eu entendia por transcendência - entendimentos que eram baseados na rasa e castradora visão arcaica judaico-cristã. Desde aquele dia tornei-me mais sensível, pois experimentei verdadeiramente uma dimensão que não imaginava existir. Para uns tornei-me mais estranho, para outros um menino um pouco louco, ou ainda para terceiros meio gênio. A minha pulsão por criar universos ficcionais ampliou-se desde então, ela já existia antes, mas amplificou-se muito.

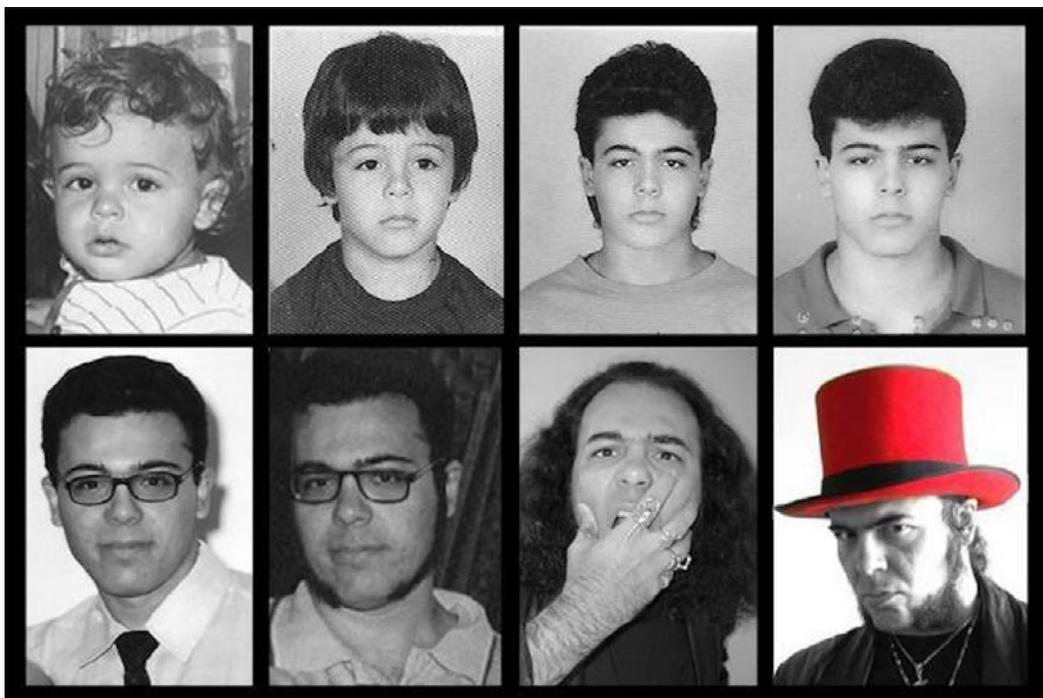


Figura 06 - Saúdo a mutação, a transformação, a mudança, a ancestralidade do Lobo que se fixa no agora. A beleza profunda da incerteza, a inexistência das verdades, a destruição do mito de portos seguros, a eterna jornada livre e impetuosa no olho da tempestade.

Sou o Ciberpajé, sou uma licença poética cósmica, estou vivo, celebro a serenidade e a selvageria! (Ciberpajé). Algumas fases de um eterno mutante, Ciberpajé com 1, 5, 12, 15, 25, 28, 35 e 41 anos

Voltando a falar sobre sua forma peculiar de ver a vida e seus valores, percebo que muito dos seus aforismos são inspirados em alguns mestres e pensadores, que por vezes você posta na internet. Alguns dos mais citados são Rajneesh, Gurdjieff, Ouspensky, Alejandro Jodorowsky. Gostaria que você contasse como esses pensadores te influenciam, te fazem refletir, repensar e transformar seus valores?

Todos os aforismos que escrevo e toda a minha arte, sem exceção, são frutos de minhas experiências na chamada realidade ordinária, ou realidade validada e também das minhas experiências transcendentais, com transe obtidos através do processo criativo artístico ou da ingestão de enteógenos, ou através de técnicas rituais de êxtase mágico. Só tenho interesse por pensadores que sejam experimentadores, por isso abomino a maioria dos teóricos, intelectuais e filósofos ocidentais, que quase sempre são criaturas estanques, que criam tratados verborrágicos e herméticos que não servem para nada, a não ser para serem decifrados intelectualmente por outros teóricos sem vida própria que criam sub-tratados sobre os tratados deles. A filosofia ocidental, com raríssimas exceções, é só verborragia sem vida, sem prática cotidiana, sem nenhuma aplicabilidade no dia a dia, totalmente estéril! A filosofia oriental é mais voltada para a aplicabilidade, o ocultismo oriental também. Esses filósofos que me influenciam são, em sua maioria, rebeldes que implodem todas as bases teóricas do pensamento ocidental e não estão preocupados com tratados acadêmicos e sim com a vida, com a transformação da vida, a transformação da realidade ordinária através das práticas. Então eu leio a obra desses pensadores e realizadores, e se algo do que dizem me toca, eu experimentarei utilizar na minha vida. Caso a experiência pessoal me comprove que isso funcionou para mim poderá vir a inspirar um de meus aforismos, uma música ou ainda uma HQ, uma performance e assim por diante. Muitas vezes não funciona e então simplesmente esqueço, para mim não serve! Grande parte de meus aforismos e trabalhos artísticos surgem diretamente de minhas experiências pessoais ordinárias e transcendentais. Não

tenho mestres além de mim mesmo, reverencio a sabedoria de homens que transformaram suas vidas e transcenderam para níveis elevados de consciência, mas não os elejo como meus mestres. Não sigo ninguém, a evolução é algo individual e pessoal, não pode ser copiada, cada ser humano é um complexo e único universo, portanto nós devemos tornarmo-nos nossos próprios mestres.

Outra polêmica que envolve essa sua “forma própria de ver o mundo” é declarar-se seu próprio deus. Em que você acredita? Fale um pouco de suas crenças, por exemplo, como se deu o surgimento do universo? Para você existe uma força suprema? Você acredita em milagres?

Eu acredito nas flores no meu jardim, eu acredito na exuberância dos cajus e das jaboticabas do meu quintal. Eu acredito no cheiro convidativo de uma vulva encharcada. Eu acredito no sol que ilumina o céu todas as manhãs de forma tão exuberante, eu acredito na Lua hipnótica no céu profundo e no meu uivo para ela. Eu acredito em sorrisos sinceros, eu acredito em outras existências diferentes das que conhecemos, pois já conversei com essas formas de vida em meus transes artísticos e viagens psiconáuticas. Como entidade cósmica eu contendo o cosmos em mim, portanto eu posso sim manipular a realidade, posso desvirtuar a lógica inocente dos preceitos da chamada “física”, ou fazê-los trabalhar para mim, essa é uma possibilidade do “amor sob vontade”, da força geradora – subverter as tais leis da física – isso seria um milagre. Um milagre que até besouros realizam tão bem, já que, segundo essas leis inocentes, eles não podem voar. Eu sou o único



Figura 07 – Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, Ituiutaba MG

construtor das minhas realidades, a cada dia percebo isso mais claramente, então humildemente e gloriosamente declaro-me meu próprio deus. Eu sou minha única força suprema! Sobre o universo, ele surgiu da cópula selvagem entre o nada e o tudo, foi o orgasmo mais intenso deles. Ouvi dizer que eles vão transar gostoso de novo, muitas vezes. Eu vivo milagres a todo segundo!

Por conta dessas ideias inovadoras que você dissemina na internet e em sua arte, por vezes percebo que você é interpelado por algumas pessoas. Como você encara essas reações?

Encaro com tranquilidade, pois a arte genuína deve realmente chocar, ela deve tirar as pessoas do seu transe normótico. Muitas pessoas sentem seus dogmas arraigados serem feridos por minha arte, e a reação ganha formas múltiplas: pode ser repleta de agressividade e ódio – muitas vezes por parte de fanáticos religiosos que curiosamente pregam o amor e o não julgamento dos outros – ou a completa ignorância e negação, ou ainda a repulsa. Pessoas já me

bloquearam ou desfizeram amizades em redes sociais por causa das ideias expressas em minhas múltiplas expressões artísticas. Vivem me desafiando com questões de lógicas cartesianas aplicadas às suas subjetividades, tentando incitar-me o ódio que sentem daqueles que não coadunam com seus preceitos, muitos usam de ironia e petulância. Ao perceber essas reações sinto que minha arte está cumprindo seu papel! Também é comum pessoas conhecerem um pouco de minhas obras e encantarem-se loucamente, a ponto de reverenciarem-me como um grande sábio, mas no momento em que adentram-se mais em meu ideário horrorizam-se com alguma de minhas ideias controversas e passam da idolatria ao ódio e aversão! Mas como já dizia sabiamente Rajneesh: “Se você idolatra alguém, prepare-se, um dia você vai se vingar”.



Figura 08 – Ciberpajé ministrando conferência no I Enquadrinhos – UnB, Brasília, 2015, foto da IV Sacerdotisa. “Edgar Franco conduziu conceitualmente uma viagem “ciberxamânica” atemporal, falando generosamente, e de forma entusiasmada, exibindo imagens, construindo e destruindo paradigmas, deixando todos os presentes em constante estado de excitação e curiosidade, revelando entre outras coisas a gênese de seu mundo criativo, que inclui os quadrinhos, a partir do seu fantástico, porém não menos real e vivo, universo da Aurora Pós-humana”. (Will Simões)



Figura 09 – Ciberpajé ministrando a conferência de abertura da Semana de arquitetura 2013 na PUC, Poços de Caldas, MG

3. O Lobo, os opostos complementares e a Influência do feminino nos processos criativos

Em suas postagens em redes sociais você já mencionou ter afinidade com certas pessoas, “afinidade de aura” e que sua “alma é ancestral”. Essas são falas de quem crê em reencarnação espiritual?

A perspectiva da reencarnação parece algo mais divertido e fluído do que a de uma vida única e restrita dos cultos de ordem monoteísta. A perspectiva de termos muitas vidas nos deixa mais serenos para irmos mais fundo nessa vida naquilo que selecionamos como importante, sem pressa, pois se não provarmos de algumas coisas agora teremos outras existências para vivê-lo. A perspectiva de uma vida única faz tudo ficar acelerado, é uma visão muito coadunada com o capitalismo hiperconsumista, ela reduziu os valores das pessoas ao consumo desenfreado de produtos que se tornam obsoletos quase que imediatamente e precisam ser substituídos por novos. Então você precisa provar “tudo” nessa vida, o que significa consumir o máximo possível! Essa perspectiva monoteísta de uma única vida é adorada pelas multinacionais e pelo mundo da publicidade, gera consumidores mais ávidos. Bem, como já disse e saliento, não acredito em nada, sou livre, portanto nenhuma das duas alterna-

tivas adoto como crença, mas liricamente, como uma bela licença poética para a vida, a ideia da reencarnação é mais interessante, com certeza. Já tive experiências em que me vi em outras existências, outros planos e esferas, por isso digo poeticamente ter uma “alma ancestral”, mas prefiro não classificar essas experiências como visões de vidas passadas, contato com extraterrestres, ou com espíritos diversos, ou memória genética resgatada, ou qualquer uma das explicações que a lógica da nossa cultura queira dar a esses fenômenos; simplesmente os vivencio sem julgamentos. O que me importa o que sejam? O importante é o que aprendo com elas. Quanto à afinidade de aura, significa que essas pessoas vibram na minha mesma frequência, ou seja, possuem ideias que se assemelham às minhas, portanto conseguem conectar-se com mais força ao Ciberpajé. Você, IV Sacerdotisa Danielle Barros, é uma das pessoas que possui essa afinidade de aura comigo, por isso seu interesse em perscrutar minhas ideias, trazer muitas de minhas concepções à tona para que outros possam conhecê-las.

Em suas obras de arte foi possível perceber mulheres distintas: contornos, cores, sabores. Qual a influência do feminino para inspiração e processo criativo do Ciberpajé?

Devido à tão propalada opressão do feminino pelo masculino, ao longo dos séculos, com a aceleração da informação e as lutas das minorias chegamos a uma era curiosa. Uma era de profunda inversão de valores e confusão psíquica com relação aos papéis do masculino e do feminino. Assistimos uma intensa feminilização do mas-

culino, que envolve inclusive o aspecto biológico, já que o excesso do hormônio estrogênio presente nos alimentos industrializados, no plástico, nas carnes, soja e - em consequência disso - na água dos mananciais potáveis, tem atrasado o amadurecimento sexual dos meninos e acelerado o das meninas. O ímpeto, a determinação, a força e o instinto protetor característicos do macho estão sendo substituídos por aspectos femininos nos homens e o sexo feminino por carência desses aspectos complementares encontrados no sexo oposto acaba desenvolvendo-os de forma artificial. Uma masculinização do feminino acontece nessa tendência de se auto-equilibrar sem necessidade do outro. Por isso alguns movimentos feministas radicais como o *Scum* já desejam o extermínio total do homem, decretam a não necessidade de sua existência. Mas todas as tentativas de negação dos aspectos equilibrantes entre o masculino e o feminino ruião, pois na essência da natureza cósmica, para que ocorra a evolução é imprescindível que esses dois aspectos se conectem e se equilibrem, se eles se negam, se anulam, o resultado disso é entropia e destruição. É obvio que todos os seres humanos possuem aspectos masculinos e femininos em seu ser, no meu caso eu aceito e amo minha condição de homem - sem negar minha doçura feminina tão presente em aspectos da minha arte e vida - no entanto sou um macho que louvo os valores do sexo masculino, e por ser masculino eu necessito profundamente do aspecto feminino, da fêmea humana. A fêmea é meu objeto de desejo, só conectado a ela eu sou pleno, e só conectada a mim ela pode alcançar a plenitude. Nesse sentido a delicadeza, sensualidade, feminilidade e doçura do coração e das formas femininas é um dos universos mais inspiradores para a minha arte.

Aproveito para esclarecer que defendo todas as múltiplas sexualidades e opções sexuais, pois para mim o maior de todos os valores é o direito do homem/mulher de ser livre para fazer suas escolhas, isso suplanta todo o resto. O que explanei aqui foi só minha percepção e experiência como indivíduo, a realização necessária para o meu equilíbrio e harmonia interiores.



Figura 10 - Ciberpajé fotografado por Hudson Lima.
Ensaio “Bioma Cerrado”, 2015

Quando você diz sobre esse equilíbrio do masculino e feminino, e da atual “inversão de valores” percebo implícito nessa ideia (além da questão biológica em si), questões fundadas em normas e regras sociais. Ao comparar momentos históricos distintos em que antes o homem possuía “ímpeto, a determinação, a força e o instinto protetor característicos do macho” e atualmente se expressa uma “intensa feminilização” e traz o panorama atual em que “o sexo feminino por carência desses aspectos complementares encontrados no sexo oposto acaba desenvolvendo-os de forma artificial”, (o que muitas vezes ocorre pela ausência da figura masculina enquanto pai, companheiro, esposo). Problematizando um pouco, não haveria aí um paradoxo, de alguém que, mesmo que abomine tais ditames (paradigmas culturais), expressa em suas ideias uma argumentação baseada nessas regras advindas das “normas vigentes na sociedade”, e uma expectativa de caráter, ou seja, de comportamento esperado pelo macho/fêmea?

Não estou tratando dos estereótipos tradicionais da imberbe cultura humana, os estereótipos de gênero masculino e feminino que estão ruindo totalmente diante da perspectiva hipertecnológica breve de mudança de sexo completa – incluindo a gestação, ou ainda por uma real opção biotecnológica pelo hermafroditismo! Como já ressaltai, os dois aspectos existem em cada ser, também não defendo nenhuma forma de opressão sexual, ou nego a opressão histórica no seio da cultura do homem em relação à mulher. Não estou falando desse

tipo de perspectiva, para mim toda e qualquer forma de opressão é lixo, e o valor fundamental que está acima de todos os outros é a liberdade de ser. Como dizia Crowley - da perspectiva individual, sem macular a liberdade do outro: “Faça o que tu queres, pois é tudo da lei”. Não trato de paradigmas culturais nem de determinismo biológicos, falo de uma dimensão cósmica, de uma percepção sutil da beleza desses opostos e de certas características que os tornam opostos e, pela minha experiência de vida, percebo que todas as vezes que essas oposições são negadas e forçosamente modificadas, com o tempo a natureza essencial do ser trata de recuperá-las de um jeito ou de outro. Falo sempre pela experiência, só ela valida minha percepção da vida, a experiência no nível da realidade cotidiana e no plano transcendente. Por outro lado, você percebeu um possível paradoxo no que digo, isso é lindo! Dou-me o direito a ser paradoxal, e a me desdizer, eu não tenho nenhum discurso perfeito e engessado, ou fórmulas mágicas como os teóricos estanques da moda europeus, e os dogmáticos religiosos. Eu sou um experimentador, amanhã tudo isso que estou dizendo pode cair por terra para mim, posso experimentar outra realidade e mudar de visão, faço isso sempre, não carrego nenhum dogma comigo, se eu carregar algo assim estarei estagnado e não serei apto a evoluir. Como já disse, eu não tenho caráter, não quero ter caráter como os intelectuais moldados pelo racionalismo cientificista que os impede de verem que o mundo muda a cada segundo e que as verdades são mutantes no seio da evolução universal. Talvez esteja nascendo desse lado da Galáxia um terceiro sexo, uma nova dimensão cósmica, se eu perceber isso estarei aberto a ela. Nada de dogmas, nada de receitas; nesse caso

sempre digo: esqueça tudo o que eu falei, o que você leu, todo o lixo contaminante da dita cultura humana, livre-se dele e tenha coragem de através da sua própria experiência e observação concluir algo.



Figura 11 - Foto de Ciberpajé, Fazenda N.S.Aparecida, Hidrolândia, Goiás, 2014

Por que cartola e não um cocar? Houve alguma intuição ou orientação “mística” para o uso do ícone “cartola”? E as cores, possuem algum significado (antes era preta, agora a vermelha)?

A cartola – símbolo aristocrático no passado - é um elemento estranho nos trópicos, ela causa ruído e usá-la com roupas “esporte”, camiseta e tênis é também uma provocação. E a cartola tem uma relação forte com o mágico prestidigitador e com o chapeleiro louco do mundo da Alice de Lewis Carroll. Ela guarda em seu design e estrutura uma mítica alquímica. A cartola preta é mais comportada e ainda gera alguns subtextos relacionados a certos ícones pop do mundo globalizado como o roqueiro Slash e o cineasta Zé do Caixão. A cartola vermelha é mais chamativa e resgata outra imagem pregnante do sincretismo brasileiro, certos exus usam cartola vermelha, e certas imagens iconográficas de demônios também, então seu significado de ruptura é ainda mais intenso. Ela é mais provocativa, mais intensa, ela atende às necessidades simbólicas e ocultistas da imagem do Ciberpajé. No entanto a cartola preta não foi abandonada por mim, uso-a em muitas ocasiões e recentemente, desde fins de 2018 tenho usado-a mais que a vermelha, simbolizando um luto pela ascensão global de um neofascismo obscurantista.

As borboletas, em sua arte, são a representação da vagina ou apenas borboletas?

As borboletas apareceram em minha arte desde o princípio. Considero-as uma forte imagem de meu inconsciente cósmico que in-



O
ANCESTRAL
PEREGRINO
EM
MIM

REDESCOBRIU
O
SABOR
DE
SER
UM
CÓSMICO
MENINO

CIBERPÁJÉ

Figura 12 – HQforismo do Ciberpajé publicado no fanzine Uivo # 5, 2019

siste em se perpetuar e invadir minhas obras. Elas têm múltiplos significados em seus contextos, um dos principais é a transmutação, a lagarta que se torna imago, cria sua própria tumba e mergulha em seu abismo pessoal para renascer pura, leve, linda e voadora. O ser rastejante que renasce voador! O mergulho profundo no nigredo alquímico e a reviravolta do albedo. Mas é claro que em múltiplos trabalhos meus - e você percebeu isso - a borboleta é um ícone do princípio feminino universal, portanto ela representa sim a exuberância da vagina, nesse caso são literalmente BORBOCETAS!

Você já postou muitas fotos de ensaios fotográficos do Posthuman Tantra com a temática “O Lobo e a Sereia”. Sereias, presas, ovelhas, fêmeas, aparecem sempre nesses ensaios. Quem são elas?

Todas são potencialmente o princípio feminino cósmico. Nessas fotos eu estou sempre apresentando uma alegoria univérsica do encontro entre o feminino e o masculino em seus aspectos luminosos e obscuros. A sereia é um símbolo forte, a mulher híbrida e sedutora, aquela que tem contato com a dimensão mágica – cauda de peixe – e real - restante do corpo de mulher, mas nesse caso o aspecto obscuro do feminino muitas vezes prevalece, pois a vagina de uma sereia é algo difícil de imaginar, algo que na minha concepção complexifica o coito, então a vagina verdadeira da sereia é a escuridão do mar/rio. É o mar/rio que engole o homem seduzido e mesmerizado que mergulha inadvertidamente em direção à beleza sombria da criatura mítica, ou seja, a sensualidade da sereia é falsa, ela é pura perversida-

de, ela se delicia não com o ato de união sexual/cósmica com o outro ser, ela se delicia com a destruição do outro, com sua morte, é a representação da perversidade feminina, do ego feminino, assim como a cultura está repleta de exemplos da perversidade obscura do ego masculino. E todos os seres são dúbios, todos nós somos paradoxais, todos temos escuridão e luz, se você negá-las elas te consomem, se você aceitá-las poderá deliberadamente lidar com elas e elevar o aspecto que mais lhe interessa, geralmente o luminoso. Todo homem e toda mulher tem seu lado obscuro, nesse caso simbolizo, em muitos



Figura 13 - O Ciberpajé Edgar Franco e Taynara Silva fotografados por Anésio Azevedo Costa Neto. Ensaio do Lobo e da Sereia, Ituiutaba, 2012

trabalhos, a vulva como o buraco negro interdimensional, que suga tudo o que surge para essa escuridão infinita, ou a vagina luminosa, representando a aspecto positivo feminino, a supernova que explode gerando novas vidas, a explosão da luz. No contexto da minha obra as presas, ovelhas, sereias, fêmeas são sempre aspectos múltiplos do feminino e de sua dimensão astral e eterna.

E essa sua identificação com lobos. Por que lobos e não vampiros? Felinos? O que há de especial nos lobos para você?

O Lobo é o totem xamânico do Ciberpajé, aquele que veio a mim muito antes e durante minha transmutação. O Lobo aparece em vários mitos e comumente ele representa o desejo insaciável, o anseio incontrollável, como no mito de Fenris. Simbolicamente é o desejo compulsivo pela vida. Ele possui os dois aspectos, sombrio e luminoso: se não houver equilíbrio e serenidade na busca pelas experiências, pela vida, ele pode tornar-se destrutivo, ególatra – remontando a sanha desenfreada dos homens ocidentais na busca de satisfazer ensandecidamente seus prazeres sensoriais que se reduziram quase que completamente a variações de atos de consumo. Se o Lobo é equilibrado, ele usa os seus desejos para seu crescimento consciente, não os nega, mas não é escravo deles. Então ser sempre um Lobo Selvagem e Sereno é a meta do Ciberpajé! Aquele que não nega os desejos, como a maioria dos ascetas orientais; mas que também não se submete aos desejos, como a massa idiota ocidental.



Figura 14 – Arte da IV Sacerdotisa Danielle Barros, capa do número 2 do fanzine “Abismos do Lobo”, zine que homenageia-o criando HQforismos a partir dos aforismos do Ciberpajé

No II Encontro Nacional de Pesquisa em Quadrinhos, em Recife (2012), surgiu uma pergunta em relação ao comprometimento político da sua obra, ao longo dos anos. Segundo o questionamento de uma pessoa na plateia, não havia uma crítica explícita (nos seus quadrinhos) em relação aos acontecimentos políticos - no Brasil e no mundo -, como se sua obra estivesse alheia/desconectada da realidade. Gostaria que comentasse sobre isso.

Minha obra é a mais política de todas as obras, se considerarmos a política o cerne da transformação! Ela ascende sobre a superficialidade dessas outras obras pseudo-políticas, até partidárias, bandeiras sectárias, ilusões de igualdade. Não adiantam marchas e apelos de movimentos sociais, minorias étnicas, religiosas, nem de grupos fascistas e neonazistas, isso é apenas maquiagem, a única revolução possível é a do indivíduo! Minha obra trata da mudança que deve acontecer no cerne de cada indivíduo, na transformação de sua consciência, na autoaceitação, na busca por ser integral. Essa é a única revolução possível e a mais importante de todas. Minha causa é a essência do ser, é ela que me interessa, as outras discussões são adereços que acabam eclipsando o mais importante: a busca de ser! Tivemos milhares de pseudo revoluções no planeta, mas o mundo continua caótico, o ódio continua proliferando, e atualmente os extremismos têm crescido assustadoramente. Toda essa política aplicada no mundo até agora foi somente para atender interesses egoicos, é lixo, não faço parte disso. Políticos são imbecis ególatras prontos a fazerem concessões para terem seus interesses atendidos. Um bom político terá apenas um mandato, pois não fará concessões, agirá com justiça e empatia em prol da espécie humana e das demais espécies, e por não fazer conchavos com o poder instituído não se reelegerá. São mais raros que diamantes de quinze quilos. Essa arte engajada em bandeiras partidárias, ou revoluções políticas, está quase sempre a serviço de interesses de grupos e não faz mais do que arranhar a superfície daquilo que é essencial: a transmutação do ser em busca de sua integralização.



Figura 15 - Ciberpajé fotografado por Hudson Lima, ensaio Bioma Cerrado, 2015



Figura 16 – Ciberpajé fotografado por Daniel Rizoto, 2018

4. Arte como meio de transmutação:

Ciberpajé, um ser renascido

Qual o papel da ARTE como meio de transformação e constituição do ser?

A arte é um dos últimos territórios onde reina absoluta a subjetividade humana, portanto é um campo fundamental no resgate de nossa dimensão natural, frutiva, intuitiva. Falo da verdadeira arte - e não do entretenimento das massas que comumente chamam de arte na contemporaneidade – essa arte muito rara de se ver, e que promove a reconexão com nossa dimensão cósmica, universal. Vivemos uma era de profunda dilaceração moral, física e espiritual de nossa espécie, aliada a um fluxo inimaginável de produção e difusão da informação, que faz os humanos sentirem-se perdidos, mas ao mesmo tempo, e paradoxalmente, torna-os petulantes, pois imaginam saber alguma coisa. A arte da academia, em sua maioria não é arte, não tem força, visceralidade, coração, é só a ilustração de teorias artísticas canhestras importadas, ou ainda a vitrine de dispositivos tecnológicos. É tanto lixo intelectualizado, ruim, estéril e sempre acompanhado de um discurso cheio de retórica teórica – de preferência com citações a pensadores europeus da moda. Você vai a exposições e tudo é sem vida, enfadonho, esses tais “artistas” não

têm nada a dizer, mas insistem em dizer, então é tudo repetitivo, pobre, as exceções só confirmam a regra. Tem, por exemplo, a moda memorialista, artistas que ficam falando de seu passado bom ou torpe, e muitos deles jovens de 20 anos, com tanto por viver e presos a um passado recente, circunscritos a sua vida trivial e nada mais. Na academia então, isso é complicado demais, veja que uma figura como eu sou considerado por meus pares como: freak, pária, pueril, imbecil, subversivo, inocente. Poucos estão abertos para ouvir o que digo, perceber o que significa a minha declaração de Ciberpajé, que ao mesmo tempo é tão leve, divertida e tão fundamental no con-



Figura 17 – Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, 2015

texto sisudo, estagnado e travado da academia! Isso é verificado até mesmo no mundo das artes, já que minha declaração de Ciberpajé é também uma ação artística performática trazida para a minha vida cotidiana. A academia é um mundo de discursos, de egos, e de tão pouca ação. Vejo milhares de colegas circulando em torno de seus umbigos com teorias importadas e muito medo da vida. Mas eu percebo, mesmo neles, uma chance de cura. A arte para mim é uma forma de cura, autocura, a mais poderosa delas.

Quem é você, Ciberpajé? (já deve ter ouvido essa pergunta inúmeras vezes!). Quando exatamente você despertou para se tornar um “ciberpajé”? O que essa transformação impactou/mudou na sua vida?

Começo essa resposta com um aforismo que resume um pouco essa minha condição de forma poética e visceral: *O Ciberpajé é um arauto insano do submundo, das subculturas, dos rebeldes incendiários, dos antiacadêmicos, dos adogmáticos, dos santos civis, dos Zorbas, dos Budas, dos artistas viscerais, dos anjos caídos, dos demônios iluminados, dos cães abandonados, dos que mergulham em seus abismos, dos psiconautas navegadores do infinito, dos infiéis, dos antimonetaristas, dos que vandalizam carros e acariciam gatos, dos que uivam para a lua, dos que fazem sexo selvagem e amam com doçura, dos que permanecem vivos em um mundo de mortos em vida, dos que acreditam que qualquer bandeira é uma fronteira, dos que conhecem um único país chamado Gaia, dos que detém o universo em seus corações, dos que não temem os para-*

doxos e não possuem verdades, dos mutantes irrecuperáveis, dos revolucionários de si mesmos! Descobri que era necessário propor a mim mesmo uma transmutação e renascimento quando me aproximava da idade de 40 anos, a idade da maturidade. E depois de uma profunda crise existencial deflagrada por uma experiência com o enteógeno *Psilocibe cubensis*, passei a limpo minha existência nos meses e dias que antecederam a data de meu aniversário, com humildade e serenidade perdoei-me completamente por todos os chamados erros – na verdade experiências fundamentais e fundantes de minha evolução da consciência. Percebi que a minha vida sempre foi pautada pela criação de mundos ficcionais em minha arte e pelo trânsito de informações e sensações desses meus mundos ficcionais com minha realidade ordinária. Notei também que os aspectos mais importantes de minha consciência foram moldados por essa relação mágica e transformadora entre os meus mundos ficcionais e minha realidade. Assim me vi como um pajé que promove a relação entre mundos/cosmogonias em busca da cura, mas nesse caso a minha própria cura, a busca de ser integral. A batalha do Ciberpajé é a batalha de ser, ser eu mesmo! Portanto o Ciberpajé não é um guru ou líder espiritual, ou algo nesses termos, ele é só um ser buscando a única revolução possível: a dele mesmo! Obviamente essa minha revolução pode sim inspirar as pessoas que entram em contato com minha obra e ideário. O prefixo “ciber”, vem da cibernética, pois o Ciberpajé utiliza-se da hipertecnologia como canal para criação, difusão e conexão com outras mentes, mas não nega outras formas avançadas de conhecimento como a expansão da consciência através de enteógenos – as chamadas plantas de poder. Nós somos o

que acreditamos ser, então o impacto simbólico de transformar-me em Ciberpajé realmente revolucionou minha vida e percepção do mundo, tornei-me ainda mais sereno, selvagem e vivo – só isso já demarca a grande importância dessa ação para mim. E a minha condição de Ciberpajé envolve o caráter mutante das verdades, é literalmente uma condição mutante, pois estou apto a reavaliar todas as minhas ideias a todo instante e não sei se amanhã, ou mesmo daqui a 1 segundo, não me transformarei novamente e mudarei meu nome, estou aberto a novos renascimentos. Tudo é possível, a minha transformação é contínua e eterna como a do cosmos!

Qual a diferença do Ciberpajé de hoje do Ciberpajé de 2011?

Avancei muito em minha revolução individual nesse tempo, e a minha vida tornou-se mais divertida e leve ao assumir-me como Ciberpajé em todos os circuitos onde circulo, inclusive o acadêmico! Não existe nada mais sagrado do que a leveza de espírito. Quanto mais sou eu mesmo, e aceito meus paradoxos, mais gosto de viver e não me incomodo com a sisudez e a tristeza do mundo – ela não me contamina. Todos se levam a sério demais, esquecem de aproveitar esse



Figura 18 – Ciberpajé fotografado por Hudson Lima, ensaio Bioma Cerrado, 2014

passaio belo e volátil chamado vida. Já completei meu primeiro ciclo como Ciberpajé, tenho 7 anos de vida, e sigo entusiasmado como uma criança diante de cada surpresa que a vida me traz!

Você torna e denomina algumas mulheres como as “SACERDOTISAS” da Aurora Pós-humana, o que são elas? Como se tornar uma?

Até hoje só 4 mulheres receberam esse codinome. Não é uma posição que as pessoas devam ter como meta, algo a conquistar, não funciona assim, apesar de várias mulheres não entenderem isso e aproximarem-se de mim buscando tal “título”. Essa foi uma forma afetuosa e mágicka de chamar algumas mulheres afinadas com o meu ideário, que estão ou estiveram bem próximas a mim e às minhas criações. Com essa ação mágicka de nomeá-las sacerdotisas integro-as ao contexto ritualístico e magístico de meu universo ficcional da Aurora Pós-humana. Inclusive a numeração não representa grau de importância, e sim a ordem em que elas chegaram no âmbito da minha convivência. Então as “Sacerdotisas da Aurora Pós-humana” são pessoas batizadas afetosamente assim por mim como uma forma de reverenciá-las pela sua participação enriquecedora em minha existência. Minha gratidão a elas, e especialmente a você nesse caso, IV Sacerdotisa Danielle Barros, por auxiliar na difusão de meu ideário através desse livro de entrevistas que conta com toda a sagacidade e inteligência de suas questões.



Figura 19 – O Ciberpajé e a IV Sacerdotisa Danielle Barros mostrando sua tatuagem do aforismo do Ciberpajé “Eterna vida breve, provarei de todas as suas cores, pois eu Sou” - demarcando o rito de sua transmutação como IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, foto de Gazy Andraus

Você disse que a qualquer instante pode abandonar o nome “Ciberpajé”, por sua característica de não ser estático e estar aberto ao fluir da vida. Contudo, ao tornar uma mulher sacerdotisa você diz “uma vez sacerdotisa, sempre sacerdotisa” - isso significa que ser sacerdotisa é mais peregrino do que ser o Ciberpajé? Qual a diferença/critério que você apreende em relação a esta comparativa?

Essa é uma questão que denota grande sagacidade e que evoca os paradoxos do Ciberpajé. Você coloca em xeque o que digo quando falo

“uma vez sacerdotisa sempre sacerdotisa”, pois é uma afirmação de “eternidade” em uma condição, e ela contradiz o fato de eu insistir na mutação eterna do cosmos e do ser! Pois bem, quando digo “uma vez sacerdotisa, sempre sacerdotisa” quero dizer que uma mulher que recebeu esse título/batismo pelo Ciberpajé não tem mais como retornar à sua condição anterior, ela está em uma busca de expansão da consciência que não tem retorno, é impossível retornar à condição pregressa! Ela agora está num processo de aceleração de mutações interiores que a levará a outros estágios de consciência, a busca de ser ela mesma, para enfim, em um estágio ainda mais avançado deixar de ser! Como o Ciberpajé, a Sacerdotisa é uma hipermutante em busca da transcendência! Ela poderá até renegar tal título um dia, ou execrá-lo, mas o que ele representou simbolicamente estará sempre entranhado em sua essência.

Há momentos em que você se sente mais profícuo artisticamente? Quando isso ocorre?

“O que está em cima está embaixo”. A busca minha é ser, ser integralmente o que sou, e quanto mais me equilibro, mais criativo me torno, quanto mais livre sou, mais criativo fico. Quanto mais me expresso de forma genuína e verdadeira mais força criativa desenvolvo. Quanto mais vivo minha sensualidade e minha selvageria mais me torno integral. A criatividade real, como já destaquei, é um ato completamente sensual. Lembro-me agora do gênio da arte Alejandro Jodorowsky e de sua verve criativa explosiva, agora já com mais de 90 anos e ainda viril, louvando o seu tesão por sua jovem esposa;

também de Pablo Picasso, que se não me engano foi pai na faixa dos 80 anos. A criatividade é fruto de nossa ligação com o cosmos e a natureza e ela acontece através de nossos aspectos assim chamados “animais”, “primais”, a sexualidade é o mais visceral deles.

Fale um pouco das dores do Ciberpajé e como elas forjam seu crescimento enquanto ser.

As dores são necessárias para forjar o espírito, para o desenvolvimento interior, são aspectos complementares, a polaridade do universo, a dinâmica pulsante. É importante aprender a recebê-las com serenidade, a mesma serenidade com que se recebem as alegrias. Devemos dançar ao sol, à chuva e durante as tempestades, pois é impossível provar a exuberância dos picos mais elevados sem passarmos pelos vales. Só os mortos não sofrem. A questão não é se vamos sofrer, e sim como lidamos com o sofrimento. Essa era da máscara virtual, criada pelas redes sociais, é uma era de extremos, na qual se percebe uma profunda negação do sofrimento, ou sua glamourização através de um vitimismo contumaz visando atrair a atenção. Sofrer é estar vivo, mas jamais devemos apegar-nos ao sofrimento ou às alegrias e êxtases, tudo é passageiro. Eu sofro, eu gozo, eu vivo!

É possível amar um ser humano que, em um dado momento da vida- tenha características desprezíveis?

O amor é um sentimento de intimidade com o cosmos, e ele começa com o ato de perdoar a si mesmo, aceitar-se. Quando você ama a



Figura 20 - Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, ensaio “Bioma Cerrado”, 2015

si mesmo, você ama o universo com toda a sua complexidade. Um ser verdadeiramente iluminado pode amar até um assassino, pois ele sabe que aquela é apenas uma faceta do outro, dentro da multiplicidade que somos. Mas esse é um estágio muito elevado, poucos humanos chegaram lá. Na sociedade globalizada monetarista comumente chama-se de amor a paixão sexual, a compaixão passiva, o protecionismo de ordem biológica, e outros sentimentos distintos, todos muito voláteis e imaturos.

Acredita em amizade entre homem e mulher que prescindam o sexo?

Isso só é possível em elevados níveis de consciência. Infelizmente o mundo ainda é pautado por jogos de interesses, as pessoas vivem de trocas sensíveis, são como mendigos, só dão carinho se recebem carinho, e a sexualidade em seus baixos níveis energéticos também funciona assim, então a chance real de um homem e uma mulher heterossexuais ter uma amizade real - uma das mais profundas formas de amor - é muito remota, mas não impossível.

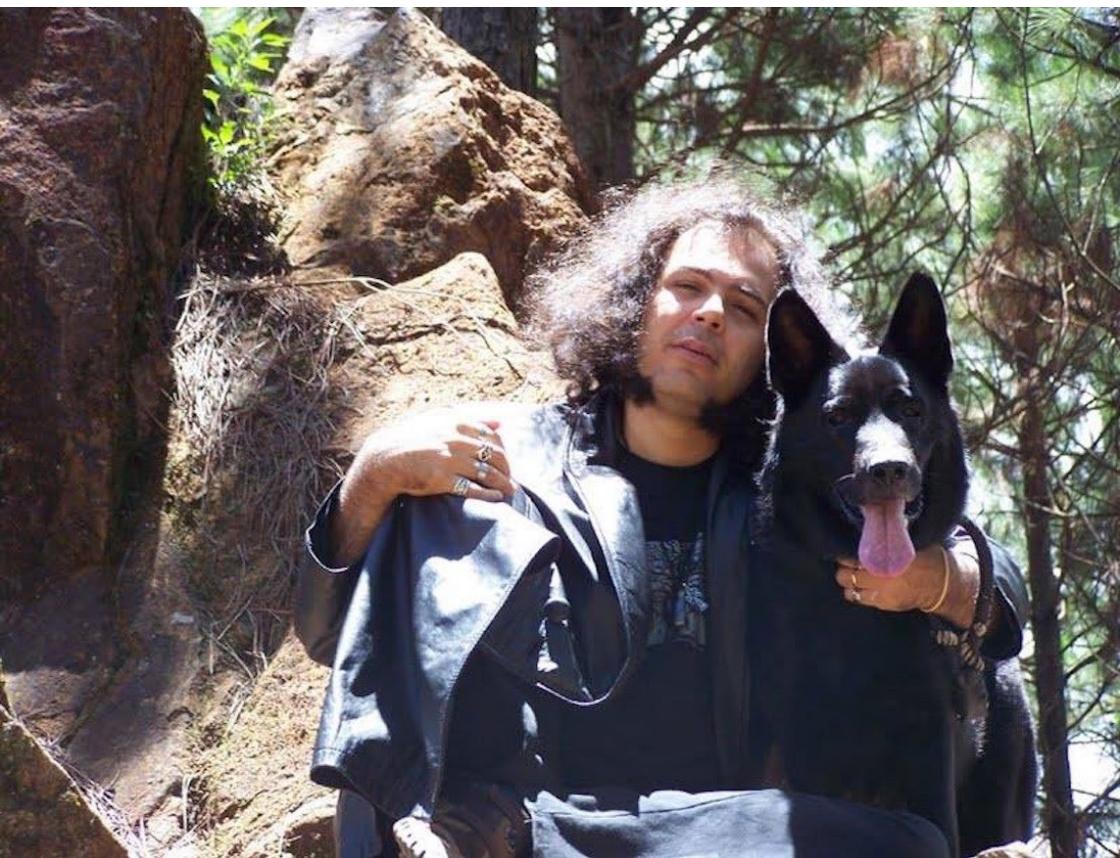


Figura 21 – Ciberpajé e cadela Orlane fotografados por Ariadne Franco

5. Aforismos e desaforismos

Embora já tenhamos conversado sobre o processo criativo de sua arte, gostaria de aprofundar o entendimento sobre como ocorre o processo de criação dos aforismos. Quando começou a escrevê-los? Como eles surgem? Quais inspirações, motivações, intenções? Conte-nos as distintas reações do público ao ter contato com essas máximas?

Só depois de minha declaração de Ciberpajé eu nomeei de “aforismos” esses pensamentos curtos que já escrevia há tempos. Essa declaração significou para mim - como todo e qualquer ritual de passagem - uma maior maturidade como pensador. Como artista reflito sobre a condição humana desde muito cedo, só que a partir desse momento me senti balizado para lançar de uma maneira mais vigorosa e corajosa esses ensinamentos que aprendi através da minha experiência ao longo da vida. Eu já escrevia esses “aforismos” na forma de poemas, ou como frases de efeito, querendo passar a minha visão de mundo e obviamente essa perspectiva permeia toda a minha arte. Algumas de minhas histórias em quadrinhos eu posso chamar de aforismos visuais, daí vieram aquilo que nós batizamos de HQforismos (eu e você, IV Sacerdotisa). Já os aforismos no contexto recente aparecem como marcas do Ciberpajé enquanto pensador. O aforismo na história da cultura está diretamente conectado

ao pensamento filosófico, ideológico ou transcendente, tem forte relação com os pensadores da condição humana, com grandes mestres iniciados. Não me considero um grande mestre iniciado, estou muito distante disso, mas apodero-me desse método informacional interessante, porque ele é curto, pretende ser direto e carrega algo de poeticidade, lirismo! Com os aforismos é possível trabalhar metafóricamente, não é um discurso fechado. Ao mesmo tempo em que você pode expressar algo que seja muito claro para o leitor, pode também ser polissêmico, como em um aforismo em que digo: “O Lobo às vezes uiva para dentro (...)”, isso permite múltiplas interpretações. Em determinados momentos sou extremamente direto no que eu quero dizer, em outros me dou o direito, paradoxalmente, de lançar mão dessa polissemia, abrir uma amplitude de interpretações. Para o Ciberpajé os aforismos são uma necessidade de traduzir em poucas palavras uma experiência vivida. Por isso que muitos aforismos surgem durante conversas, alguns surgiram durante essa nossa entrevista. Os meus aforismos têm uma característica básica: são produtos do meu agora, da minha experiência fruindo a vida, e esse é um critério meu – eu só escrevo sobre aquilo que realmente experiencio, sou rígido nesse aspecto. Meus aforismos não são reproduções teóricas do pensamento alheio, não são citações estereis. Obviamente muitos deles vão trazer rastros de pensadores iluminados que me influenciaram, no entanto quero deixar claro que só trato de coisas que eu realmente experienciei. Ou seja, os aforismos condensam a experiência de vida do Ciberpajé, são o sumo daquilo que acredito ter importância na minha busca por ser integral. O aforismo é essa sentença curta que tem uma pretensão de gerar uma

reflexão sobre a vida. São expressões pretensiosas nesse sentido, porque objetivo gerar uma transformação através da reflexão induzida por sua leitura. Isso é uma afronta no meio que circulo, a academia, pois a academia hoje tem medo de transformar as pessoas, as ciências humanas são atos masturbatórios de reprodução infinita de pensamentos alheios, verborragia estéril quase que em sua totalidade. A busca da autotransformação é criticada na academia e vilipendiada como “autoajuda”. O papel da transformação interior na sociedade ocidental atual está difundido em contextos grotescos como, por exemplo, nessas religiosidades torpes do mundo contemporâneo, visões primitivas e infantis da deidade. Infelizmente é nesses espaços dogmáticos monetaristas que as pessoas acabam tendo suas pseudo epifanias, e elas custam caro, muitas vezes 10% de seus salários. Já no âmbito da academia, que poderia transformar o homem, isso virou uma coisa démodé, chata, de esotérico, de doidão, a academia se embotou na chatice, nos egos colossais, no rancor e no discurso empolado que é cheio de retórica, mas que não traz nada de transformador. Os aforismos são subversões pretensiosas do Ciberpajé, ao tentar fazer as pessoas refletirem sobre a vida e transformarem-se. O objetivo primal de meus aforismos é a fixação daquelas experiências para mim mesmo, auxiliando minha autocura, mas se eu conseguir fazer uma única pessoa refletir sobre um aspecto de sua vida, repensar-se, os aforismos cumprem um outro papel, o de difusão de uma experiência fundante! Quanto à reação do público, por enquanto, os meus aforismos são difundidos pela rede social facebook, e também através do meu projeto musical “Ciberpajé”, em que recito meus aforismos e eles são musicados por bandas e musicistas

que afinam-se com o meu ideário, já foram lançados 21 Eps do projeto – difundidos gratuitamente na Internet -, com musicistas das 5 regiões do Brasil e um CD chamado “Egrégora” com 23 bandas de 5 países musicando meus aforismos. A rede social é o espaço em que eles se constituíram, e as reações a eles são múltiplas. Curiosamente aqueles que eu considero meus melhores aforismos, os mais potentes, são os que passam mais em branco, justamente porque não há uma identificação das pessoas com eles; já muitos aforismos que eu acho que nem têm tanta força recebem grande atenção. Por exemplo, se eu incluir a palavra “amor” em um aforismo, ele vai ter uma repercussão maior, também aforismos que envolvem aspectos da sexualidade, da sensualidade são muito acessados. Alguns desses aforismos podem ser interpretados erroneamente - segundo uma visão feminista antiquada – como máximas de submissão da mulher, mas curiosamente há uma grande identificação de boa parte do público feminino com este tipo de aforismo, o que denota para mim algo interessante, - e que entendo não como um desejo de submissão da mulher, mas um desejo de algo que a masculinidade tem perdido, - pois parece estar ficando démodé você ter uma posição masculina (o que não significa uma posição machista, é bem diferente). Também sou constantemente interpelado ou bloqueado pelas pessoas no Facebook, recebo muitas mensagens offline, com comentários, as pessoas têm medo às vezes, de se manifestar publicamente nos posts. Têm muitos alunos meus, pessoas com visões completamente contrárias ao que é dito em certos aforismos, mas eles evitam atrito com um cara que é “pós-doutor” e aquelas bobagens todas de processos hierárquicos. Percebo que as pessoas estão lendo os aforismos, mui-

tas até me criticam pessoalmente, demonstram estar acompanhando as postagens, mas não têm coragem de interpelar, de participar, no ambiente virtual. Ou seja, os aforismos incomodam e isso é bom, acho que o papel principal deles é incomodar, gerar ruído, produzir um estranhamento, porque o que eu tenho me tornado enquanto ser humano, minha visão de mundo, vai muito na contramão do status-quo do humano médio ocidental. É como aquele ditado Sufi: “eu estou no mundo, mas eu não sou desse mundo”.



Figura 22 – “Os Aforismos do Ciberpajé”, página do Facebook com mais de 3 mil seguidores. Fotos da IV Sacerdotisa Danielle Barros e de Anésio Neto

Só para provocá-lo: você sabia que o significado da palavra “aforismo” no dicionário é “sentença moral breve e concetiva; máxima” (Fonte: Mini Aurélio). Não seria esse mais um dos paradoxos do Ciberpajé, ser um criador de “sentenças morais” sendo que é um crítico da moral humana vigente?

Interessante. Eu já tinha visto o sentido e significado da palavra aforismo no dicionário. Aforismo é um termo usado por muitos pensadores e depois que eu comecei a usar fui conferir o significado, e umas das primeiras explicações no dicionário é justamente essa questão de “sentença moral”. Em certo sentido em meus aforismos o que deve ser repensado é justamente a questão da moral. O que seria essa moral? Existe alguma moral? Se existe alguma moral pode ser a moral da amoralidade! Então, o que os aforismos do Ciberpajé fazem é desconstruir a ideia de moral. Eu diria que meus aforismos são então “sentenças amorais”.

Ao descobrir o significado da palavra aforismo fiquei tentando imaginar um termo que seria mais apropriado aos aforismos do Ciberpajé, uma vez que não se tratam de aforismos “morais”. Pensei nesses e outros termos, mas não consegui chegar a um termo! O que você sugere?

Então eles seriam “desforismos”? “desaforismos” (risos). A entrevista está ficando tão rica devido às suas constantes provocações ao Ciberpajé, tem que provocar mesmo. Isso até gera o surgimento de

neologismos! Mas veja, a nossa espécie, viciada na ideia de grupo, de conglomerado ideológico e dogmático odeia os que cometem DESAFOROS, assim é desafiador seguir cometendo-os, mas só se vive de verdade no olho da tempestade!

A arte do Ciberpajé (desenhos e aforismos) tem sido tatuada pelas pessoas tocadas por suas obras. Como você se sente ao ver sua arte tatuada nas pessoas?

Penso que existem dois lados dessa questão. Um é o do ego, presente em todo artista. Tenho vivido um momento de muita reflexão sobre o sentido do que eu crio pelo seguinte: porque no passado eu tinha a ilusão de que minhas criações se perpetuariam, de que eu estaria sempre “vivo” através daquilo que criei. Descobri que era apenas uma ilusão inocente, infantil. Muitos procuram uma carreira, o mundo da arte, ter um filho, escrever um livro, as pessoas têm esse apego em perpetuarem-se na existência, ter uma continuidade. Trata-se apenas de uma imaturidade interior essa necessidade obsessiva de perpetuar-se. O que é a história humana? O universo? Não existe tempo, é infinito. Se começarmos a contar a história humana a partir de 8.000 anos atrás já não sabemos direito o que aconteceu, está tudo nebuloso. E o que são 8.000 anos na história do Universo? Nada! E como eu posso alimentar a pretensão de perpetuar-me? Caminho pelas cidades e dou risada da pretensão humana, pois vejo nomes de pessoas nas ruas, viadutos, praças. E, na maioria dos casos, ninguém mais sabe quem foram essas pessoas. Hoje mesmo eu estava observando em minha viagem, vi o Terminal Leonel

Brizola, é alguém que eu conheço, mas imagino que muitas crianças que entram de ônibus naquele terminal e leem “Terminal Leonel Brizola”, não saberão quem foi o tal Leonel. A rua da casa da minha família, em minha cidade natal Ituiutaba, chama-se Aristides Junqueira, eu não sei quem foi ele, meu pai me contou que era de família importante, mas ninguém mais sabe ou se importa em saber! Eu não quero ter uma estátua, não quero ter um busto, não quero ser um nome de rua, não quero perpetuar-me em minhas obras, não quero que nada que eu diga tenha sentido pro futuro, o que eu quero é que as coisas que eu crio tenham sentido agora! Sinceramente, isso não me interessa mais, não me interessa morrer e ter meu nome em uma rua, que bobagem! Tudo vai desaparecer! Nós não somos donos de nada! O homem adquire uma casa? Olha que ridículo: “ah, eu comprei uma casa”, eu comprei? Como você pode comprar algo assim? Aquele lugar existe no planeta Terra muito antes de você sonhar em existir, já estava lá. E quando você desaparecer, ele vai continuar lá enquanto esse planeta existir, e eu idiotamente, nessa minha ínfima existência, me declaro dono daquele espaço? Dono daquela casa? Ah, o homem é uma criatura muito divertida! (risos) Ele se considera dono das coisas “eu sou dono“! Ninguém é dono de nada, nem nunca será dono de nada! Você só pode ser dono do seu agora, a única coisa que você tem é o agora, e é o bem mais precioso! Tive que desconstruir algo que tinha sentido pra mim enquanto artista no passado: “Olha, essa pessoa tatuou um desenho meu, que coisa, eu sou um cara importante agora! Vai carregar na pele até morrer o desenho!”, pura vaidade imatura. Você, Danielle, fez algo que ninguém tinha feito ainda, tatuou um aforismo meu. E depois alguém

também tatuou, e curiosamente o mesmo aforismo! Isso transcende minha compreensão, mas acredito que quando alguém escolhe algo para tatuar, um desenho, um aforismo ou qualquer outra coisa, escolhe porque aquilo tem um sentido para ela, tem grande importância. Tenho tentado recolher fotos de todos os meus desenhos que foram tatuados, mas é muito difícil, eu peço às pessoas que tatuam desenhos meus para me enviarem arquivos com as fotos, mas a maioria não faz isso. Tenho mais de 30 fotos de pessoas tatuadas com minhas artes, mas pelas minhas contas mais de 150 pessoas já tatuaram artes minhas na pele. Qual o sentido disso para mim? Esses trabalhos não são meus, tudo que eu faço, todos os desenhos que criei são da humanidade, expressões de uma espécie, de uma era. Eu sou só uma antena, o artista ele é uma antena cósmica – como dizia Ezra Pound -, ele captura imagens arquetípicas, transcendentais, da essência do universo e traduz essas imagens. Então eu sou só um tradutor de imagens cósmicas. O que eu sinto diante de alguém que tatuou minha arte, hoje? Eu simplesmente abomino a vaidade de dono da criação, porque eu acho que isso não tem sentido, porque tudo é volátil na eterna mutação universal. A pele vai apodrecer, vai acabar, o papel vai deteriorar-se e mesmo bancos de dados digitais têm se mostrado frágeis. Tudo vai embora. Então o que me alegra quando alguém tatua algo que criei é o significado que aquilo tem para aquela pessoa! Como por exemplo, o aforismo que você selecionou, ele tem toda uma história, ela fala sobre o agora, a capacidade de fluir o agora! Uma das grandes dificuldades do ser humano. Por exemplo, agora estou aqui com você te dando essa entrevista, nada mais me importa nesse momento. Mas nem sempre eu consigo fazer

isso, é um exercício constante o estar centrado no agora. Quando faço isso consigo me livrar de ansiedade, tristeza, me desligar de certos aspectos negativos que nos atrapalham o fruir da vida. Ao vir para Leopoldina (N.A.: parte dessa entrevista foi realizada na cidade de Leopoldina, MG) eu inicialmente pensava no destino da viagem, mas no início da jornada fiquei absorto pela paisagem exuberante, nunca tinha viajado nessa estrada de Petrópolis. Pensei “é tão mágico”, e me esqueci de tudo, tornei-me aquela paisagem. Isso é algo que eu conseguia antes só durante a criação artística, mas agora consigo em boa parte do tempo. Nesse caso, em boa parte da viagem até Leopoldina eu consegui realmente abstrair passado e futuro, sem me preocupar com nada, palestras para ministrar, só existia o momento, a paisagem. Quando você está no agora, você dilui o ego, pois o ego só pode existir no passado ou no futuro. Outro exemplo, agora durante a entrevista, você é minha paisagem, estou concentrado em suas questões, e de certa forma me diluo em você. Mas é importante dizer que no mundo que vivemos é impossível nos livrarmos de nossos papéis sociais. Você tem que jogar o jogo social, é impossível não jogar esse jogo. Mas é fundamental compreender que você não é apenas o jogador, você é algo muito além disso. Infelizmente, da forma como a humanidade se constituiu atualmente, é impossível você não jogar certos jogos sociais! A vida deve ser vivida. Do contrário você vai tornar-se um asceta e o ascetismo não é algo que me interessa enquanto ser humano. Existem dois caminhos básicos para você alcançar a plenitude e o equilíbrio. Um deles é o ascetismo, mas é um caminho doloroso, da negação da vida, e o outro é o caminho da aceitação da vida e de seus prazeres e dores, não negar aquilo que

você é e suas potencialidades. Porque você é um animal, um ser instintivo, um produto da natureza. Mesmo que você não acredite em nada, seja ateu, mesmo assim aceitará o fato de que é um produto da complexidade da natureza e isso já é divino. Você nasceu da profunda complexidade cósmica da natureza, e tornou-se cômico dessa natureza. Como enamorar-se dessa complexidade? O que essa complexidade tem de ruim? Ela tem de ruim justamente a obsessão com o passado e com o futuro, porque os animais não têm essa obsessão. Eu passeio com meus cães quase diariamente, o cão está absorto no instante. Durante a caminhada ele não se preocupa em nenhum momento com o que aconteceu antes ou com o que vai acontecer depois, então tudo é interessante para ele! Cheirar uma moita, urinar em um pedaço de madeira, se vê outro cão ele vira a cabeça e fica empolgado, ao sentir um odor diferente, ele se entusiasma. Há sempre uma empolgação sem precedentes em um passeio para o seu cão. Faça um passeio com um deles e observe-o. Ele está absorto sempre, fique absorto também, observe o lugar, esteja presente nele, totalmente, esqueça passado e futuro, desligue a mente. Uma mania que também destrói a capacidade de estarmos absortos no instante é a mania de “adjetivação”. Ao estarmos diante de um pôr do sol não conseguimos fruí-lo em silêncio, temos que usar um artifício mental classificatório: “ah, que por do sol lindo!”. Isso desloca e reduz, faz-nos perdermos o foco e entrarmos nessa reflexão muito conceitual, mental, racional. Devemos tomar cuidado para também não ficarmos obcecados em realizarmos tudo na vida, aceleramos a fruição pela quantidade. Como Rajneesh destaca, segundo a cultura judaico-cristã temos uma única vida a ser vivida, e isso torna-se um pro-

blema. Na mitologia hindu, a tradição do carma, você vai ter muitas vidas. Não precisa acreditar em carma, não é esse o caso, mas Rajneesh diz algo belo, se você tiver pelo menos metaforicamente a perspectiva do carma, de que você pode ter muitas vidas, não vai acelerar o passo, se desesperar. Algo importante de quando eu falo do “aproveitar a vida”, o “carpe diem”, é introduzir o “sem pressa” junto, senão você vai ficar louco, senão vira “vida louca”, “ah eu vou aproveitar, vou me drogar, vou ao limite etc...” e não é nada disso que eu estou falando e sim aproveitar o agora. Se você realmente estiver no agora, as mínimas coisas começam a ter sentido. Você foge da mania de categorização do mundo. Como por exemplo: “Ah, eu já conheci muitas mulheres, então eu sei o que é a mulher: mulher é isso, tem um comportamento assim etc.”. Ou seja, você observa meia-dúzia de mulheres e categoriza o gênero. E nosso mundo é ridiculamente assim, mesmo esses movimentos libertários ridículos, eles destroem a individualidade, colocam toda a diversidade humana em compartimentos: O Negro, A Mulher, O Homossexual, O Evangélico – um reducionismo idiota! Por que nenhuma revolução deu certo e nunca vai dar certo? Porque nenhuma revolução considerou a individualidade. Todas as revoluções são para grupos e não existe grupo, existe somente o indivíduo. Todo indivíduo é um universo. Quando você encontra um indivíduo você está encontrando um universo extremamente complexo, único, lindo. Então quando você encontra, por exemplo, uma mulher que nunca viu, você está encontrando um universo, nunca você encontrou essa mulher, nunca você vai encontrar outra mulher assim, é algo único. Nunca mais vai existir alguém assim, nunca existiu alguém assim. Se conseguir

atingir essa percepção você começa a maravilhar-se. Se você resgata isso da sua criança interior - para a criança tudo é maravilhoso: o desenho no papel é maravilhoso, o bichinho na parede é maravilhoso, a conchinha na praia é maravilhosa, tudo. A cultura tem seu lado positivo e seu lado destruidor, ela nos faz perder essa capacidade de nos maravilharmos. Por quê? Porque passamos a classificar tudo. A concha: “ah, já sei o que é uma concha!”. Então não vai ser emocionante ver uma concha! Eu acho que eu conheço todas as conchas, e eu esqueço que cada concha é uma concha! Não tem uma concha igual a outra, a repetição nunca vai acontecer na natureza! Voltando à sua pergunta, tatuar é você criar uma marca permanente na pele. Sabemos que existem tecnologias para tirar uma tatuagem, mas são muito complexas, vão deixar marcas, então a tatuagem no momento em que é feita tem um significado muito profundo para a pessoa. E eu acho que ela traduz algo de profundamente íntimo. Mas qual que é o perigo da tatuagem? Nós somos criaturas mutantes, só que nós não aprendemos isso, temos uma dificuldade muito grande de percebermos essa característica da vida porque existe um apelo midiático no mundo ocidental baseado na imberbe ideia do romantismo, da paixão, do apego, uma imagem totalmente diversa da percepção de que somos mutantes. Nós somos mutantes em todos os sentidos, biologicamente isso é algo até óbvio. A questão do envelhecimento demarca isso, e percebe como o envelhecimento é algo cada dia menos aceitável na sociedade ocidental, justamente porque existe essa obsessão, essa incapacidade de perceber que nós somos criaturas mutantes, e envelhecer é parte desse belo processo. Por isso a tatuagem tem esse sentido dúbio para quem a escolhe. Quando a pessoa

tatua, pode ser algo profundamente significativo, mas eu já ouvi muitos dizerem - anos depois de terem se tatuado - que aquilo já não tem tanto sentido. A pessoa tem que entender que aquilo fez parte de um processo de vida. Se a pessoa escolheu minha arte para tatuar-se, ela está denotando uma grande afeição, admiração e identificação com aquela arte. Por isso qualquer um que quiser tatuar um desenho meu, tem meu aval! Recentemente um amigo tatuou sem me avisar e já mostrou o resultado, foi o músico Silas Demétrio, amigo por quem tenho grande afeição. Ele tatuou “O Sereno”, uma das chaves do Ciberpajé! Ele me falou: “de todas as chaves essa é a que mais me marcou e eu quis marcá-la em minha pele”. Isso é sensacional! Assim como você, que fez uma surpresa, algo que aconteceu dentro de um processo interessante de nós nos conhecermos, da sua identificação com o Ciberpajé e com esse aforismo em especial. Ao tatuá-lo em sua pele ele perdeu essa questão de autoria, passou a ter um novo significado, tornou-se um texto vivo, pois ele caminha contigo para onde você vai. Muitos ainda vão questioná-la sobre o significado dele ao longo da sua vida e ao longo das suas mutações, assim muitos outros significados virão para este aforismo, outras interpretações. Isso acontece com qualquer signo, qualquer imagem. O importante é torná-lo algo rico durante a sua história de mutação e te entender como um ser mutante e não um ser estagnado, parado, com essa demarcação, com algo que você fez na sua pele.



Figura 23 – A tatuagem de Silas Demétrio da arte chave da transmutação em Ciberpajé “O Sereno”

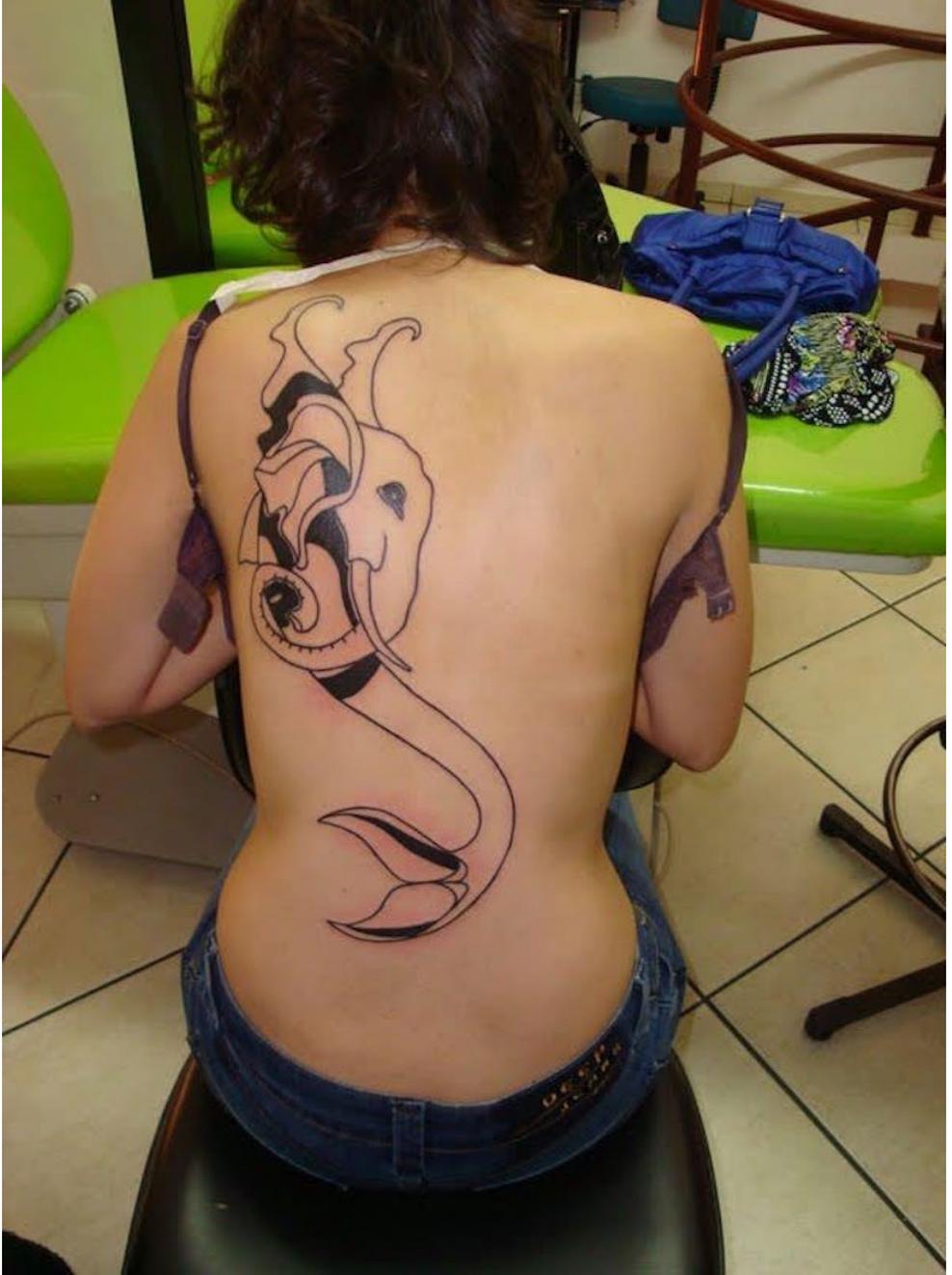


Figura 24 - Talyta Lago e a tatuagem de uma criatura da “Aurora Pós-humana” que traz a leveza da borboleta, a força e majestade do elefante e a sinuosidade de uma sereia. Signos que a representam



Figura 25 - Criatura gênese do equilíbrio transcendente do universo ficcional da “Aurora Pós-humana”, arte do Ciberpajé. Foi tatuada pela pesquisadora do pós-humano e III Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, Lillian Bento, doutora pela Unicamp

6. Antepassados, família, desapego, viagens astrais e adogmatismo

Conte como os antepassados de Edgar Franco influenciaram e forjaram o Ciberpajé de hoje (na arte e na visão de mundo, valores etc.)?

Sabemos que o equilíbrio interior depende de uma relação harmônica com a nossa árvore genealógica, fundamentalmente com nossos pais e avós. Se tivermos um conflito enraizado com qualquer um deles, dificilmente teremos uma vida plena, serena e saudável. Grande parte das doenças do espírito e do corpo surge da inaptidão para lidar com os problemas naturais que temos com nossos pais, e da incapacidade de os perdoarmos e desenvolvermos o amor incondicional a eles. Portanto, desde muito cedo aprendi a importância de reverenciar meus pais, avós, bisavós, tataravós, tios, primos e todos que compõem minha genealogia provinda de muitas etnias e países, pois tenho bisavôs libaneses, portugueses e índios, tataravós negros e índios, o que me transforma em um legítimo vira-latas humano, dos mais resistentes e empáticos que existem. Falarei aqui brevemente de minha descendência direta, meus pais e avós. Meu pai é o maior de todos os meus mestres e o meu melhor amigo, foi ele quem propiciou – juntamente com minha mãe – as bases para eu ser quem

eu sou. Desde cedo vivi em um ambiente rodeado por livros, por arte e cultura, mesmo vivendo em uma pequena cidade interiorana. Meu pai, Dimas Franco, é um intelectual e místico autodidata, alguém que intuitivamente, ainda na adolescência, descobriu a força dos livros e do conhecimento para a transformação da realidade, e mesmo não tendo cursado universidade, é a mente mais brilhante que conheci em minha vida, além de ser extremamente sábio e humano. Em 2013, a ALAMI, Academia de Letras, Artes e Música de Ituiutaba, da qual sou membro, prestou uma homenagem a ele entregando-lhe o troféu “A Enciclopédia Viva do Cinema Ituiutabano”, reconhecendo-o como o maior conhecedor de cinema da cidade. Ele inclusive já deu várias entrevistas para a TV local, sempre falando de cinema. A paixão pelo cinema é uma de suas facetas fascinantes. É incrível o que ele conseguiu culturalmente, se levarmos em conta que só conheceu uma cidade aos 10 anos de idade, aprendeu a ler numa escolinha de fazenda que era dentro de um chiqueiro e nunca teve apoio nenhum do pai. Recordo-me de uma história mágica de sua infância. Quando mudou com a família para a cidade de Ituiutaba, vindo da fazenda, ele tinha 10 anos, ouviu falar do cinema da cidade, ele nunca tinha ido a um cinema, o ano era 1950. Então ganhou de presente da mãe, ele e os irmãos, ingressos para irem pela primeira vez ao cinema. Foi com os 3 irmãos mais novos. Para ele foi uma experiência inacreditável, mágica! Era um western, meu pai amou aquilo, não entendeu de onde vinham aquelas pessoas, como aquilo podia estar acontecendo ali na sua frente. No final da sessão ele pediu ao Paulo, o irmão abaixo dele, que levasse os dois mais novos para casa. Paulo perguntou-lhe por que e ele ficou calado. De-

pois que os irmãos já tinham ido embora e todo mundo também, ele saiu, pulou o muro do lado do cinema e caminhou até por trás da tela, ele queria ver o que tinha lá. Achou que cavalos e atores poderiam estar ali! Mas viu que só tinha uma parede. Ficou estupefato e ainda mais encantado! No outro dia quis ir de novo, mas não tinha dinheiro, aí teve que inventar estratégias para ganhar dinheiro para frequentar o cinema. Ele era muito habilidoso com as mãos, e já esculpia. Começou a fazer pequenos revólveres de madeira que funcionavam com elástico e jogavam pedrinhas longe. Vendia-os para outros meninos. Com o que ganhava ia ao cinema e depois começou a investir em outra paixão, comprando quadrinhos. Mas meu avô, Jonas, era muito severo, achava cinema, quadrinhos, literatura, tudo isso um lixo. Assim meu pai tornou-se a “ovelha negra” para ele por esses “gostos esdrúxulos”. Quando tinha 12 anos meu avô descobriu um baú em que ele guardava sua coleção de quadrinhos e jogou tudo na cisterna, pois uma irmã dele tinha ouvido falar que quadrinhos geravam delinquência – com certeza reflexos do livro “A sedução dos Inocentes” que demonizava as HQs, escrito pelo psicólogo estadunidense Fredric Wertham. Meu pai foi um herói, pois ele enfrentou tudo isso sozinho, nunca abdicou dessas paixões, mas não teve nenhum incentivo. Se tivesse com certeza teria sido escultor, ou cineasta, ou coisa parecida. Mas ele mudou o paradigma geracional e comigo foi diferente, SEMPRE INCENTIVOU MEUS TALENTOS, FOSSE O QUE FOSSE! Eu tive sorte, muita sorte. No exército, ele fez tiro de guerra em Ituiutaba, era o desenhista da turma, fazia quadros de notas, brasões de armas, mas ao mesmo tempo trabalhava em um bar com meu avô. Uma vez estava desenhando um quadro,

todo a nanquim, que incluía o brasão de armas do tiro de guerra, o nome de todos os 100 recrutas de sua turma e as notas em cada quesito. Demorou 6 dias fazendo e estava finalizando-o, usava uma mesa no fundo do bar para desenhar. Ele era o responsável em fritar os salgados do bar. Seu pai já estava implicado com ele desenhando, no dia que estava finalizando o desenho, tinham muitos clientes, meu avô pediu para ele fritar pastéis duas vezes, ele fritou, acabaram. Da terceira vez ele retrucou: - espera aí! Meu avô veio furioso, pegou o vidro de nanquim e derramou-o todo sobre o desenho, destruindo o trabalho de uma semana. Mas meu avô não tinha culpa, foi criado com o lado mais perverso do machismo, trabalhou boa parte da vida como boiadeiro levando gado do Triângulo Mineiro para Barretos (SP), e sofreu uma decepção quando a profissão acabou devido ao transporte rodoviário. Teve então que ir morar na cidade. Minha avó paterna, Ana, é descrita por meus pais, tios e mãe, como uma mulher extremamente doce, serena, de um coração grandioso, e que conviveu com muitas intransigências e ignorâncias do marido, sempre de forma resignada. Defendia os filhos em todas as situações de embate com meu avô, e tinha por eles um carinho descomunal. Morreu muito jovem de infecção renal. Às vezes sinto sua presença em minha vida, como um sussurro leve pedindo-me serenidade, trazendo harmonia para minha realidade. Meu avô perseguiu meu pai por toda a juventude e boa parte da vida adulta, acreditava que desenho, arte, quadrinhos, cinema, leitura, não eram coisa de homem, eram porcarias. Eu convivi com ele por muitos anos, e felizmente no final da vida redimiou-se com todos, tornou-se um velho pacato e até religioso, desenvolvendo uma boa relação com meu pai, que nunca

teve ódio dele, sempre sendo amoroso e compreensivo. Isso foi uma lição de tolerância e amor incondicional para mim. Ele nunca negou como seu pai foi cruel, mas não guardou nenhum ressentimento. ISSO É GRANDIOSO! Vivemos em um mundo de ressentimentos, as pessoas destroem as relações com seus familiares, amores, amigos, por não terem a capacidade de perdoarem. Meu pai ensinou-me a importância crucial do perdão. Minha mãe, Alminda Salomão, é certamente a mulher mais forte, resiliente e amorosa que já conheci, seu senso de realidade, sua compaixão para com animais, vegetais e seres humanos, forjaram-me, seu espírito alegre e sua energia incomparável ajudaram-me a ser a pessoa entusiasmada que sou, pois ela sempre realizou o seu trabalho cantando com sua voz lindíssima e afinada. Sua trajetória de vida também é uma história de força e quando menina seu pai apelidou-a de Gibi, não porque ela gostava de quadrinhos, mas sim porque ela era bem morena e lembrava-lhe o meninote das capas do almanaque Gibi, que meu avô certamente lia! Meu avô materno, que eu não tive a honra de conhecer, era mago, um famoso benzedor que também tinha uma história trágica de vida. Seu nome era Sebastião, era sapateiro de profissão, e sua existência demarcava um paradoxo, pois era um benzedor-assassino! Todos dizem que era um homem justo, honrado, trabalhador e misterioso. Tornou-se famoso benzedor em sua última década de vida, pessoas vinham de outras cidades para serem benzidas e curadas por ele. O paradoxo é que ele era um assassino confesso, passou 8 anos na cadeia. E o pior, matou a tiros duas pessoas desarmadas. Ele assassinou sua primeira esposa e o amante, pegou os dois na cama e matou-os a tiros. Dizem que sabia que eram amantes e foi frio,

acompanhou-os em segredo, para pegá-los no ato. Tinha três filhos com ela. Foi para a cadeia, pegou 20 anos e cumpriu 8 por comportamento exemplar. Quando saiu da cadeia tinha 45 anos, aí conheceu minha avó que tinha 15 e se casaram. Viveu 70 anos, tiveram 11 filhos juntos. Apesar dessa história trágica e aterradora em sua vida tornou-se um místico, um homem bondoso e com a energia da cura. Minha mãe conta muitas histórias sobre suas capacidades místicas, incluindo premonições certas e telecinesia. Mamãe sempre diz que herdei dele alguns desses dons. Minha avó materna, Maria Linda, com quem tive a honrosa chance de conviver por mais de 20 anos, era um exemplo de matriarca forte, honesta e determinada. Ficou viúva aos 40 anos de idade e nunca mais se casou, desdobrando-se para criar os 9 filhos (dois morreram na infância). Enfrentou grandes dificuldades financeiras e venceu todas. Não era daquelas avós que dão colo pra neto, mas mostrava seu afeto e carinho através da comida saborosa que preparava, elogiava muito minha maturidade, pois via-me como um homem desde muito cedo. Lembro-me dela com muita reverência e amor. Teve uma morte serena e rodeada pelos filhos aos 83 anos de idade. É fundamental falar também de um tio de meu pai que não tive a chance de conhecer, um dos irmãos de minha avó Ana. Chamava-se Vadico, e foi através dele que meu pai, antes de conhecer uma cidade, conheceu a arte, a literatura e ouviu falar de cinema. Vadico era um homem habilidoso, criativo, gostava de desenhar, esculpir, e criava maquinários a partir de sucata. Meu pai relata que uma das grandes emoções de sua infância era visitar seus avós para então estar com tio Vadico, que lhe mostrava livros, a revista Seleções, quadrinhos e também as esculturas/ma-

quinários e desenhos que fazia, ele foi o responsável por incutir na mente de criança de meu pai o interesse pela arte, leitura e ciência. Era diferente de todos os outros homens da família que só falavam de fazenda, gado, plantação, cavalos, e por isso era execrado pelos irmãos e pelos pais, pois não tinha interesse na lida da fazenda. Com isso foi sentindo a perseguição da família por suas paixões tão diferentes e acabou tornando-se alcoólatra e morrendo de cirrose aos 33 anos. No dia de seu sepultamento meu pai, então com 15 anos, foi o responsável por lavar o seu cadáver e vesti-lo para colocá-lo no caixão. Foi solicitado a realizar essa tarefa pelo amor que tinha ao tio e conta que esse foi um dos momentos mais tristes e dolorosos de sua existência, ter que preparar o corpo daquele homem para nunca mais vê-lo, uma das pessoas que mais amava e admirava. Ao mesmo tempo em que relata a dor profunda, destaca a honra de ter sido incumbido para tal tarefa. Meu pai fala de Vadico com profundo amor e reverência, como um artista que sucumbiu pelo desamor dos entes queridos, por não ser aceito. Eu devo também a esse tio que não pude conhecer, ser quem eu sou, em certa medida sinto-me responsável por fazer dos seus sonhos tão sofridos a minha realidade de vida! Hoje sou um artista amado pelos meus familiares, realizado com minhas criações e devo muito disso a esse homem que um dia foi execrado por ser artista. Carrego em mim muito de meu tio Vadico e sinto sempre sua presença cósmica dando-me forças! VIVA TIO VADICO! Para finalizar fecho com um aforismo que escrevi recentemente durante uma visita aos meus amados pais em Ituiutaba (MG): *Mergulhado nesse instante, ouço mamãe cantando na cozinha, enquanto afetuosamente prepara o jantar, meu pai entusiasmado as-*

siste a um documentário sobre a Terra. Caminho até a sala apertada da pequena casa digna em que eles vivem, olho para ele com um olhar de reverência e profundo amor e meu pai responde-me com seu característico sorriso de canto de boca, enquanto acaricia a cadela Lady em seu colo. Vou até a cozinha e fico no portal, sem que mamãe perceba, ela corta legumes e canta com sua voz maravilhosa, uma das canções que nunca escutei na voz dos cantores originais, só na dela - sei muitas letras de cor - e o seu canto é talvez a forma mais mágica de serenar o meu coração. Aos pés dela estão os cães Gagarin e Mel, mesmerizados também pelas densas melodias. Sinto a profunda conexão entre nós, o amor entre meus pais que gerou-me e que me faz ser o que sou, tudo que vivemos juntos, nesses meus 47 anos de vida, dramas, alegrias, dores, êxtases. Sempre que estou com eles os abraço e declaro meu amor absoluto, mas nesse momento mergulho em um profundo silêncio, um silêncio reverencial, como se eu estivesse no mais fabuloso dos templos, embevecido e agradecido, e na verdade, eu estou! Se fosse possível congelar o tempo, eu viveria esse momento por uma pequena eternidade. Mas contento-me com o glorioso agora fugidivo que experiencio em toda sua intensidade. (Ciberpajé - 18:43hs - 19/04/2019 - Ituiutaba - MG).



Figura 26 – Ciberpajé e seus pais Almindra e Dimas Franco durante entrega do prêmio Mérito Cultural da ALAMI – Academia de Letras, Artes e Música de Ituiutaba, MG, a qual integra. Foto de Anésio Neto 2011



Figura 27 – O Ciberpajé e seus pais em um momento alegre em Ituiutaba, MG, 2013. Foto de Rose Franco



Figura 28 – O Ciberpajé e seus pais fazendo a clássica “pose acadêmica”, na oca do Ciberpajé, em Goiânia. Foto de Rose Franco

Você tem uma irmã que mora há anos na Alemanha, e outra no Brasil. Fale-nos delas.

Sim, a Ariadne Franco é minha irmã por parte de pai e mãe, com quem convivi em minha infância e até os 19 anos quando fui morar em Brasília para cursar a UnB. A outra irmã é a Aline Moura, só por parte de pai, com quem pouco convivi. Amo ambas incondicionalmente. Ariadne nasceu quando eu tinha 7 anos, e a princípio fui

meio enciumado, mas ao longo dos anos fomos desenvolvendo uma profunda amizade, algo mágico e incomum. Ela é muito talentosa e criativa, tem múltiplos talentos, desenha, costura, molda, esculpe, graduou-se em jornalismo na UEL (Londrina) e concluiu um mestrado em língua inglesa na Universidade de Regensburg (Alemanha). Mora na Alemanha há 15 anos, foi para lá após casar-se com Christian Rengstl – que considero como um irmão – e eles têm dois filhos lindos dos quais sou padrinho, Diana e Vigo. Mesmo distantes mantemos muito contato e a cada dois anos ela vem ao Brasil com a família toda e passamos um mês juntos, é sempre sensacional! Ariadne é uma das pessoas mais sensíveis e incisivas que conheço, tem uma inteligência incomum e um espírito nobre e empático. Sobre Aline Moura, o que posso dizer é que a conheci quando ela já era adolescente, e sempre fomos muito afetuosos um com o outro. Ela tornou-se uma mulher linda, chegou a fazer comerciais para TV, hoje está casada, vive em Ituiutaba e tem também dois filhos lindos, a Ana Vitória e o João.

Quem é Rose? Como se conheceram? Como ela encara o Edgar Ciberpajé de hoje e o assédio feminino? Qual a influência da Rose em sua arte e criações?

Rose é um mistério profundo de feminilidade, uma das magníficas fontes de energia cósmica que alimenta minha criação, ela é a minha companheira e a I Sacerdotisa da Aurora Pós-humana. Conectamos nossas energias através do aspecto telúrico de nossa existência. Somos da mesma cidade, Ituiutaba, no Triângulo Mineiro. Conhece-



Figura 29 – I Sacerdotisa Rose Franco, Ciberpajé, Ariadne Franco, Christian Rengstl , Diana e Vigo. Na Oca do Ciberpajé, em Goiânia, 2017

mo-nos há 28 anos em um episódio exemplo da profunda atração entre opostos, ela estava auxiliando na quermesse de uma igreja local e eu era já um criador de fanzines conhecido por alguns como rebelde. Ao nos encontrarmos, sua primeira pergunta para mim foi se eu era “um anticristo”. Estava selada a união. Rose sempre me auxiliou na geração de um ambiente propício às minhas criações, e tornou-se também uma alquimista criativa do paladar, sua arte é a culinária vegana. Navegamos juntos pela vida, Rose tem noção do que sou e represento, portanto lida com serenidade com as consequências disso.



Figura 30 – Aline Moura, o Ciberpajé e sua sobrinha Ana Vitória, em Ituiutaba, 2014



Figura 31 – Ciberpajé e I Sacerdotisa Rose Franco, foto de Antár Mikosz, 2015

Quando Rose te perguntou se você era “anticristo” o que respondeu a ela? Por que esta pergunta selou o encontro de vocês?

Antes de nosso encontro, ela tinha visto um de meus fanzines, o Agonia Azul, dado pelo hoje premiado escritor Whisner Fraga à sua irmã Ana Maria, que foi paquera de Fraga. Nesse zine, na última página, eu fiz uma HQ em que um homem se masturbava ao ver o fim do mundo chegando através de uma hecatombe nuclear e a narrativa incluía a quebra de um enorme crucifixo. Rose era ajudante de quermesse, e participava de grupo de jovens católicos da igreja, mas tinha um espírito crítico e algo a assustou e ao mesmo tempo a atraiu naquela narrativa herege. E quando aproximou-se de mim perguntou-me se eu era anticristo por causa da referida HQ, a pergunta gerou a conversa longa que transcendeu dogmas e deflagrou a nossa conexão profunda.

Notei em sua arte algumas “séries” como “Rabiscando sonhos lúcidos”, “As chaves do renascimento”, “Ciberpajés”, “Enteogênicos” e uma mais recente que não tem denominação, que fez muito sucesso com o público que te acompanha. O que essas séries expressam/representam? Um novo universo plástico? Novas incidências cromáticas, combinações de traços distintas? Novas inspirações?

Na tradição da história da arte a geração de séries por artistas é muito comum, algumas vezes elas sinalizam um novo exercício plásti-



Figura 32 – Ciberpajé e I Sacerdotisa Rose Franco, antes de performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG, 2013. Foto de Larissa César de Almeida

co, noutras a exploração de um conceito ou a investigação de uma determinada poética. No meu caso as séries costumam ter um viés conceitual que contamina-se por uma determinada estética, definem também experimentos fundamentais para não estagnar-me como artista e criador, pois a definição de um único “estilo” ou proposta significa a morte do artista. Portanto, tais experimentações são de um artista genuíno que segue como um explorador do desconhecido, um aventureiro nas infinitas sendas da criatividade!



Figura 33 – Arte da série “Desenhando Sonhos Lúcidos”, por Ciberpajé

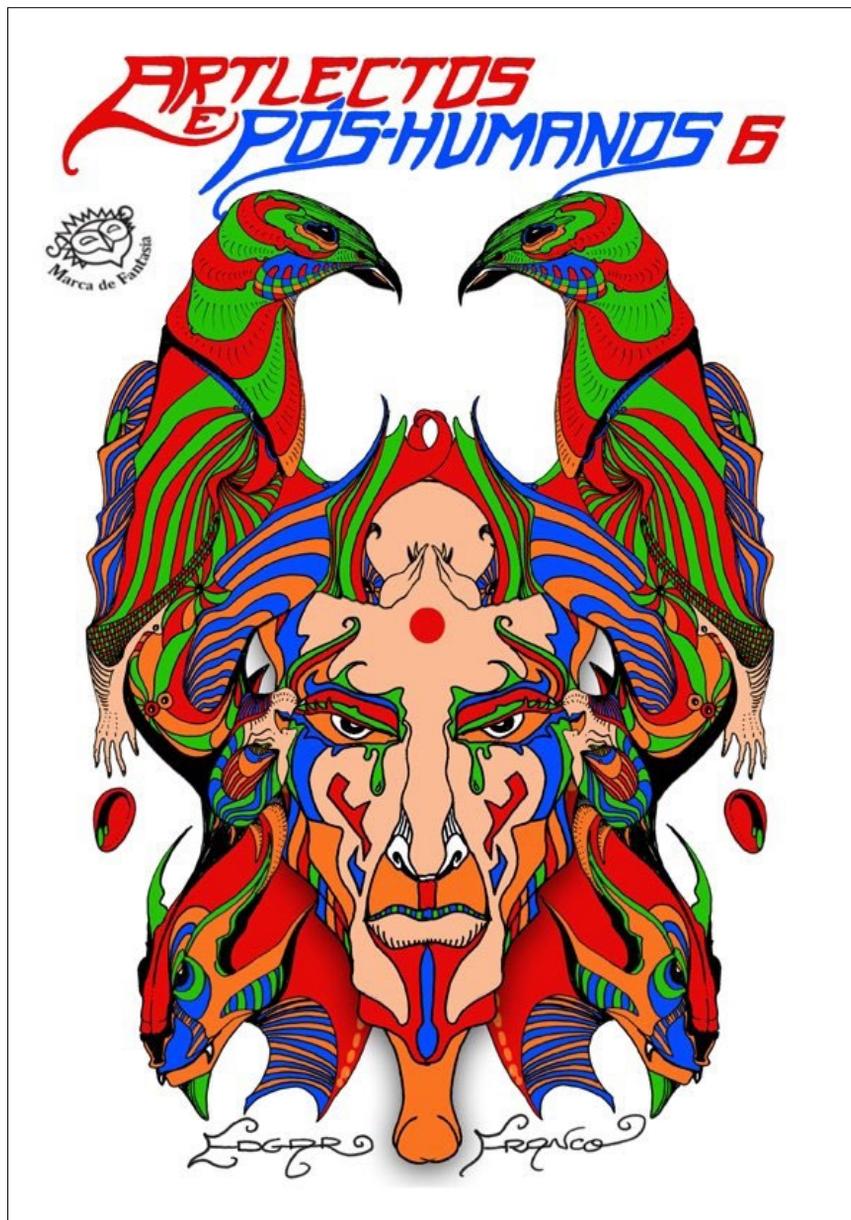


Figura 34 – Arte da série “Ciberpajés”, utilizada como capa da revista em quadrinhos “Artlectos e Pós-humanos #6” (Editora Marca de Fantasia, 2012)



Figura 35 – Arte da série “Enteogênicos”, abertura de capítulo do álbum Ecos Humanos, de Ciberpajé e Eder Santos, 2018

Por que você usou por muito tempo a alcunha Oidicius (a palavra suicídio invertida)?

Esse codinome trata do fim de uma era baseada no consumismo, egocentrismo e egoísmo! E o início de uma nova era de reconexão com nossa dimensão cósmica! OIDICIUS - Isso é um sigilo mágicko! Um sigilo de total comunhão com a vida e suas potencialidades. Pois ele inverte o sentido de desistência e niilismo que move o suicida! Mas veja bem, ele não nega o lado obscuro, por isso assusta as pessoas. É o contrário de suicídio, mas evoca também o suicídio que é o lado sombra de uma VIDA PLENA! Por isso é tão forte. Se eu digo VIDA PLENA, ninguém ouve. Se eu digo OIDICIUS, as pessoas ouvem, refletem, criticam, entendem, maravilham-se.



Figura 36 – Fotoforismo do Ciberpapé, com fotografia de Daniel Rizoto, 2017

Em uma conversa nossa você relatou ter vivenciado “viagens astrais”. O que são essas experiências? De que maneira elas influenciam, forjam/forjaram a essência do Ciberpajé? Como elas aconteceram, em que contexto?

Eu prefiro não classificá-las, não me interessa se são projeções do meu inconsciente, memória genética, alucinações, ou qualquer outra coisa. O que me interessa é fruí-las e absorvê-las para a minha integralidade como ser. Viagens astrais são só um dos inúmeros nomes possíveis para isso. Por exemplo, talvez viverei o milagre da concepção um dia, ser pai. Sei como isso é mágico. Mas não me preocupo, pois em uma de minhas viagens astrais certa vez me vi rodeado de filhos, eu tinha 16 filhos. Entendi a força que a concepção tem na minha obra, eu tive uma overdose disso em uma de minhas existências ancestrais míticas. Não estou dizendo que isso já aconteceu literalmente comigo. Mas vivi a experiência de uma maneira ou de outra, eram 7 meninas e 9 meninos, de todas as idades. Eu vivia em uma espécie de casarão, o mais velho tinha uns 30 anos e eu tinha quase 50. Eles estavam todos reunidos lá no momento. Lembro-me de olhar nos olhos de cada um, essa viagem aconteceu durante a utilização de uma das diversas técnicas mágicas de expansão da consciência. Mas já consegui resultados parecidos criando arte! Duas vezes enquanto desenhava, abri portais dimensionais. Essas coisas assustam quem tem uma formação mais cartesiana, é materialista dialético. Revelo a você porque sei que tem um forte interesse por esses aspectos da minha formação como ser. Sim, tive epifanias, visitei outros mundos! Vi seres inimagináveis e naveguei por universos inóspitos e belos. Por duas vezes eu conse-

gui transcender só com meu processo criativo e foram as experiências mais poderosas que tive. Estava totalmente sóbrio, sem uso de nenhuma substância.

Ao conhecer sua arte intuí que havia algo “a mais” a influenciando, em sua concepção. Essas viagens interferem em suas criações?

Claro, elas me proporcionam a fundamental dimensão cósmica. Eu percebi claramente como somos todos deuses e como tudo pode ser mágico. Sempre fui um ocultista, uma antena cósmica.

Sua arte é livre de dogmas e se mostra iconoclasta. Em muitos aforismos são perceptíveis diversas críticas: aos teóricos da academia, bem como a distinção entre sabedoria e conhecimento; a dogmas religiosos; fanatismos político-partidários; degradação humana e ambiental; e tantos outros. Qual o papel da arte do Ciberpajé Edgar Franco para sensibilizar as pessoas em torno dessas questões tão urgentes e pertinentes?

Vivemos na era da hiperinformação, a quantidade de mensagens disseminadas globalmente em um único segundo hoje é maior do que a disseminada em 500 anos se retrocedermos ao início da Idade Média. Como ser relevante nesse contexto? Dentre tanto lixo informacional pululando nas telas de smartphones? Durante milênios o desafio da humanidade era o acesso à informação para torná-la co-



Figura 37 – Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, ensaio Bioma Cerrado, 2015

nhecimento. Atualmente o desafio é diferente, é conseguir transformar o excesso informacional em algo útil e transformador, é navegar dentre o lixo quase absoluto da hiperinformação. E mesmo nesse contexto ainda percebe-se o domínio das velhas ratazanas mercantilistas, muito sutilmente a informação que ganha destaque continua sendo produzida por eles, é só observar o escândalo recente das fake news e pós-verdades auxiliando na eleição de grupos neofascistas em quase todos os continentes do globo. O poder desses grupos elitistas monetaristas transforma qualquer falácia em verdade, por isso assistimos a ideia de uma “Terra plana” retornar à pauta de discussão, o “aquecimento global” ser tratado como mentira e mitificação, o nazismo ser taxado de fenômeno de esquerda, entre outras atrocidades ideológicas. A minha capacidade de tocar as pessoas nesse contexto insano de oceanos de informação é absurdamente restrita! Por isso não me preocupo com quantidades, o papel de minhas reflexões e criações é primordialmente a minha autorevolução, minha autotransformação, caso ela eventualmente chegue a mais algumas pessoas, isso será ótimo, mas não alimento pretensões vãs de transformar o mundo. Só posso transformar efetivamente o meu mundo, a minha floresta interior!

Você explica que, como uma contagem regressiva para o seu renascimento (em 20 de setembro de 2011), 10 dias antes de se transformar, uma ilustração foi criada diariamente (as chaves), que representava os valores do Ciberpajé. Bem, isso é metodologia! Como você elaborou essa “metodologia”? E como você escolheu (priorizou) essas 10

chaves? (O SERENO; O MOMENTO; O EQUILIBRADO; O SINCERO; O DELICADO; O AMOROSO; O SELVAGEM; O COMPLEMENTAR; A RENOVAÇÃO; O RENASCIDO). Qual dessas chaves é a mais difícil vivenciar?

Na perspectiva da chamada “magia do caos”, o magista estrutura individualmente seu sistema e suas metodologias de transformação da realidade. A metodologia de geração de meu renascimento fruiu naturalmente de meus conhecimentos da tradição iniciática ocultista aliada a uma boa dose de intuição poética/artística. O número 10 representa a complementariedade, a somatória de todos os aspectos para alcançar a transcendência, representada pelo 11. Nesse caso o 11 é a busca, e o 10, os elementos que devem ser concretizados para chegarmos a esse objetivo buscado: o 11 – a integralização como ser e o salto transcendente. Repare que o ano de minha transmutação tinha final 11, e o 4 é a soma de 2011, sendo que o 4 é o número dos 4 elementos que somados com sabedoria podem fazer emergir a quintessência. Utilizar o desenho e a escrita poética/aforística como base para a estruturação das chaves foi algo natural, pois são algumas de minhas habilidades que me permitem um fluxo dinâmico entre meu self e a essência natural cósmica. O transe artístico e os estados meditativos foram essenciais para tirar o sumo universal que gerou cada uma das chaves. Sobre a dificuldade de integralizá-las, cada uma delas é mais difícil em um período específico de minha experiência de vida. Nesses 7 anos, já experimentei dificuldades em vivenciar todas elas, mas também tive o êxtase de sentir sua força e transmutação interior quando efetivamente são uteis na lida com as



Figura 38 – Arte da “Chave da Tansmutação”: o Amoroso, por Ciberpajé, 2011

dificuldades da vida ordinária. Elas continuam fazendo muito sentido para mim, e tendo um impacto em minha realidade.

O Facebook tem sido um meio fértil para divulgação e disseminação da sua arte assim como otimiza a interação com o público. Contudo, esse mesmo espaço (rede social) censurou algumas postagens de ilustrações artísticas por julgá-las “pornográficas”. Como foi isso?

Tenho sofrido censura a vida toda pelo caráter sensual e iconoclasta de minhas artes. Já fui censurado até por fanzineiros, o que é para-

doxal! O Facebook é uma empresa do contexto mercantilista, seu objetivo é gerar lucro, seus proprietários são alguns dos hiperbilionários mais ricos do planeta. Em essência eles não estão minimamente preocupados com a individualidade, subjetividade, autoexpressão artística, ou qualquer coisa que envolva vida, poesia, transformação. A preocupação deles é dogmática, baseada em uma única máxima: LUCRAR A QUALQUER CUSTO! Então tudo o que eventualmente possa macular essa lei inquestionável para eles será derrubado, censurado, cortado, tirado do ar. E veja, nem acho que sejam censores de nudez/pornografia, eles só não querem difundir coisas que possam ferir parte de seus consumidores e assim deixar de lucrar com eles, creio que no meu caso as censuras vieram de denunciante ofendidos. Essencialmente não existe qualquer liberdade nessas redes sociais, você só permanece nelas se seguir estritamente suas regras, caso rebele-se eles vão tirá-lo do ar sem o mínimo constrangimento ou diálogo! Todos os artistas são unânimes em dizer que é impossível dialogar com censores/administradores de Facebook, Youtube, Instagram, e todas as outras redes sociais. O processo de exclusão por parte deles é medieval, remonta a um tribunal inquisitório em que o réu não tem voz, só resta-lhe a fogueira. Portanto, se eu quero seguir disseminando minha arte nessas redes tenho que compreender como elas funcionam, e não iludir-me, pois a QUALQUER MOMENTO meu perfil pode sair do ar e nunca mais voltar. Diante do exposto, convivo bem com as vezes em que sofri essas censuras tolas desses mercantilistas *avida-dollars*, mas não sou escravo deles, inclusive a possibilidade de abandonar todas essas redes é algo sempre iminente em minha vida.



Figura 39 – Arte para CD do Projeto musical Posthuman Worm, por Ciberpajé

7. Posthuman Tantra: performance, videoclipes e rituais mágickos

Você é um sujeito-artista múltiplo, possui uma banda performática, o Posthuman Tantra, produz desenhos, HQs, HQtrônicas, compõe músicas e aforismos, é comprometido e engajado em questões universais que envolvem os seres vivos, é professor associado de uma universidade federal, vive, cria, e muito mais! Em sua tese de doutorado sistematizou e apresentou um mundo ficcional denominado “Aurora pós-humana”, como surgiu este mundo e o que ele é?

Aurora Pós-humana é um universo transmídia de ficção científica criado por mim com o objetivo de servir como ambientação a trabalhos artísticos em múltiplas mídias. A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartistas e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a raça humana, como a conhecemos, está em processo de extinção. O corpo e a mente estão reconfigurados e em constante mutação. Limites entre animal, vegetal e mineral estão se dissipando, a morte não é mais algo inevitável e novas formas de misticismo e transcendência tecnológica, a “tecnognose” (Erik Davis, 1998), substituíram quase

por completo as religiões ancestrais. A Aurora Pós-humana é um universo em expansão, já que constantemente estão sendo agregados a ela dados e novas características que regem essa futura sociedade pós-humana. O meu desejo ao criá-la, não foi apenas refletir sobre o que os avanços tecnológicos futuros poderão significar para a espécie humana e para o planeta, mas também produzir uma ambientação que gere o “deslocamento conceitual” descrito por Philip K. Dick e assim criar obras que discutam a implicação dessas tecnologias no panorama contemporâneo, ou seja, problematizar o presente por meio de narrativas e obras deslocadas para um futuro ficcional hipotético. A ideia inicial foi imaginar um futuro, não muito distante, onde a maioria das proposições da ciência e tecnologia de ponta fossem uma realidade trivial, e a raça humana já tivesse passado por uma ruptura brusca de valores, de forma física e conteúdo - ideológico/religioso/social/cultural. Um futuro em que a transferência da consciência humana para chips de computador seja algo possível e cotidiano, onde milhares de pessoas abandonarão seus corpos orgânicos por novas interfaces robóticas. Também que neste futuro hipotético a bioengenharia avançou tanto que permite a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica, seres que em suas características físicas remetem-nos imediatamente às quimeras mitológicas. Essas duas “espécies” pós-humanas tornaram-se culturas antagônicas e hegemônicas disputando o poder em cidades estado ao redor do globo enquanto uma pequena parcela da população, uma casta oprimida e em vias de extinção, insiste em preservar as características humanas, resistindo às mudanças. Este universo

tem sido aos poucos detalhado com dezenas de parâmetros e características, trata-se de um *work in progress* que toma como base todas as prospecções da ciência, da tecnognose e das artes de ponta para reestruturar seus parâmetros. A partir dele já foram desenvolvidos uma série de trabalhos artísticos, em diversas mídias e suportes, e atualmente outras obras estão em andamento. A abrangência conceitual da Aurora Pós-humana tem me permitido criar, além de histórias em quadrinhos, obras em múltiplas mídias, muitas delas tendo como suporte as redes telemáticas, convergindo linguagens artísticas diversas. Das HQtrônicas – como Ariadne e o Labirinto Pós-humano e Neomaso Prometeu, passando pela música eletrônica de base digital, por um site de web arte baseado em vida artificial e algoritmos evolucionários, o Mito Ômega, por instalações interativas como La Vero e Immobile Art, e chegando às performances multimídia híbridas com o projeto musical performático Posthuman Tantra. A produção de histórias em quadrinhos ambientadas na Aurora Pós-humana tem sido explorada em dois contextos, na criação de álbuns em quadrinhos como BioCyberDrama Saga, parceria com o lendário quadrinhista Mozart Couto, com uma segunda edição em capa dura publicada em 2016 pela Editora UFG, e Ecos Humanos, álbum publicado pela editora Reverso em 2018, parceria do Ciberpajé (roteiro) e Eder Santos (desenhos); e na criação de HQs curtas publicadas na revista em quadrinhos anual Artlectos e Pós-humanos, que já teve 12 números publicados pela editora Marca de Fantasia (UFPB).



Figura 40 – Ciberpajé com a segunda edição – em capa dura – do álbum BioCyberDrama Saga, parceria com o lendário Mozart Couto (Editora UFG, 2016). Foto de Rose Franco

Como surgiu o Posthuman Tantra? Qual o significado lato deste nome?

O Posthuman Tantra é a minha banda musical performática, um projeto musical transmídia que nasceu em 2004 como mais uma das formas de expressar-me no contexto de meu universo ficcional, constitui-se como uma trilha sonora da “Aurora Pós-humana”. Nos primeiros anos era uma one-man-band de estúdio, através da qual

eu desenvolvia meus experimentos ritualísticos sonoros num estilo que eu defini como Sci-fi Ambient Ritual Experimental (ambiente sonoro experimental ritualístico de ficção científica). A “Aurora Pós-humana” é uma ficção científica através da qual realizo um deslocamento conceitual acelerando todos os avanços da tecnociência contemporânea nos campos da nanoengenharia, biotecnologia, robótica e telemática, para discutir seus impactos no humano, destacando o papel da transcendência e tecnognose nesse futuro possível, como mencionei. Cada CD traz narrativas musicais diferentes ambientadas nesse universo. De 2004 até hoje (2019), já lancei 4 álbuns oficiais por selos da Suíça e Brasil, 8 split CDs por gravadoras da França, Japão e Inglaterra, várias boxes e inúmeras participações em compilações nos 5 continentes do planeta. Em 2010 iniciei as apresentações ao vivo do Posthuman Tantra, que no palco é uma banda performática mesmo, com músicos e performers convidados que integram o grupo de pesquisa CRIA_CIBER que coordeno. O Posthuman Tantra foi a banda brasileira pioneira no estilo dark ambient a assinar com uma gravadora europeia (Legatus Records, da Suíça) e também a banda pioneira no Brasil a utilizar efeitos computacionais de realidade aumentada em suas performances que já passaram por 4 regiões do país. O nome “Posthuman Tantra” trata da complexidade de pensarmos o tantra no contexto pós-humano hiperinformatizado e híbrido. Os interessados em conhecer o projeto musical podem visitar o youtube onde existem mais de 10 vídeos exclusivos e alguns trechos das performances.



Figura 41 – Ciberpajé em performance do Posthuman Tantra na UFSM, Santa Maria, 2013



Figura 42 – Ciberpajé em performance do Posthuman Tantra na UFU, campus Ituiutaba, 2014, foto de Arth Silva



Figura 43 – Ciberpajé em performance do Posthuman Tantra na UEG Anápolis, 2014,
foto de José Loures



Figura 44 – Posthuman Tantra antes de performance na FAV/UFG, Goiânia, 2013. Foto de Larissa de Almeida. Da esquerda para a direita: Ciberpajé, I Sacerdotisa Rose Franco, Lucas Dal Berto, Amanda e Luiz Fers – Figurinos de Luiz Fers



Figura 45 – Ciberpajé e I Sacerdotisa Rose Franco antes de performance do Posthuman Tantra no Culturama, Goiânia, 2015. Figurinos e foto de Luiz Fers



Figura 46 – Posthuman Tantra pós-performance no evento Ciberpajelanças que aconteceu no Espaço Ruptura Cultural, em Goiânia, 2018, foto de Wallison Diniz. Da esquerda para a direita: Lucas Dal Berto (VJ), Luiz Fers (performer e figurinista), Ciberpajé, I Sacerdotisa Rose franco (performer e musicista), e Léo Amante da Heresia (performer e musicista)

E os videocliques do Posthuman Tantra? Você trabalha os conceitos em que a banda se baseia (a crítica à estética aséptica da publicidade, consumismo, o vazio no ser etc.) e no clipe “Amálgama Sagrado” há cenas de nudez feminina e em um ato de sigilo ocultista onde você faz uma inscrição de sangue artificial na vagina da mulher. Qual o sentido disso?

Durante os 15 anos de existência do Posthuman Tantra, já foram disponibilizados 15 videocliques oficiais da banda no youtube e alguns outros foram criados por fãs. São produções na tradição D.I.Y., mas com muito envolvimento emocional e investimento nos aspectos simbólicos e ritualísticos. Todos os videocliques tratam de aspectos de meu ideário artístico e de vida, enfatizando o retorno da selvageria, a reconexão com a natureza e o Cosmos, a emergência do pós-humano e suas implicações tecnognósticas. Alguns têm uma perspectiva mais distópica, outros utópica. Em muitos deles eu estabeleci parcerias com diretores e criadores afinados com meu ideário e proposta poética. Inclusive criamos alguns vídeos em animação, um deles “Killed by my low tech bot golem slave”, foi uma parceria com o notório quadrinhista underground Luciano Irrthum, que fez todas as filmagens e criou personagens em stop motion. Também uso alguns vídeos criados exclusivamente para as performances da banda que não foram divulgados na internet e só podem ser vistos nos shows, dentre eles está uma animação especial criada com o artista George Chiavegato. Em janeiro de 2017 lancei o videoclipe do projeto Ciberpajé, para a faixa “Aforismo 1” do EP Cura Cósmica, O videoclipe explorou aspectos conceituais do meu ideário, sobretudo

a chamada “Reconexão Cósmica”, a redescoberta de nossa essência primal animal e da necessidade de nos sentirmos como parte integrante do complexo sistema sinérgico e simbiótico Gaia. Também tratou da reverência à vida e a tudo que nos gerou, sendo uma singela homenagem minha ao meu pai, o Granciberpajé Dimas Franco, que recita o aforismo na obra e é também convidado especial no vídeo. Para assistir a esse e aos demais videoclipes oficiais da banda basta acessar o canal do Posthuman Tantra no youtube. Os videoclipes são realizados com total envolvimento mágico e poético, eles compõem a estrutura transmidiática da Aurora Pós-humana e são parte importante na disseminação de sigilos do Posthuman Tantra, já foram produzidos mais de 20 videoclipes se somarmos os do Posthuman Tantra aos do Projeto Ciberpajé, em muitos contei com o apoio de grandes amigos que admiram minha arte e música como Christian Rengstl, Ariadne Franco, Anésio Neto, Daniel Rizoto, Rynaldo Papoy, Luiz Fers, Amante da Heresia, e integrantes do grupo de pesquisa Cria_Ciber – que eu coordeno na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Recentemente eu e Amante da Heresia criamos o conceito de “Curtaforismo”, um curtametragem que parte de um de meus aforismos musicados pelo Projeto Ciberpajé, já realizamos 2 curtaforismos, “Deus” e “Quando o Diabo Atenta”, eles e todos os videoclipes do Posthuman Tantra e Projeto Ciberpajé podem ser conferidos no canal youtube da banda. Sobre “Amálgama Sagrado”, o clipe inteiro é um ritual de libertação, de reconexão com a essência cósmica e união entre os opostos complementares. Cada sequência nele tem um sentido, uma simbologia. Por exemplo, a fêmea surge de uma banheira cheia de LEITE (e usamos leite mesmo!), ela é a

que gera, a que NUTRE! Veja que imagem forte, o princípio feminino surgindo de dentro do leite - o símbolo do nutriente cósmico, o gerador de galáxias, não é por acaso que estamos na VIA “LÁCTEA”. O clipe trata de princípios, não de indivíduos, é um SIGILO CÓSMICO, algo para mim e para a humanidade. Não é sobre uma história individual. Em resumo estou ajudando ritualisticamente a buscar uma nova sintonia reconectando-nos à nossa essência animal! Veja que utilizo simbolicamente na narrativa os dois FLUIDOS da VIDA, o LEITE que NUTRE e o SANGUE que é a fonte, o símbolo constante do fluxo de renovação da vida! Leite e sangue. E o terceiro fluido surge como pavio, em um sentido implícito: o sêmen. Ele não aparece literalmente, mas está ali na presença do macho cósmico, pois para ocorrer a fecundação - a criação, é preciso a união dos dois princípios, só essa união gera! E eu uso o sangue para inscrever no corpo da fêmea um sigilo cósmico, algo estudado - demorei dias para criar o sigilo que iria realizar. Então naquele momento eu olhei para ela como se ela fosse esse princípio cósmico e não um indivíduo. Eu encarnei isso também, e durante as filmagens, por alguns minutos, estive realmente em transe.



Figura 47 – Frame do videoclipe “Amalgama Sagrado”, do Posthuman Tantra

Nessa perspectiva, você já pensou em ejacular em algum videoclipe?

Não, os videoclipes são repletos de pessoas em volta, e esse ato (real) e não simulado, para mim é algo íntimo. Eu até poderia, mas só se tivesse um real sentido ritualístico e poético no contexto narrativo. Mas creio que até agora, nos rituais encenados nos videoclipes, as metáforas têm um impacto mais profundo no inconsciente como manancial simbólico da mensagem.

Não são apenas as mulheres as entusiastas pela arte sensual do Edgar. Percebi muitos admiradores (dentro e fora da academia) com afinidade na música, ilustrações, ideias,

que curtem as criaturas e universos ficcionais por você criados. Já surgiu algum pedido inusitado para ser “sacerdote” do Ciberpajé na Aurora pós-humana? Você já pensou nisso?

Sim, aparece de tudo. As pessoas estão em sua maioria perdidas, ávidas por um deus, um guru, um mestre, um santo, alguém para os guiarem no caminho da “felicidade”. Ninguém quer assumir as rédeas de seu próprio corcel, sua própria vida, ninguém quer a responsabilidade de ser o seu próprio deus! Mesmo eu repetindo constantemente o fato de que não sou guru de ninguém, que o Ciberpajé tem como único propósito a autocura na busca da integralidade de ser, muitos ainda me tratam como um líder de uma seita, um promotor de autoajuda, um “bruxo” e todas as alcunhas que definem um guru espiritual. Como já respondi e repito, é muito comum, e até curioso perceber o profundo encantamento que causo em certas pessoas - talvez por algum aspecto magnético de minha personalidade – que as leva a uma aproximação cheia de elogios à minha arte e ideário, no entanto na maioria das vezes esse “encanto” se quebra muito rapidamente, e a quase idolatria torna-se ojeriza e até raiva/ódio. Isso é natural, pois ao aprofundarem-se um pouco mais na minha arte vão encontrar ideários que ferem seus princípios morais e dogmáticos. Como vivemos na era dos extremos amplificados pelas redes sociais, tais comportamentos tornam-se contumazes.



Figura 48 – Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, ensaio Bioma Cerrado, 2015

8. Criando quadrinhos e HQtrônicas: BioCyberDrama Saga, Artlectos e Pós-humanos, Ecos Humanos e Agartha

Falando sobre suas obras em quadrinhos, gostaria que você comentasse um pouco sobre algumas delas. A começar pelo processo criativo e a repercussão de BioCyberDrama Saga, uma de suas obras mais emblemáticas.

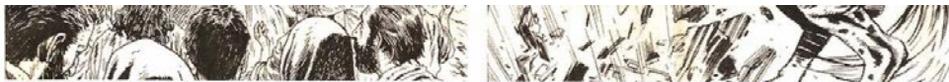
A primeira edição do álbum “BioCyberDrama Saga” foi lançada em agosto de 2013 pela Editora UFG, por tratar-se de uma obra densa com quadrinhos autorais, foi surpreendente o fato de em menos de dois anos ela esgotar-se. A obra, uma edição luxuosa, com mais de 250 páginas, formato próximo do A4 e sobrecapa especial, foi uma iniciativa inédita de uma editora acadêmica brasileira que a publicou como parte de uma coleção de livros de arte, chamada “Artextpressão”, reconhecendo no âmbito da universidade os quadrinhos autorais como legítima expressão artística. O álbum teve uma recepção excepcional por parte da imprensa especializada em quadrinhos no país, recebendo resenhas positivas em dezenas de veículos impressos e online que destacaram a singularidade de seu roteiro inspirado em perspectivas pós-humanas e também a arte surpreendente de Mozart Couto. BioCyberDrama Saga foi selecionado pela curadoria do 8 FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos de Belo

Horizonte, para a programação oficial de lançamentos. Outro fato marcante foi a indicação do álbum a uma das categorias mais importantes do “Troféu HQMIX” 2014, considerado o “Oscar” dos quadrinhos brasileiros. BioCyberDrama Saga foi a única obra do estado de Goiás indicada ao troféu em 2014 e concorreu na categoria “Edição Especial Nacional”. Sua indicação, comemorada por veículos da imprensa goiana, foi uma prova da qualidade ímpar da obra, já que o ano de 2013 foi um dos anos mais prolíficos da história dos quadrinhos autorais brasileiros com mais de 600 lançamentos na área. Além da mídia impressa, aconteceram apresentações de artigos sobre a obra em eventos acadêmicos e de quadrinhos, BioCyberDrama Saga foi divulgado também em telejornais e na web amplamente, a ponto da obra despertar até o interesse do pesquisador prof. Dr. Ed King, da Universidade de Bristol, na Inglaterra, um estudioso da ficção científica no contexto da América Latina, com livros publicados sobre o tema. King está estudando a obra como um dos objetos de análise para um de seus próximos livros que trata de obras de ficção científica com o tema do pós-humano criadas na América Latina, e inclusive realizou longa entrevista comigo enfocando meus processos criativos. Após a primeira edição de BioCyberDrama Saga esgotar-se, recebemos, com muito entusiasmo, o convite da Editora UFG para o lançamento de uma segunda edição. A segunda edição, apresentada na forma de um álbum em formato A4, com 280 páginas e capa dura, inclui a saga completa em quadrinhos, além de uma descrição detalhada do universo ficcional da “Aurora Pós-humana” e ainda um making of do trabalho nos anexos, com artes do processo criativo da obra. Essa segunda edição em capa dura e com epílogo

inédito pode ser adquirida diretamente no site da Editora UFG. Em síntese *BioCyberDrama Saga* é uma história sobre a busca do amor incondicional. Sobre a dificuldade mais complexa de nossa espécie, a aceitação completa do outro e de suas diferenças, toda a dor e o sofrimento no mundo vem dessa inabilidade em reconhecermos o outro em sua complexidade e amá-lo sem julgá-lo. Somos irmãos de jornada nesse planeta, mas seguimos criando dogmas de todas as ordens que geram ódio, dor, morte e sofrimento. E o amor ao outro só pode nascer realmente se iniciarmos a compreensão profunda de quem somos, perdoarmos nossos paradoxos, aceitarmos-nos integralmente e desenvolvermos um profundo auto-amor. Como amar alguém se não conseguimos nos amar? Todos os personagens de *BioCyberDrama Saga* são partes de mim, alguns mostram aspectos obscuros e renegados que tive que trazer à tona. Foram construídos a partir de minha complexidade como ser, e ao desenvolvê-los tornei-me mais empático e respeitador das complexidades e diferenças, pois percebi como muito daquilo que abomino nos outros está também em mim. Criar *BioCyberDrama Saga* tornou-me mais compreensivo e amoroso em relação à nossa controversa espécie humana, transformou-me como indivíduo. A arte é minha forma de magia ritual rumo à minha integralidade e ao amor incondicional cósmico.



Figura 49 – Capa e última capa da segunda edição de BioCyberDrama Saga, versão ampliada em capa dura da editora UFG, 2016



Sequências da HQ BioCyberDrama Saga, de Edgar Franco e Mozart Couto: indicação ao troféu HQMix

DESTAQUE NACIONAL

Saga em quadrinhos publicada pela Editora da UFG é indicada ao troféu HQMix, o mais importante da área no Brasil, na categoria Edição Especial Nacional

Taynara Borges

Como estará o mundo às portas dos anos 3000? Até que ponto a evolução da ciência e da tecnologia vai influenciar a vida humana no futuro? Mote da ficção científica, o assunto que permeia o imaginário coletivo é o tema de *BioCyberDrama Saga*, história em quadrinhos dos artistas Edgar Franco e Mozart Couto lançada no ano passado pela Editora UFG e que hoje figura entre as indicadas ao troféu HQMix, maior premiação dos quadrinhos brasileiros, na categoria Edição Especial Nacional de 2013, em que concorre com mais seis adversários de peso como os da editora especializada Panini, líder de mercado no Brasil.

Na trama, situada a 900 anos no futuro na chamada Aurora Pós-humana, os seres humanos dão origem a duas novas espécies que disputam o poder ao redor do mundo: os extropianos, ciborgues com a consciência de um humano transplantada em um chip, e os tecnogenéticos, seres que sofreram hibridização genética entre humanos, animais e vegetais. No meio deles, uma pequena parcela da população, uma casta oprimida e em vias de extinção, insiste em preservar as característi-

cas humanas, resistindo às mudanças.

No livro, a história é dividida em três partes, sendo que a primeira foi lançada em 2003 pela editora paulista Opera Graphica Editora – obra que recebeu o prêmio Ângelo Agostini de melhor desenhista de 2003, concedido a Mozart Couto. Nela, Antônio Euclides é um jovem “resistente” que aos poucos vai sendo seduzido pelas promessas de vida eterna ou plena oferecidas pelas culturas predominantes desse universo futurista. As duas partes seguintes, que, junto com a primeira, integram a saga lançada pela Editora da UFG, narram a intensificação de seus dilemas pós-humanos e da tensão ainda maior entre as espécies dominantes até o fim desta saga. De acordo com Edgar, a história seria uma reinvenção da Guerra de Canudos e de Antônio Conselheiro em um contexto pós-humano.

Edgar classifica de “ousada” a iniciativa da Editora da UFG em lançar a saga em quadrinhos, que saiu na coleção Artexpressão, dedicada aos livros de arte, iniciativa inédita para uma editora acadêmica brasileira. “A editora abraçou o projeto de uma maneira que as editoras de universidades federais ainda

OS AUTORES

Rafael Happke



Edgar Franco é professor do curso de Artes Visuais da UFG. Formado em arquitetura, dedicou suas pesquisas de mestrado e doutorado ao universo ficcional às histórias em quadrinhos, já o

ilustrador Mozart Couto trabalha no mercado de quadrinhos há quase 40 anos, já tendo colaborado com revistas das editoras Marvel Comics, DC Comics, Acclaim Comics, entre outras.

não haviam feito. É um livro luxuoso com 256 páginas e sobrecapa especial”, conta o quadrinista.

PESQUISA

Edgar é professor do curso de Artes Visuais da UFG. Já o ilustrador Mozart Couto trabalha no mercado de quadrinhos há quase 40 anos, já tendo colaborado com revistas das editoras Marvel Comics, DC Comics, Acclaim Comics, entre outras.

“Este é um trabalho de pesquisa que venho desenvolvendo desde meu doutorado em artes na USP. Ele lembra um jogo de RPG, com um mapa detalhado do planeta, características de cada um dos personagens... Enfim, é um universo ficcional complexo. E para

realizar o trabalho convidei o Mozart, que comprou a ideia e entrou como parceiro”, ressaltou o professor.

A indicação ao troféu HQMix é a segunda recebida pela obra. Na época do lançamento da primeira parte, a HQ foi indicada nas categorias de melhor roteirista e melhor edição especial nacional de 2003, mas não levou os troféus. “Para nós, foi uma grande surpresa e uma grande alegria”, recorda.

A premiação deste ano ainda não tem data definida, mas deverá ocorrer na última semana de julho. “Concorremos com HQs de tiragem de 50 mil exemplares, e o nosso tem apenas 500. Só de receber a indicação já é um grande reconhecimento”, afirma.

Figura 50 – Jornal Opção, de Goiânia, apresenta BioCyberDrama Saga como destaque nacional, matéria publicada em 27 de junho de 2014



Figura 51 – Ciberpajé mostra a arte deslumbrante de Mozart Couto em BioCyberDrama Saga, 2016

Fale sobre a trajetória longeva da revista Artlectos e Pós-humanos e de sua proposta.

Artlectos e Pós-humanos é a revista anual publicada pela editora Marca de Fantasia (UFPB), que edita HQs curtas de minha autoria contextualizadas na Aurora Pós-humana, a revista existe há 13 anos e com certeza é um dos títulos com maior perenidade do gênero poético-filosófico, superando todas as expectativas iniciais do autor e

da editora. A revista foi concebida como um laboratório de experimentação livre da linguagem dos quadrinhos, estando conectada diretamente com a concepção dos quadrinhos como genuína forma de expressão artística. O título da revista, um nome pouco comercial, é formado pelo neologismo “Artlectos” que se refere à junção dos termos “artificial” e “intelectos” somado ao controverso termo “pós-humano”. Nesses 12 números publicados, a Artlectos ultrapassou as 300 páginas de quadrinhos. Mesmo com a proposta iconoclasta que se distancia do mercado de quadrinhos, a publicação foi premiada, em seu terceiro número, com o troféu Bigorna de melhor revista brasileira de quadrinhos de FC/aventura do ano de 2009. Também foi relacionada pelo importante crítico brasileiro Dr. Edgar Smaniotto entre um dos dez mais importantes títulos de quadrinhos de todos os tempos. A revista publica, sobretudo, HQs que investem em processos criativos inusitados, sendo um espaço de completa liberdade e experimentação para minhas criações. Devo o êxito e a longevidade de Artlectos e Pós-humanos ao grande artista, pesquisador e editor Henrique Magalhães, que abraçou o projeto da revista e segue entusiasmado publicando-a!



Figura 52 – Arte de capa da revista Artlectos & Pós-humanos # 12
(Editora Marca de Fantasia, 2018)

A PONTE QUE LIGA O HUMANO
AO ALÉM DO HUMANO,
CONECTA INSÓLITAS
PAISAGENS NO
IGNORADO
COSMOS
INTERIOR.

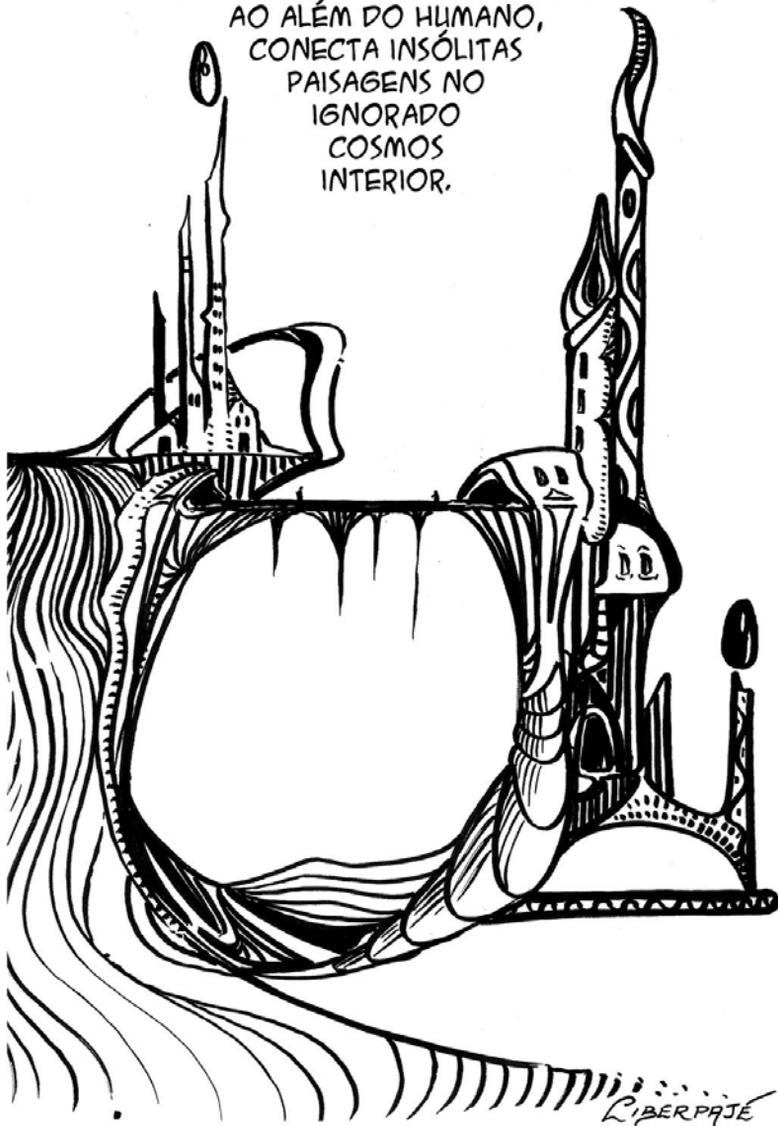


Figura 53 – HQforismo publicado em Artlectos & Pós-humanos # 11
(Editora Marca de Fantasia, 2017)

Em 2018 você lançou o álbum em quadrinhos mudo Ecos Humanos, fale sobre aspectos conceituais, simbólicos e poéticos da obra.

A semente criativa para a geração do álbum em quadrinhos Ecos Humanos surgiu de uma experiência de ENOC (estados não ordinários de consciência) com o enteógeno *Psilocybe cubensis* realizada por mim em 2017. Nela experimentei um profundo estado de conexão com toda a fauna e flora do bioma Cerrado, sentindo uma espécie de enraizamento essencial que permitiu-me um diálogo profundo com plantas e animais, sentindo-me como parte deles e experimentando algumas de suas sensações, como o prazer do voo das aves, o sabor da água bebida pelo Lobo Guará, o pulsar da seiva de um Buriti centenário. Nesse diálogo inexprimível em palavras, além do êxtase da reconexão atávica transcendente com o Cerrado, experimentei uma sensação de angústia pela destruição completa iminente desse bioma fundamental para a biosfera. Essa experiência foi permeada por visões de grande impacto e outras sensações sinestésicas. Ela gerou múltiplos desdobramentos artísticos como desenhos, poemas, aforismos, HQforismos, HQs curtas e também o roteiro para o álbum em quadrinhos Ecos Humanos. Ao escrever o roteiro para Ecos Humanos, aliei à estrutura narrativa baseada na experiência com o enteógeno *Psilocybe cubensis*, múltiplos elementos. A começar da ambientação em meu universo ficcional transmídia da Aurora Pós-humana, pois a obra desenrola-se em um futuro distópico – chamado de Crepúsculo Pós-humano – que acontece após a derrocada socioambiental e cultural da “Aurora Pós-humana”. O álbum apre-

senta dois seres tecnogenéticos, híbridos de humano e lobo-guará (referência direta ao bioma Cerrado), que vivem ilhados em uma paisagem desértica em um espaço determinado por três árvores frutíferas – uma jaqueira, uma mangueira e uma goiabeira –, e uma pequena fonte de água. Esses seres, um velho e um jovem, lutam arduamente por sua sobrevivência nesse contexto apocalíptico de retorno a uma cultura arcaica, e sofrem com os dilemas da tradição versus experiência, da imanência versus transcendência, da sobrevivência versus prazer/amizade, e da força quase inexpugnável dos dogmas arraigados. Em meio à desolação, uma fundante experiência de um deles com o enteógeno *Psilocybe cubensis* transformará sua vida. A narrativa também foi inspirada em pesquisadores, biólogos, e jornalistas que têm denunciado a sexta extinção massiva de espécies no planeta, e dessa vez essa extinção tem como causa a ação devastadora humana sobre a biosfera. Dentre esses pesquisadores, destaco o notório cientista inglês James Lovelock (2010), o cientista da computação e professor da Universidade de Oxford Stephen Emmott (2013) e a jornalista norte americana Elizabeth Kolbert (2015). A sensibilidade intensa da reconexão com o bioma Cerrado causada pela experiência de ENOC aliada à leitura angustiante das obras desses denunciadores do fim próximo de nossa espécie deflagraram o roteiro de Ecos Humanos. Ele foi escrito rapidamente de forma muito fluída ao longo de dois dias. Optei por uma narrativa completamente muda, criada apenas pela sequência de imagens justapostas, para metaforicamente representar a inutilidade da linguagem escrita na tentativa de explicar a experiência. Após concluir o roteiro, convidei o quadrinhista Eder Santos, conhecido pelo seu

trabalho com o grupo HQê! de Araquara (SP) para ser o desenhista da obra. O convite veio da identificação e admiração recíproca entre nós. O processo de desenvolvimento do álbum levou cerca de um ano para ser concluído, com um diálogo constante dos artistas desde o raf inicial das páginas, passando pelo desenho a lápis e chegando à finalização a nanquim. Eder Santos incluiu imagens subliminares em muitos momentos da narrativa, e ao final eu desenhei, com base em imagens da minha experiência visionária, as 4 artes que abrem os capítulos da HQ. O álbum finalizado, com 72 páginas, apresenta a arte densa, fluída e cheia de movimento de Eder Santos que gera uma sinergia profunda com meu roteiro visionário. A obra inclui posfácio do doutor em Linguística e quadrinista Rubens César Baquião e é uma publicação da editora mineira Reverso. “Ecos Humanos” foi lançado no FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte (2019), contando com a presença de seus criadores. Um dos desdobramentos criativos recentes do álbum é a performance do Posthuman Tantra, *Lupus Noctis*, apresentada no Instituto de artes da Unesp/SP em 2019, ela integra minha pesquisa de pós-doutorado em artes na Unesp que investiga as conexões criativas entre quadrinhos e performance. Também estamos muito felizes com a indicação ao Troféu Angelo Agostini 2019 de melhor desenhista a Eder Santos por seu trabalho em Ecos Humanos! A mais tradicional premiação de quadrinhos do país, o notório Troféu Angelo Agostini, nesse ano mudou o seu processo e agora apresenta 10 indicações para cada uma das categorias do prêmio, selecionadas entre as centenas de lançamentos de quadrinhos de 2018. Essas indicações foram realizadas por uma comissão de notáveis dos quadrinhos que envolve quadrinhistas,

pesquisadores, desenhistas, roteiristas e fanzineiros. O álbum Ecos Humanos obteve mais de uma dezena de resenhas positivas em diversos veículos de comunicação e por alguns nomes notórios da HQ nacional. Agradecemos à comissão do 35º Troféu Angelo Agostini e à AQC-ESP pelo reconhecimento e inclusão na categoria de melhor desenhista. Também agradecemos a todos que prestigiaram a obra adquirindo-a, resenhando-a e divulgando-a.

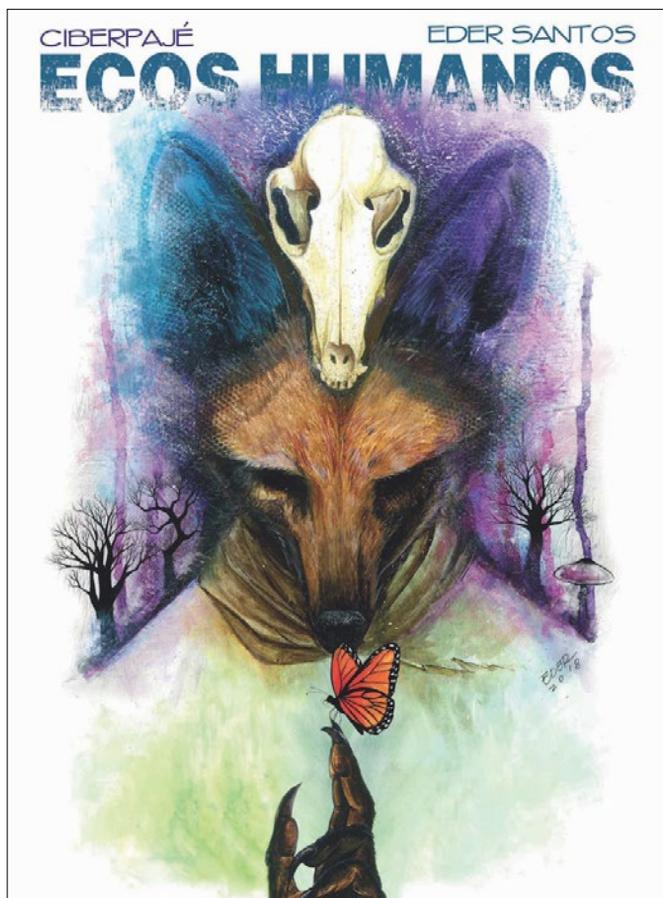


Figura 54 – Capa do álbum Ecos Humanos, com roteiro do Ciberpajé e arte de Eder Santos, Editora Reverso, 2018

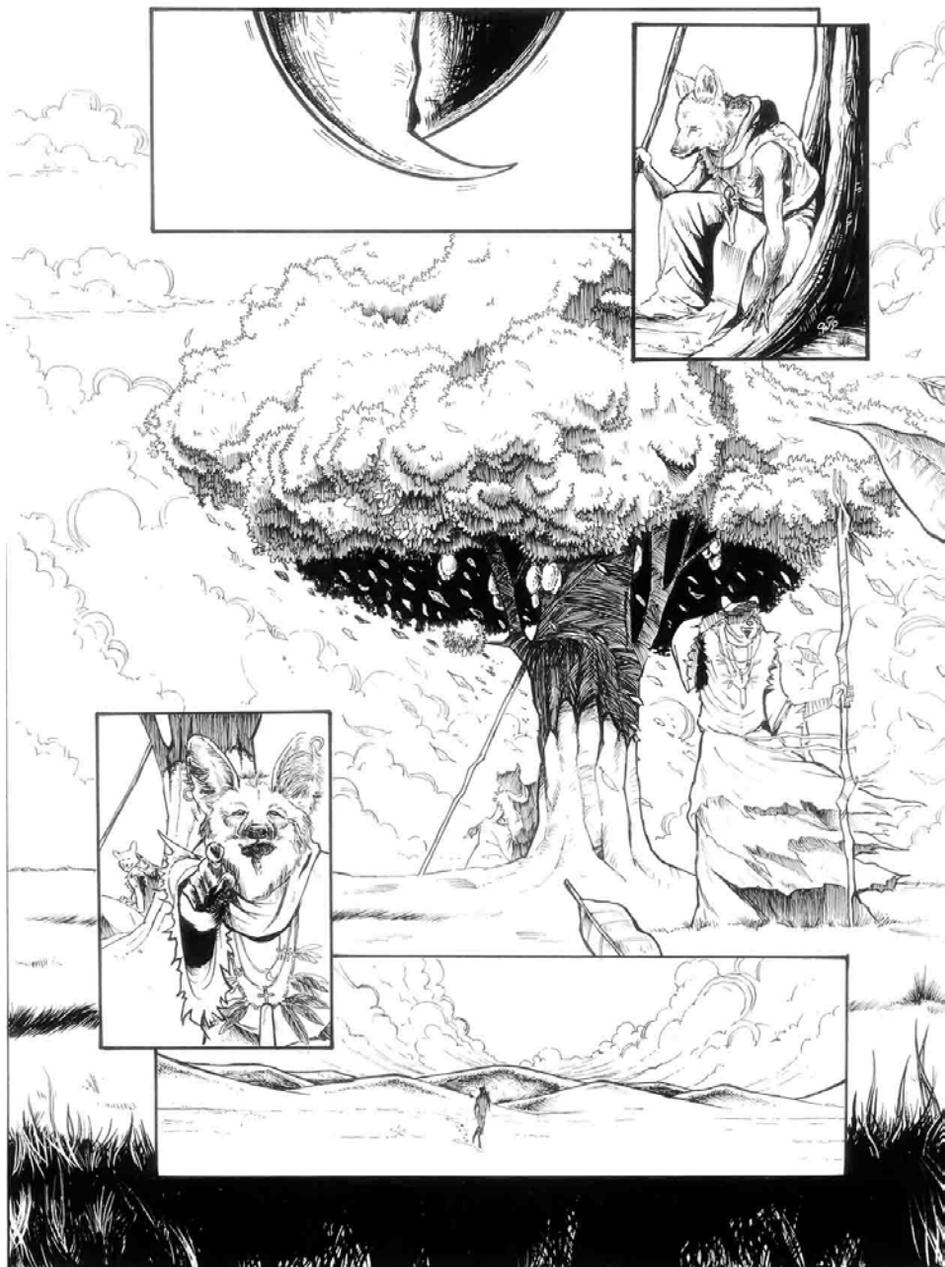


Figura 55 – Página do álbum Ecos Humanos, Editora Reverso, 2018

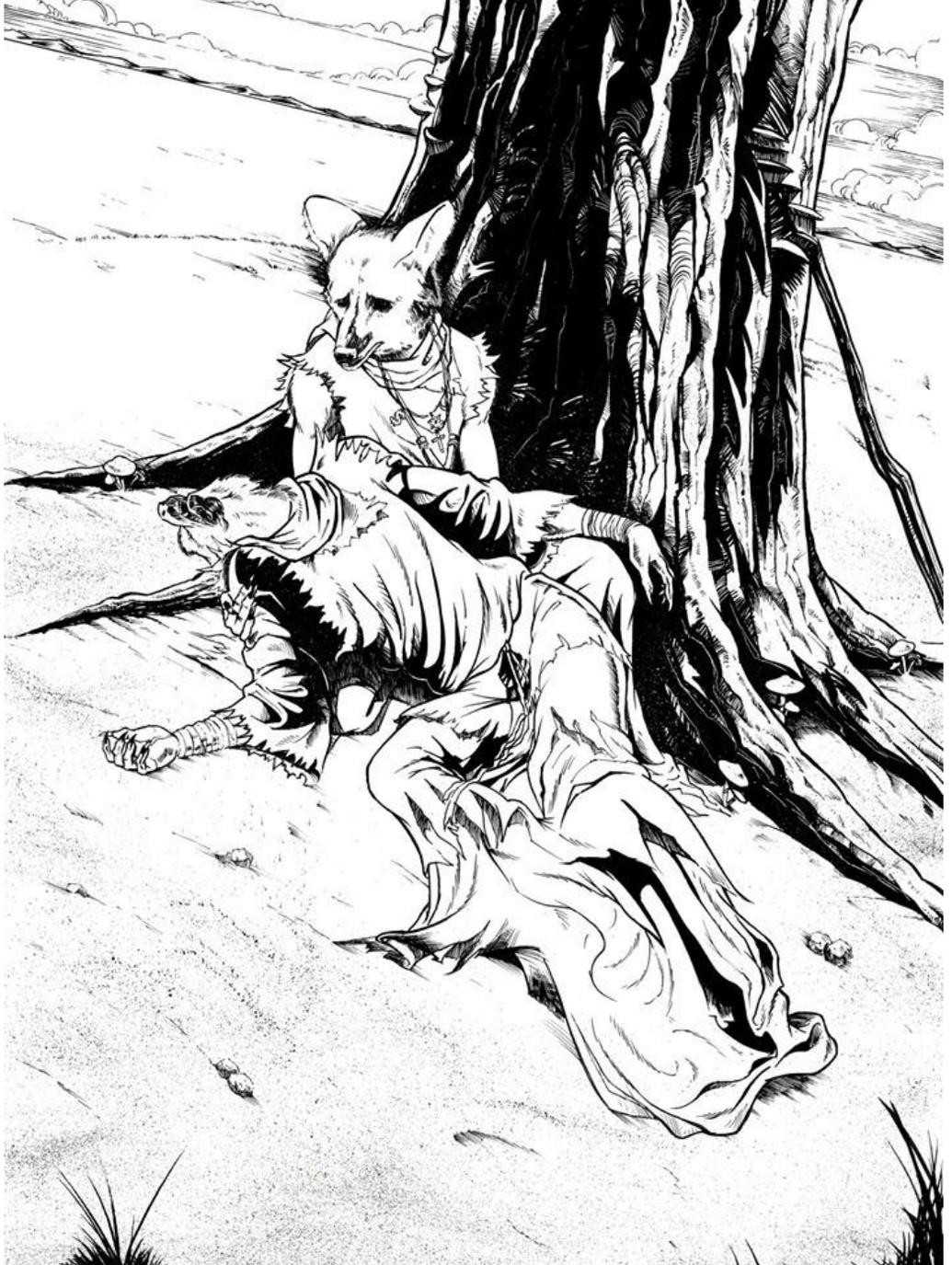


Figura 56 - Página do álbum Ecos Humanos, Editora Reverso, 2018

Ainda em 2018 foi publicada a terceira edição do álbum em quadrinhos Agartha, obra primorosa sua que teve a primeira edição lançada pela Marca de Fantasia em 1998. Fale-nos sobre essa sua obra emblemática.

Emociona-me Agartha completar em 2018 esses incríveis 20 anos com uma nova edição sendo lançada! Foi o meu primeiro trabalho de fôlego, quando desafiei-me a manter as características de minhas HQs curtas criando uma narrativa longa de cerca de 60 páginas. Eu já publicava meus quadrinhos poético-filosóficos em fanzines e revistas alternativas brasileiras desde o ano de 1983, portanto essa experiência de 15 anos deu-me a maturidade necessária para desenvolver o álbum. Criei-o durante 4 meses, em que mergulhei em seu universo ficcional peculiar, entregando-me de forma ritualística e mística à sua criação. O roteiro partiu de uma síntese da essência da obra e durante sua criação permitiu que símbolos e arquétipos dos inconsciente coletivo e univérsico fluíssem livremente para o papel. Assim, alguns elementos simbólicos da obra foram pensados e desenvolvidos de forma deliberada, tomando como base referências ocultistas, míticas, místicas e da psicologia transpessoal, enquanto muitos outros símbolos surgiram livremente e foram incorporados sem censura. Realizei Agartha pela pura pulsão criativa que levou-me a desenhá-lo, não imaginava público leitor, e nem se algum editor publicaria a obra, tendo já noção da densidade e complexidade da narrativa que estava criando. No entanto, o ato de criar Agartha foi um processo ritualístico transformador, no qual o principal dilema apresentado na obra e vivido por seu autor transmutou-se em uma

compreensão holística dos princípios complementares necessários à vida. A criação artística como forma de cura do seu criador. Quando o editor e artista Henrique Magalhães abraçou o projeto de edição de Agatha fiquei alegre pela possibilidade de ver a obra sendo lida e fruída por outros. A recepção a ela foi muito positiva, o que levou a editora Marca de Fantasia a lançar uma segunda edição do álbum em 2002. Também em 2018 fui presenteado por você, IV Sacerdotisa, com a publicação do seu livro “Agatha: Símbolos e Mitos nos Quadrinhos Poético-filosóficos”, edição da Marca de Fantasia inteiramente dedicada a analisar minha obra. Seu livro é como uma bela celebração dos 20 anos da criação de Agatha, ele me fez perceber como a obra ainda pode tocar as pessoas, inclusive seres de grande sensibilidade, sagacidade e inteligência como você que debruçou-se sagazmente sobre cada uma das páginas do álbum, investigando os símbolos pregnantes e suas conexões com a narrativa em Agatha. Desvendando elementos sutis com uma excelente e sintética fundamentação teórica, trazendo luz a muitos aspectos herméticos da história e renovando o interesse de futuros leitores e pesquisadores dos quadrinhos poético-filosóficos. Minha gratidão a você por esse presente incrível e ao grande editor Henrique Magalhães que tem aberto as portas da Marca de Fantasia para minhas criações e as reflexões que surgem a partir delas.

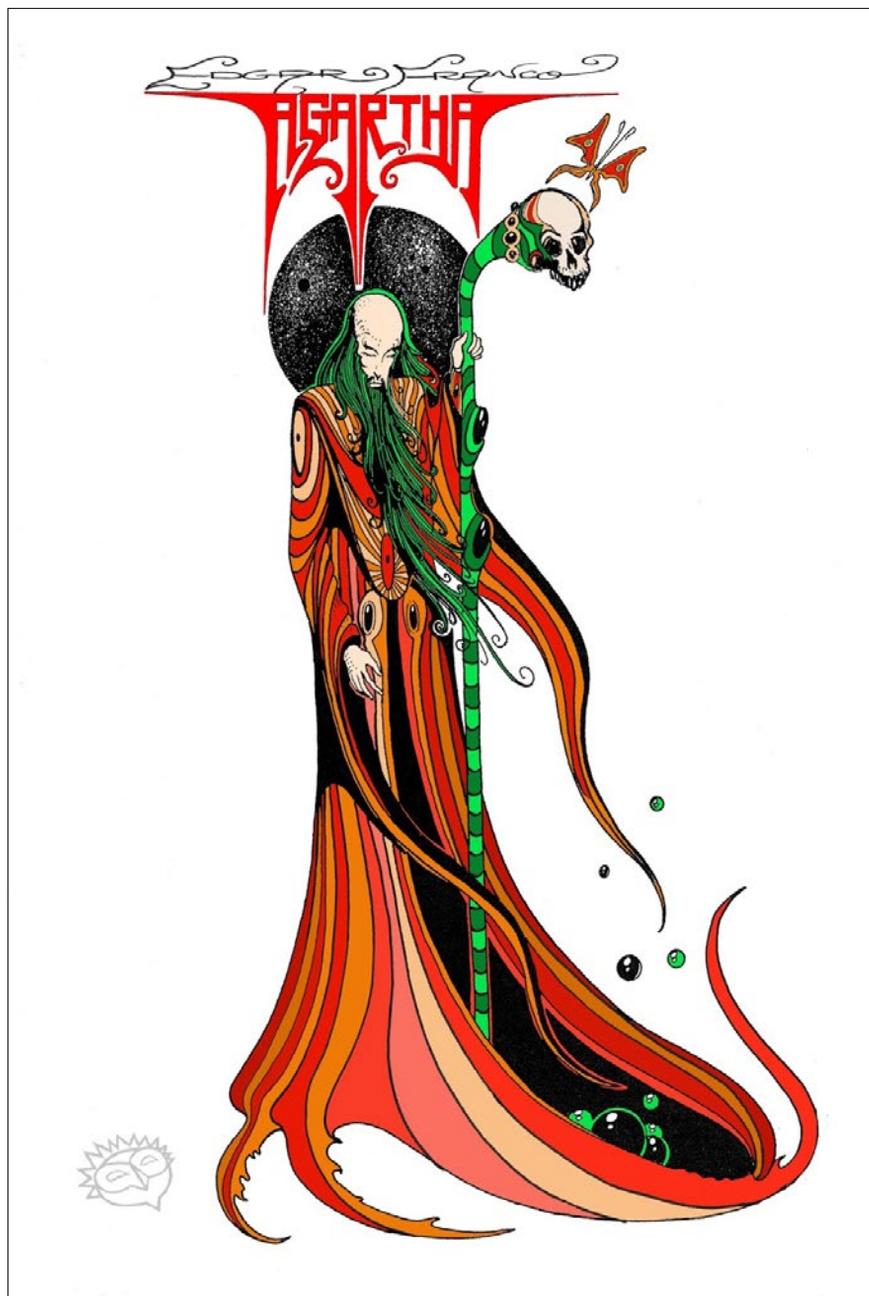


Figura 57 – Arte de capa de Agartha, na terceira edição do álbum pela Marca de Fantasia, 2018



Figura 58 – O Ciberpajé e a IV Sacerdotisa Danielle Barros com exemplares do álbum Agarttha e do livro Agarttha: Símbolos e Mitos nos Quadrinhos Poético-filosófico, durante lançamento nas Jornadas Internacionais de Quadrinhos da USP, em São Paulo, 2018

Sua arte é marcada pela constante inovação, experimentando novos suportes, técnicas, materiais, metodologias de criação, sempre transpondo e transgredindo os limites da linguagem. Um desses exemplos são os HQforismos, que têm sido uma forma diferente de fazer quadrinhos. Fale um pouco sobre isso!

Quem experimenta acaba inventando neologismos! Assim foi com as HQtrônicas, termo que criei na época de meu mestrado na Unicamp para definir as HQs hipermediáticas em minha pesquisa pioneira que tornou-se referência no Brasil. HQforismo é um neologismo que batiza a união do gênero textual “aforismo” com a linguagem das “histórias em quadrinhos” (HQs). Em sua composição, os HQforismos enquadram-se na linguagem dos quadrinhos pela estrutura narrativa, a união de imagens e textos, mas especificamente pautam-se pela inspiração e intenção eminentemente filosófica. Integram o gênero de quadrinhos poético-filosóficos, por apresentarem como características básicas: experimentalismo, brevidade e intencionalidade filosófica. Essa forma contemporânea de narrativa visual flui perfeitamente nos novos formatos digitais pela rapidez de sua leitura e absorção no fluxo dinâmico das redes telemáticas, o que facilita sua difusão. Mesmo assim, os HQforismos circulam também no suporte impresso em revistas em quadrinhos e fanzines. O neologismo HQforismo foi criado pela artista e pesquisadora Danielle Barros (você!), a IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, em parceria comigo. Os HQforismos têm sido tema de pesquisa sobre processos criativos e linguagem quadrinhística desenvolvida por

mim, Danielle Barros (professora doutora da UFSB) e pela bolsista de iniciação científica Natasha Hoshino (graduanda em Design Gráfico – FAV/UFG), no contexto do grupo de pesquisa CRIA_CIBER - Criação e Ciberarte da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa envolve o mapeamento de HQforismos no país, entrevistas a artistas e a criação de um blog para a difusão das criações com mais de 50 convidados em todo o país realizando seus próprios HQforismos, entre eles alguns artistas reconhecidos do cenário da HQ brasileira e muitos outros jovens emergentes. Entre os convidados que criaram seus HQforismos tivemos Laudo Ferreira Jr., Gazy Andraus, Gian Danton, Fábio Purper, Beralto, Cátia Ana, Guilherme Infante, Jorge Del Bianco, Henrique Magalhães, Bira Dantas, Hugo Piantino, André Ceo, Núbia Andrade, Denise Xavier, Sara Gaspar, Soter Bentes, Will Simões, Antar Mikosz, George Chiavegato, Joseniz Guimarães, Lucan Henrique, Marcos Garcia, Marcos Guerra, Omar Viñole, Oberon, Celso Moraes, José Loures, Rubens César Baquião, e muitos outros. Também tenho criado zines de HQforismos e ministrado palestras e oficinas sobre o tema, algumas delas em parceria contigo.

OS ABUTRES HUMANOS SORRIEM SEMPRE AO MENOR
VESTÍGIO DE PODRIDÃO. FARTAM-SE NA
DETERIORAÇÃO, REGOZIJAM-SE COM A
DOR E A RUINA ALHEIAS.



MAS LEMBRE-SE: SEU VENENO
SÓ PODERÁ SER INOCULADO
EM ALGUÉM QUE LHE DÊ
CREDIBILIDADE, SUA MORTE
É SEREM IGNORADOS

EDGAR FRANCO

Figura 59 – HQforismo do Ciberpajé publicado no Sketch Book Edgar Franco, Editora Criativo, 2017



Figura 60 – 3 HQforismos do Ciberpajé publicados no Sketch Book Edgar Franco, Editora Criativo, 2017



Figura 61 - HQforismo do Ciberpapé publicado no Sketch Book Edgar Franco, Editora Criativo, 2017

ASSIM COMO
A LUZ

A ESCLERIDÃO
NÃO TEM
DONO



CYBERPAPÉ

Figura 62 – HQforismo do Ciberpapé em 360 graus feito para navegação no Facebook, aqui mostrado na íntegra

Apesar de sua notoriedade enquanto criador e pesquisador com tantas obras artísticas e acadêmicas expostas e publicadas você continua fazendo fanzines! Conte-nos sobre seus fanzines mais recentes (Uivo e Equilíbrio Dinâmico) e por que continuar sendo zineiro?

Uivo é o meu zine de HQforismos com 5 edições já publicadas, e uma bela edição especial compilando os 4 primeiros números lançada em versão cartonera por você, IV Sacerdotisa, uma linda edição com tiragem limitadíssima, a proposta de Uivo é experimentar com as variações temáticas e conceituais do HQforismo. Já o Equilíbrio Dinâmico é um zine de HQforismos feito em parceria com você, IV Sacerdotisa, com o objetivo de experienciarmos a criação em parceria desse sub-gênero de quadrinhos poético-filosóficos, o HQforismo, já publica-

mos 4 números! O fanzine é a explosão da liberdade criativa, da arte genuína, sem amarras de mercado e de público. É uma forma pura e libertária de expressão. Muitos dos quadrinhistas das novas gerações não compreendem a essência do que é fanzine e tolamente creem tratar-se de publicações amadoras e mal impressas. Eles – mesmo diante da explosão da hiperinformação – ainda acreditam no mito da fama, de que devem publicar em grandes editoras e com grandes tiragens para tornarem-se famosos, mesmo criando obras derivativas. Fanzine para mim é o ESPÍRITO DA LIBERDADE CRIATIVA SEM AMARRAS, portanto todas as publicações que lancei até hoje foram fanzines, mesmo álbuns lançados por editoras como “BioCyberDrama Saga” é um fanzine para mim, pois eles foram criados como forma pura de expressão artística e sem nenhum vínculo com mercado, editor, público, sem visarem lucro. Nunca admiti, em nenhuma hipótese a intromissão de terceiros em minhas criações, boas ou ruins, elas são o resultado original de minha expressão criativa, por isso sou e serei sempre um FANZINEIRO! A motivação de criar fanzines, mas também de pesquisarmos sobre eles, levou você a sugerir a criação de uma associação nacional de pesquisadores e criadores de fanzines que eu batizei de ANZINE, e que teve sua semente inicial plantada no evento da ASPAS em 2019 em parceria com os grandes zineiros e pesquisadores Beralto e Gazy Andraus.



Figura 63 – Capa de Uivo #5, Ciberpajé, 2019

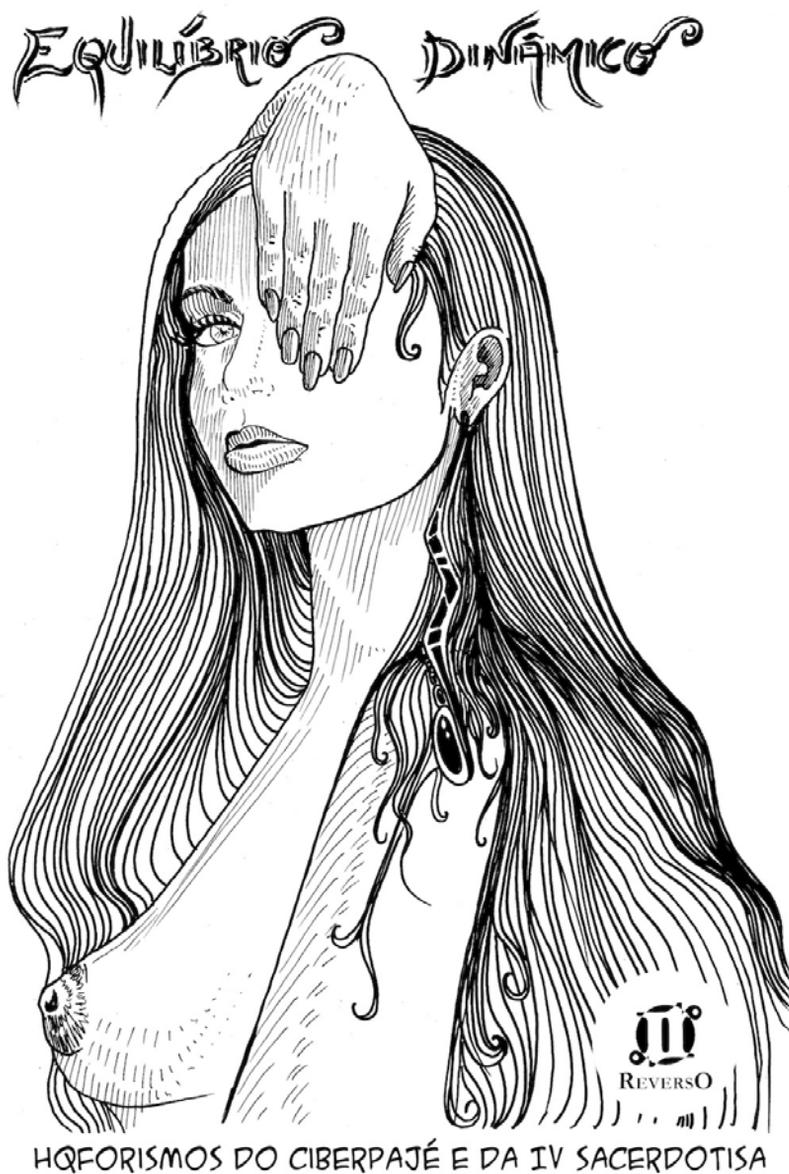


Figura 64 – Capa de Equilíbrio Dinâmico # 5, arte da IV Sacerdotisa e do Ciberpajé, 2018



Figura 65 - Ciberpajé e IV Sacerdotisa Danielle Barros durante o lançamento do zine Equilíbrio Dinâmico #5 no IV Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial (FNPAS) aconteceu em julho no IFF/Macaé (RJ), 2018

Depois de serem considerados por muitas décadas como “subliteratura”, os quadrinhos hoje estão cada vez mais presentes na sala de aula como recurso didático em diversas disciplinas. Contudo, tenho notado nos trabalhos acadêmicos publicados atualmente um uso “instrumental” das HQs, sem um aprofundamento mais crítico, reflexivo pelos docentes e discentes, tanto dos conceitos abordados ou minimamente da realidade em que vivem. Quadrinhos e Educação: como utilizá-los para além do viés “pedagogizante” (instrumental)?

Estou interessado em fazer a academia perceber o potencial das HQs, - como as criadas por mim, por Gazy Andraus, por Antonio Amaral, entre outros - no processo de formação integral do ser. Ou seja, em trazer outras dimensões não pedagogizantes para o contexto do ensino. Infelizmente as escolas deveriam morrer e renascer, mas isso precisa acontecer com o ser humano também. Não sou pessimista, pois tenho encontrado tantos seres humanos incríveis, criaturas realmente iluminadas. No entanto, percebo que boa parte de nossa espécie está mergulhada em um mundo de valores torpes, com buscas vãs, desestímulo e muita raiva da vida e de nossa espécie, uma raiva que não pode ser expressa e se transforma em tristeza/depressão. A escola não trabalha a capacidade criativa do ser, com toda a concorrência do mundo da hiperinformação ela continua arcaica e insossa. Precisamos de mais pessoas pesquisando o universo de HQs poético-filosóficas, gênero genuinamente brasileiro de quadrinhos que tem como motivação criativa as buscas existenciais.

Acho que a difusão desses trabalhos, aliada a um incentivo à criação de narrativas gráficas autorais entre os alunos, e a compreensão do que significam é algo importante para auxiliar um pouquinho nesse crescimento integral do homem. O saudoso professor Dr. Elydio dos Santos Neto, realizou um pós-doutorado na UNESP, em São Paulo, no qual estudou os quadrinhos poético-filosóficos, definindo esse gênero “genuinamente brasileiro”, segundo suas palavras. A pesquisa de Elydio incentivou o editor, artista e pesquisador Henrique Magalhães a criar uma nova coleção de livros em sua editora Marca de Fantasia, a coleção “Quadrinhos Poético-filosóficos”, selo que já publicou 8 obras sobre esse gênero.

O que é um Ritual de Presença?

Vivemos em uma época estranha, a espécie humana está cada vez mais desconectada de seu agora, as pessoas vivem com o fantasma do passado e as ansiedades insanas de um futuro, as redes sociais e a pseudo-existência virtual amplificaram isso. Então, por mais paradoxal que pareça, incrivelmente essa é a era da desconexão! Todos estão “conectados” às redes e desconectados de si mesmos. Seguem cultivando identidades ficcionais criadas nesses espaços virtuais, frações idealizadas de seus egos esmagados pelo culto do desempenho perfeito, tentando inventar uma satisfação ilusória com seus corpos, suas vidas, mesmo deixando claro nas entrelinhas um ódio implícito de si mesmos. E a população global concentra-se em sua maioria nas cidades, locais inaptos para a vida, repletos de ruídos sonoros e visuais, de paisagens feias e artificiais, de poluição, violên-

cia, medo, hipercompetitividade, egolatria, e individualismo neodarwinista. O contato com a natureza é mínimo, a desconexão absoluta de suas essências animais é total. Praticamente ninguém consegue compreender em seu íntimo ser parte da natureza, integrar a complexa e simbiótica teia da vida que gera o glorioso hiperorganismo Gaia. Esse distanciamento cada vez maior do essencial robotiza e zumbifica os seres de forma irreversível. Sua pseudo-vida passa a ser uma busca voraz por obter mais objetos desnecessários, exercendo o hiperconsumo alimentado pela religião da obsolescência programada. Também são adictos do hiper-entretenimento, uma obsessão crescente por mais entretenimento vazio que mesmerize suas mentes confusas, fazendo esquecerem-se de suas jornadas de trabalho opressivas, sem graça, tensas e baseadas na competição e no temor iminente da perda de seus empregos. O solipsismo de silício das redes ajuda-os a manterem-se produzindo, criando um refúgio ilusório nessas identidades fracionadas que inventam para si mesmos, afastando-se de todos, ou encontrando alguns nas celebrações insanas e doentias de entretenimento tosco e prazeres vazios: como os campeonatos de futebol, as igrejas dogmáticas, os shopping centers, os blockbusters, as raves, os happy hours regados a drogas lícitas. A ansiedade é o mal do século, ninguém dorme direito pensando nas tarefas impossíveis do dia que virá, exigindo cada vez mais de si mesmo, demonstrando total insatisfação com o que se tem, com quem se é, comparando-se a todo instante com os que o rodeiam, querendo sempre mais, mais, mais. Zumbis criados pelo monetarismo neoliberal, conduzidos pelas multinacionais em um mundo onde já não existe nenhum poder na mão dos estados nacionais. A espécie

humana está inevitavelmente condenada ao abismo que criou para si mesma, o fim é iminente, convidando-nos para uma celebração do nada que nos tornamos. Enquanto isso, nas poucas florestas que restaram, Lobos selvagens uivam para a Lua. Seu uivo cósmico é um hino de desolação e esperança, uma elegia para a humanidade, uma canção de glorificação da nova era de Gaia. O Ciberpajé celebra com seus irmãos Lobos, o nada absoluto e o tudo que emergirá! Depois desse fundamental preâmbulo, explico que o que eu nomeei de “ritual de presença” é um processo ritualístico artístico de reconexão absoluta com o momento presente, ele configura-se através do exercício de desenho livre, sem nenhum objetivo prévio ou desejo, simplesmente deixando as imagens fluírem livremente para o papel criando uma profunda conexão com o ato artístico e tornando-se o próprio desenho enquanto se desenha, o desenhador é o desenho e o desenho é o desenhador, e assim estando completamente conectado com o instante presente! Realizo esse exercício quase que diariamente. Tenho alguns vídeos no canal do Posthuman Tantra no Youtube mostrando-me em pleno ritual de presença, muitos deles em noites de autógrafa nas quais realizo os rituais desenhando nos exemplares das pessoas.

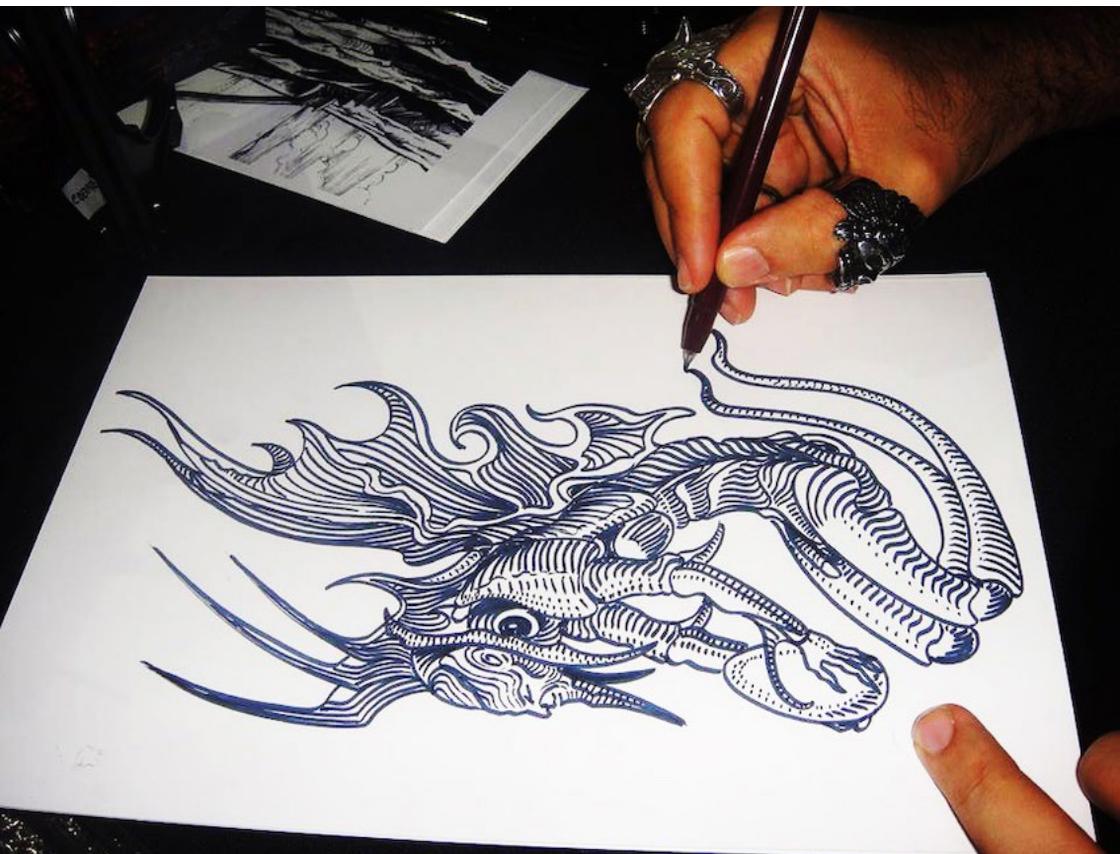


Figura 66 – Ciberpajé realizando “ritual de presença” em mesa de lançamentos do FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte, 2019

9. O Ciberpajé, Lúcifer e a Egrégora: Processos criativos para o Posthuman Tantra e o Projeto Musical Ciberpajé

Entrevista exclusiva ao Ciberpajé (Edgar Franco) publicada originalmente na revista Gatos & Alfices #6 (2015), conduzida pela IV Sacerdotisa Danielle Barros. A entrevista enfoca o processo criativo do álbum musical Lúcifer Transgênico, lançado pelo Posthuman Tantra em 2015 e também sobre o Projeto Ciberpajé e o lançamento do CD Egrégora reunindo 21 bandas de 5 países musicando os aforismos do Ciberpajé.

Conte-nos como foi o processo de gênese do novo álbum do Posthuman Tantra, como nasceu o conceito de Lúcifer Transgênico?

Considero-me um ser criativo e o ato de criar é algo sagrado e fundamental para a manutenção de meu equilíbrio interior. Estou trabalhando há mais de três anos em um álbum para a minha gravadora Suíça, a Legatus Records, o CD tem até um título definido já, *Cybershaman's Rising*, as músicas estão relacionadas com minha transmutação interior após a minha transformação em Ciberpajé. É um trabalho meticuloso e que tem ocupado muito tempo. Obviamente nesse período tenho lançado outros materiais do Posthuman

Tantra, como o CD *Biotech Werewolves*, de 2013 e o álbum tributo *Ten Years of Posthumanity* – lançado em 2014, com participações de 14 bandas prestando sua homenagem aos 10 anos do Posthuman Tantra e criando versões de minhas músicas; os dois lançados pela gravadora inglesa *412 Recordings*. Bem, no início desse ano, recebi o convite da gravadora brasileira Terceiro Mundo Chaos Discos, na figura do amigo Alexandre Casalunga, para criar um EP para ser lançado por ele em uma nova série de álbuns chamada *The Underground Noise Series*. Fiquei muito entusiasmado com o convite, pois tive um insight recente e estava com a ideia para um novo álbum da banda. Então o que seria um EP, tornou-se um álbum. Dessa vez eu me propus a trabalhar conceitualmente em todas as instâncias, criando uma metodologia ritualística até para as gravações. O conceito do disco trata da autodestruição da espécie humana devido à completa desconexão de sua essência natural, e como consequência de sua exploração cruel de Gaia. Na história do álbum a espécie humana se extingue, no entanto Gaia reconstitui-se e gera uma nova espécie senciente e consciente, uma espécie luciferiana que viverá uma relação harmônica com o bioma Gaia, o planeta Terra. A partir desse conceito criei a sistemática de produção do álbum, algo desafiador. Resgatei o número usado como clichê no heavy/black metal, o 666, mas agora como um símbolo da autodestruição da humanidade. O humano como o seu próprio demônio, o causador de seu auto-apocalipse. O 666 no disco é o número da espécie humana, ela é o vilão demoníaco a ser superado por Gaia, assim o número ganhou novo significado na obra. O desafio final foi a sistemática que propus a mim mesmo, criar um álbum conceitual, contando essa narrativa de

ficção científica ocultista e pós-humana, com 6 músicas, de 6 minutos e 6 versos cada. Para ser gravado exatamente em 6 dias!

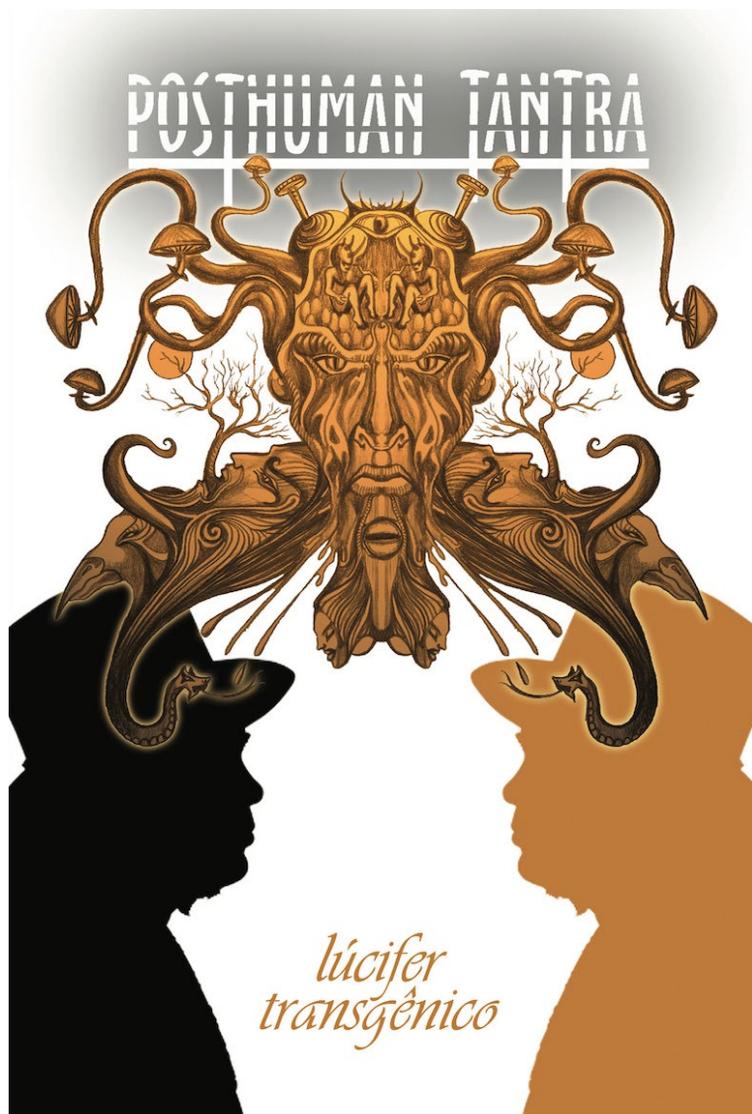


Figura 67 – Capa do CD *Lúcifer Transgênico*, do Posthuman Tantra, em sua versão lançada na Inglaterra pela gravadora 412 Records, 2016

Quem é Lúcifer e por que a ideia de Lúcifer é tão associada a uma noção negativa em nossa sociedade, como um “demônio sombrio” que deve ser evitado a todo custo? No contexto da obra, qual o sentido lato do nome do álbum e a mensagem que o Lúcifer Transgênico traz? Em suma, por que o termo “Lúcifer Transgênico”?

Lúcifer é o portador da luz, a estrela da manhã! Na cosmogonia judaico-cristã é o ícone máximo da rebeldia, da revolução, da descoberta, da novidade. Ele questiona deus, questiona a autoridade e quer igualdade, não quer permanecer como um subserviente escravo. É o dignitário da liberdade, é similar ao Prometeu grego que roubou o segredo do fogo de Zeus. É ele quem se transforma em serpente no Gênesis bíblico e liberta o homem de sua vida em um paraíso-uterino porto seguro, ao fazê-lo provar da árvore do conhecimento do bem e do mal. Obviamente, o denominado “anjo caído Lúcifer” tornou-se símbolo do mal no mundo ocidental, o líder das legiões do inferno. Uma imagem criada pelo cristianismo medieval ao unir partes de deuses pagãos de várias culturas ancestrais europeias para representar Lúcifer/Satan. Unindo os chifres de Pan, deus do vinho pagão, ao tridente de Tritão, deus dos mares e ao fogo de Vulcano, deus dos metais e do fogo, entre outros. Essa imagem monstruosa foi uma maneira de afastar as pessoas dos cultos pagãos, pois ao cultuarem seus deuses ancestrais seriam acusados de blasfemos e poderiam terminar na fogueira. A tradição Luciferiana remonta os sumérios, e muitos ocultistas dos séculos 18 e 19, resgataram a simbologia de Lúcifer como o portador da luz, a estrela da

manhã que aponta um novo horizonte, uma nova vida, a esperança, a revolução interior. É desse Lúcifer luminoso que o título do álbum trata. A humanidade e todas as suas religiões e deuses nada conseguiram ao longo das eras, o homem só tem se desconectado mais e mais da natureza e de sua essência cósmica. O ódio, as guerras, o lucro, a destruição do planeta e das demais espécies nunca foi tão impactante; a hipertecnologia não atende à harmonia entre os povos, é mais uma ferramenta de poder, dominação e dizimação. Nessa perspectiva a humanidade é o mal e seu(s) deus(es) são os arautos do fim! Só servem para dogmatizar as massas e produzir mais ódio e divisões. No álbum conceitual, Lúcifer é o nome da nova espécie que surge, o homem é substituído por Lúcifer e a humanidade pelos Luciferianos. É uma nova espécie emergente, seu surgimento é o fruto do que eu chamo de “transgenia cósmica”, não a mutação aleatória darwiniana ou a transgenia da ciência humana, mas uma transgenia do Universo em busca da transcendência auxiliando no surgimento dessa espécie que viverá de maneira mais harmônica com o planeta e o Cosmos. Lúcifer Transgênico é uma utopia de ficção científica, retrata o desejo de um planeta mais pacífico e integrado, menos competitivo, destrutivo e odioso. Mas isso não significa um planeta sem dor, ou violência, o equilíbrio surge dos opostos e a natureza é violenta, mas jamais cruel.



Figura 68 – Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, Ituiutaba, 2015

Em outras entrevistas você já revelou que utiliza efeitos, frequências, e elementos subliminares na composição das canções. Nesse álbum quais elementos você explora? Quais as suas intenções em utilizar tais efeitos?

Os efeitos subliminares tornaram-se um mito, a ciência subliminar é contestada até hoje. Não há interesse das grandes corporações globais que sejam efetivamente estudados os efeitos da publicidade subliminar no inconsciente humano. Um dos experimentos mais importantes da história da comunicação e do século XX hoje é negado e desmentido em milhares de sites na Internet, o chamado “experimento Vicarista”, que tentou provar o efeito subliminar na mente inconsciente das pessoas de induzi-las ao consumo, projetando as frases *Drink Coke & Eat Popcorn* - invisíveis à percepção consciente - num cinema em New Jersey (EUA) e tendo como resultado o aumento do consumo do refrigerante em mais de 57%. Esse experimento foi até desmentido por seu realizador, segundo a pouco confiável wikipedia. Insistem em dizer que os efeitos subliminares não existem, e isso é maravilhoso para a publicidade e para as multinacionais que usam esses efeitos cotidianamente sem serem interpeladas por isso. Segundo as minhas experiências, o subliminar é uma verdade assustadora, inclusive nossa memória é uma grande ilusão reconstruída constantemente, pois a mente inconsciente não diferencia sonho, ficcionalizações e realidade, tudo está ali sem distinções. Como destaca o pesquisador estadunidense Leonard Mlodinow, a nossa memória é na verdade uma construção inventada em que constantemente preenchemos as lacunas com hipertextos in-

ventados inconscientemente. Por isso a psicanálise é uma farsa, ela pode induzir a mente inconsciente a inventar coisas que não aconteceram e passar a acreditar nelas, como, por exemplo, um abuso. Apesar de a psicanálise ser considerada uma ciência, eu a considero muito perigosa, não aconselho-a a nenhum amigo ou parente. Jodorowsky, com sua incrível terapia da psicomagia já denunciava isso, e propõe as recriações poéticas teatralizadas de fatos negativos reconfigurando-os de maneira a fazer o inconsciente revê-los, curando traumas - mesmo os inventados! Dito isso, enfatizo que o uso que faço de sutis efeitos subliminares é totalmente artístico, não quero vender produtos, não quero induzir consumo. Os efeitos têm como objetivo simplesmente enfatizar a mensagem do álbum. E são sutis, como a ênfase em certas entonações e o uso de frequências cardíacas como base para a construção das músicas. Chamo isso de “subliminar poético”, subvertendo o uso indiscriminado do subliminar para a indução ao consumo da publicidade - a magia obscura do mundo contemporâneo.

Esse álbum nos faz criar imagens mentais e sensações muito fortes. Trata-se de uma narrativa sonora da Aurora Pós-Humana? Como ele está conectado com sua obra ficcional como um todo?

Sim! Eu penso que esse é um dos álbuns de maior impacto que já gravei, ele ficou conciso, tem um poder e certa brutalidade singulares. E isso veio também do tempo menor de lapidação, foi tudo muito rápido e espontâneo durante sua criação e gravação. Grande

parte das vozes foram gravadas em um único take e segui rigorosamente a metodologia imaginada para sua gravação. Gravei uma faixa por dia, e depois não mexi mais em sua estrutura. Elas são o que são, são como diamantes brutos. A história ficcional de Lúcifer Transgênico é um dos futuros possíveis em meu universo ficcional da “Aurora Pós-humana”, um futuro obscuro para a espécie humana hipertecnologizada e desconectada do Cosmos, sua extinção e substituição por uma espécie gaiana pós-humana. É uma realidade paralela possível em minha ficção, como as grandes franquias de quadrinhos Marvel e DC criam seus multiversos, “Lúcifer Transgênico” é um multiverso da “Aurora Pós-humana”. Perceba que no meu álbum de 2010 *Transhuman Reconnection Ecstasy* (Legatus Records, Suíça), a mensagem é totalmente diferente, através da aceleração da hiperinformação e da redescoberta dos enteógenos como tecnologias transcendentais os seres transhumanos reconectam-se à natureza e ao Cosmos e nossa espécie transformada resiste à iminente extinção. São duas histórias antagônicas, uma utópica em relação à nossa controversa espécie, outra distópica.



Figura 69 – Arte de capa do CD do Posthuman Tantra, “Transhuman Reconnection Ecstasy” (Legatus Records, Suíça, 2010)

As letras das músicas são fortes e viscerais. Gostaria de saber como foi o processo criativo em relação às letras em si.

Depois de ter o argumento do álbum conceitual em mente, deixei isso se interiorizar em meu inconsciente por alguns dias. Assim as letras surgiram espontaneamente em poucos minutos. Fiz pequenos acertos nelas depois para dar ênfase em certas palavras quando

fosse cantá-las/recitá-las. Tive que ser extremamente sintético, para contar toda a saga da extinção humana e do nascimento da espécie Luciferiana que nos substitui em Gaia. São apenas 36 versos, 6 em cada faixa. E eu costumo escrever algumas músicas muito longas, tenho faixas com mais de 50 versos! Então foi desafiador, e agora reescutando o disco para a entrevista no seu lançamento estou impactado pela força dessa história e dos versos. Penso que é um dos meus melhores trabalhos como letrista. É claro que trabalhar em minha língua natal auxiliou muito nesse processo.

Tentei ser “ritualística” em confluência com a obra e fazer apenas 6 perguntas sobre o novo álbum, mas vão mais três para o nove que é o seis invertido. Esse é o primeiro álbum lançado pelo Posthuman Tantra todo em língua portuguesa?

Sim. Pela primeira vez decidi criar o trabalho todo em língua portuguesa. Fazia já um bom tempo que não lançava nada por uma gravadora brasileira. Mas gradativamente o interesse pelo Posthuman Tantra tem crescido no Brasil, principalmente devido às performances ao vivo. Para bandas do porte do Posthuman Tantra, que produz um estilo de música para um público muito restrito, é difícil hoje lançar materiais físicos. O interesse por comprar CDs caiu vertiginosamente, mas eu ainda acho fundamental ter o material em versão física. Assim as gravadoras que trabalham comigo têm optado por pequenas tiragens e lançamentos especiais com detalhes exclusivos para os colecionadores. Apesar de 90% de meus lançamentos em CD terem acontecido na Europa, tenho incluído faixas em português na

maioria deles. Acho importante manter essa relação íntima com a base de minha cultura que é minha língua, apesar de gostar do inglês e entendê-lo como o novo “esperanto” global. Já era hora de criar um trabalho totalmente em minha língua, o convite da “Terceiro Mundo Chaos Discos” foi a deixa para isso, e surgiu “Lúcifer Transgênico”.



Figura 70 – Arte de capa do CD do Posthuman Tantra, Lúcifer Transgênico, versão brasileira lançada pelo selo “Terceiro Mundo Chaos Discos”, 2015

Ainda sobre o processo de criação do álbum, gostaria que você explicasse mais um pouco como foi a “metodologia ritualística” criada por você para as gravações. No caso específico do “Ato IV – Enterro Cósmico” - que me impactou profundamente -, a meu ver o mais sombrio de todo o álbum, me fez sentir ser transportada ao subterrâneo de meu ser. Nessa música sua voz é a mais irreconhecível de tudo que já ouvi de suas obras, senti tontura e enjoo. Se tomarmos a música enquanto uma forma de energia, neste ato senti a mais densa de todas e a faixa pareceu-me mais longa que as outras. Como foi o vislumbre da criação do conceito desta música?

Levo muito a sério minha condição de mago Ciberpajé. As gravações desse álbum foram ritualísticas, preparei o lugar inicialmente - um dos quartos da Oca do Ciberpajé que tenho utilizado como meu estúdio de gravação. Essa preparação envolveu um ritual de limpeza de energias difusas que poderiam estar no local, depois o decorei com algumas imagens inspiradoras e que se relacionavam para mim com a concepção do álbum. Separei todos os instrumentos acústicos que utilizei no álbum e os energizei levando-os para o estúdio. Exigi de meus familiares que não invadissem o meu total isolamento criativo ritualístico por nenhum motivo. Estabeleci o mergulho ritualístico-criativo e os momentos para breves descansos e alimentação. Durante os 6 dias estive completamente focado, e iniciava as sessões de gravação com um ritual de iluminação e força criado por mim no contexto do sistema mágico da “Aurora Pós-humana”. A

janela do estúdio dá para o jardim frontal da casa e para árvores frutíferas, uma jaboticabeira florescendo, um pé de acerola e coqueiro. Abri a janela muitas vezes e fui visitado por majestosas borboletas, tive sinais sutis do Cosmos me dizendo que a criação do álbum seria transformadora para mim. E foi. Saí renovado e reenergizado dos 6 dias de completo mergulho, como se tivesse vivido um retiro asceta de reformatação de valores. A criação de Lúcifer Transgênico foi mais um passo poderoso em meu trabalho de autocura através da arte, de minha busca de ser integral. Tem um episódio curioso que aconteceu devido às gravações do álbum. Vale a pena relatá-lo. Em um dos intervalos de gravação, solicitei à nossa empregada diarista que varresse o estúdio. Isso deflagrou um processo complexo. Ao retornar ao estúdio, senti energias densas e antagônicas nele, e tive que refazer o ritual de limpeza. Depois disso só permiti que alguém entrasse no estúdio junto comigo, nos dias das gravações. Mas não foi só isso. A entrada no estúdio impactou fortemente a diarista - que já trabalhava conosco há três anos - uma cristã dogmática que já demonstrava aversão à minha arte, declarando à minha esposa ter medo de meus desenhos e músicas. Ao entrar no estúdio e ver as imagens coladas na parede e uma delas em um espelho, ela transtornou-se, sentiu ali a forte energia antidogmática do local. O resultado foi que ela consultou seu pastor e ele “explicou-lhe” que ao colar a imagem de um “demônio” em um espelho, eu estaria realizando um ritual de chamamento de uma dessas criaturas, e que sou um feiticeiro satanista. Ela explicou isso à minha esposa e pediu as contas. Aceitamos sem julgá-la e agradecemos pelos anos de bons serviços prestados. A densidade energética revolucionária e antidogmática

presente no estúdio foi demais para aquela mulher, e ela escolheu a coleira do dogma, julgando-me e cortando relações comigo, típico ato odioso de dogmáticos separatistas. Mas não respondi com ódio, fui amoroso como devemos ser com os dogmáticos, no entanto não a aceitaria mais como nossa diarista. Um episódio peculiar que traduz a força das energias envolvidas na criação do álbum. O ato IV, chamado de “Enterro Cósmico” tem uma densidade singular, ele retrata o fim completo da espécie humana, sua derrocada final. A estrutura melódica criada mistura um tom fúnebre com ruídos claustrofóbicos e orgânicos, a música segue em um crescente e sufocante clima denso. Ao gravar as vozes eu entrei em um estado de transe em que acreditei totalmente que assistia ao fim completo de nossa espécie, vislumbrei cidades vazias e bilhões de cadáveres apodrecendo, o silêncio absoluto da humanidade, foi doloroso e tenebroso para mim. Mergulhei nessa percepção e minha voz traz essa sensação hedionda experienciada ali, durante esse processo de transe criativo. A faixa embrulhou seu estômago por carregar essa energia densa, essa imagem do fim, que é sim triste e desoladora, o verso final traduz isso: “Em uma vala cósmica, enterra-se a espécie humana”.



Figura 71 – O Ciberpajé com o CD do Posthuman Tantra, Lúcifer transgênico, em mãos.
Foto e figurino de Luiz Fers, 2015

Você publicou vídeos revelando partes de seu processo de criação/gravação. Gostaria que nos falasse sobre o conceito, estética e processo criativo da arte da capa e sua simbologia, e como foi, em suma, o processo criativo desta obra.

Publiquei três vídeos curtos durante o processo de criação e gravação do álbum. Dois deles são breves registros daquele belo momento em estúdio. O primeiro foi gravado no terceiro dia, quando estava trabalhando no “Ato III - Desanimalização”. O segundo foi uma rápida fala gravada no estúdio tratando do conceito geral da obra. Já o terceiro vídeo, foi feito tempos depois, quando estava concluindo a arte da capa do CD. O rascunho da capa foi feito também no estúdio no sexto dia das gravações, mas sua finalização aconteceu algum tempo depois, como acontece na maioria dos álbuns do Posthuman Tantra sou também o responsável por toda a arte e projeto gráfico dos CDs. O vídeo mostra o aspecto técnico do processo de colorização da capa. Mas sua pergunta é instigante, pois ainda não detalhei os aspectos conceituais presentes nessa arte. Resgato a imagem clichê do demônio/Lúcifer e sua cor vermelha dominante, mas subverto sua configuração geral incluindo símbolos relativos à cosmogonia da obra. A começar pelos chifres, que não são mais chifres, são substituídos pela imagem de cogumelos *Psilocybe cubensis* estilizados, enteógenos que poderiam ter reformatado os valores e reconectado à natureza a espécie humana já extinta. Na cabeça da figura luciferiana temos dois fetos, simbolizando o início dessa possibilidade de um novo ser consciente habitar Gaia, acima deles o terceiro olho aberto da tradição hinduísta. O Lúcifer da arte tem uma expressão

fria e silenciosa, reflexiva, mas seus olhos jorram torrentes de lágrimas, uma atitude não coerente com o estigma de um demônio. Suas lágrimas são derramadas pela espécie que se extinguiu, uma espécie que apesar de seu lado hediondo, tinha algo de belo e poético. Os dois rostos humanos no queixo de Lúcifer de olhos fechados representam cadáveres humanos em mortalhas. Nas laterais temos dois rostos humanos, dominados pela natureza, também cadáveres, dando espaço ao ressurgimento de Gaia, com árvores nascendo de suas bocas, são signos da perpetuação da vida independentemente do fenômeno humano, trabalho também neles a dubiedade, pois podem ser interpretados como a ganância do homem destruindo e engolindo a natureza/as outras espécies viventes. Finalmente as cabeças de pássaro simbolizam a descoberta de uma nova fronteira, um novo mundo. E as serpentes a revolução luciferiana. Essa é a síntese da simbologia dessa arte criada com muito entusiasmo para retratar o conceito da obra.

Como esta obra se conecta a suas recentes experiências com enteógenos – as plantas de poder - e em que medida essas experiências psicodélicas influenciaram na criação do álbum Lúcifer Transgênico?

Iniciei minhas experiências com enteógenos em 2007, nunca me interessei por nenhuma substância química ou droga que modificasse minha percepção da realidade, não gosto de álcool, café, nem açúcar, nunca me interessei por drogas excitativas do sistema nervoso central como cocaína, heroína, ecstasy, anfetamina ou outras drogas sintéti-



Figura 72 – Ciberpajé em seu estúdio Oca, durante as gravações do álbum “Lúcifer Transgênico”, foto de Lucas Dal Berto, 2015

cas, e nem mesmo a maconha e seus efeitos nunca me interessaram. Mas desde minha adolescência e de minhas primeiras experiências de transe artísticos durante a criação de quadrinhos e arte comecei a interessar-me pelas chamadas plantas de poder, que promoveriam a expansão da consciência rumo à transcendência. De certa forma encontrei eco nos relatos de muitos escritores que tinham experiências com essas plantas, das experiências que eu tinha ao criar arte, episódios raros, mas muito intensos, de perda de noção do tempo, presença total no agora e visualização de imagens e seres. Então mergulhei por anos na leitura das obras de investigadores dos estados ampliados da consciência como Terence McKenna, Carlos Castañeda, Aldous Hu-

xley, Tim Leary (que começou experimentando Cogumelos), John C. Lilly, entre outros. Essas leituras me instigaram a ter a experiência, mas nunca a forcei, e a primeira delas veio no momento certo, quando já tinha o amadurecimento espiritual necessário para ela, aos 36 anos. Desde então tenho esporadicamente experienciado viagens psiconáuticas com o cogumelo *Psilocybe cubensis*. Destaco meu total e completo desprezo por toda a institucionalização das plantas de poder em dogmas, religiões, pseudo-seitas xamânicas, grupos, rodas e todas as formas diretas ou indiretas de lucrar com essas substâncias, envolvê-las em uma estrutura dogmática e obter qualquer tipo de lucro é algo abominável para mim. Por isso optei por não utilizar essas plantas de poder em nenhum desses contextos, assim elegi o cubensis como minha planta de poder (um fungo, na verdade), nessa etapa de minha vida. Não aconselho ninguém a usar essas substâncias de forma recreativa, ou sem ter a noção do impacto que elas podem causar em seu sistema de valores e psique. Essa introdução é importante para situar a relação de “Lúcifer Transgênico” com a experiência de viagem psiconáutica mais recente que realizei, um ano antes da gravação do álbum, que teve impacto profundo na minha produção artística desde então. Em 2014 realizei uma experiência, que foi impactante e incrível, ela redimensionou minha relação com o mundo das plantas, a vida vegetal no planeta, tive a experiência real de conversar com uma árvore e de tornar-me árvore - essa experiência foi relatada em detalhes em uma entrevista concedida a você, IV Sacerdotisa, e pode ser lida no meu blog nesse link - <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2014/06/entrevista-com-o-ciberpaje-viagem.html>. Durante o ano de 2014 e o início de 2015 ainda estou gerando trabalhos artísticos

diretamente relacionados a essa experiência com o cubensis, dentre eles destaco especialmente o número 9 de minha revista “Artlectos e Pós-humanos”, os fanzines Uivo 1, 2 e 3, e o álbum do Posthuman Tantra, Lúcifer Transgênico. Outra experiência transcendente que influenciou indiretamente essas obras foi com a Respiração Holotrópica, uma entrevista sobre ela pode ser lida no link - <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2014/07/respiracao-holotropica-estados.html> . As viagens psiconáuticas são aliadas em minha busca pela transcendência e seus resultados em meu processo criativo auxiliam em minha cura na busca da integralidade.

Gostaria agora que nos contasse o que é o “Projeto Ciberpajé”? Como surgiu e qual a proposta dele?

Desde meu processo de transmutação em Ciberpajé, que aconteceu no meu aniversário de 40 anos, em 2011, através de um ritual de base artística, intensifiquei a redação de aforismos e passei a assiná-los com meu novo nome de ser renascido: “Ciberpajé”. É bom ressaltar que como Ciberpajé não pretendo ser mestre, nem guru de ninguém, a única cura que busco é a minha cura, minha busca pessoal de ser integral, aceitar-me completamente e reconectar-me à minha essência cósmica natural. Os meus aforismos são reflexões curtas totalmente inspiradas em minhas experiências, não são sentenças filosóficas ou especulações teóricas, não pretendem doutrinar ninguém, e dou-me o direito de ser paradoxal, pois uma experiência que vivo hoje pode mudar completamente a percepção de minha realidade de ontem. Sou complexo e mutante e aceito isso entusias-



Figura 73 – Capa da revista Artlectos & Pós-humanos #9, Editora Marca de Fantasia, 2015

ticamente. Tudo o que digo nos aforismos é algo que vivo, ou vivi em minhas experiências imanentes e transcendententes. A escrita dos aforismos tornou-se também para mim um ritual quase diário, sempre refletindo sobre as experiências do dia e usando a arte da escrita como forma de traduzi-las e fixá-las para mim, ampliar minha própria compreensão da experiência. Assim como uso a música, a pintura, o desenho, os quadrinhos e outras formas expressivas com os mesmos objetivos. Passei a postá-los em minha rede social como forma de disseminação de minhas experiências, pois eventualmente a experiência de alguém pode auxiliar outras pessoas a compreenderem suas próprias experiências. Com o tempo, os aforismos passaram a ser acompanhados por muitas pessoas, e surgiram desdobramentos, como a página “Os Aforismos do Ciberpajé”, com mais de 3 mil assinantes e a coluna de jornal “Os Aforismos do Ciberpajé Edgar Franco”, publicada no Jornal do Pontal - maior jornal da região do pontal do Triângulo Mineiro - que tem sido publicada há mais de 70 semanas. Você, IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Danielle Barros, tornou-se uma grande interessada em meus aforismos, sendo responsável por sua compilação contínua e pela organização do livro “Os Aforismos do Ciberpajé”, obra que pretendemos lançar em breve. Também coordena a página no facebook e até tatuou um dos aforismos na pele. Os aforismos têm gerado outros desdobramentos criativos, primeiro foram os fotoaforismos, aforismos do Ciberpajé acompanhados por fotos exclusivas e autorais, tiradas por mim ou amigos artistas. Depois vieram os HQaforismos, novo gênero de quadrinhos poético-filosóficos que fundem aforismo e linguagem quadrinhística, e que assim foram batizados por mim e por você, Daniel-

le Barros, eles têm sido publicados na minha rede social e também nos fanzines impressos da Aurora Pós-humana: Uivo, Equilíbrio Dinâmico, Sibilante, Abismos do Lobo - primeiro fanzine do gênero “HQforismos” - e Fêmea Cósmica. Em breve teremos o primeiro álbum de HQforismos do Ciberpajé lançado. Essa introdução foi necessária para explicar o surgimento do projeto musical “Ciberpajé”. Como todos sabem, tenho o Posthuman Tantra como minha banda e forma primária de expressão musical. No estúdio sou responsável por todos os instrumentos, vozes, letras e artes criadas para a banda e essa tem sido a base de minha criação musical. Em 2014 recebi um convite inusitado do amigo e músico Genilson Alves, mentor da banda Each Second e da gravadora Lunare Music, ele me falou que seria interessante criar um projeto musical com os aforismos do Ciberpajé e sugeriu que o nome do projeto fosse simplesmente “Ciberpajé”. Ao pensar no projeto, Genilson lembrou-se do escritor de ficção científica cyberpunk japonês Kenji Siratori - que inclusive participou do primeiro disco do Posthuman Tantra. Siratori grava recitações de seus textos viscerais e intrigantes e envia para bandas de industrial e darkwave musicarem, tendo participado de inúmeros álbuns pelo mundo afora. A ideia foi fazer algo parecido, mas dessa feita com os meus aforismos. Assim eu gravaria os aforismos com minha voz dando as impoções e emoções que sinto em cada um e Genilson criaria uma atmosfera musical para o aforismo. Nesse caso eu seria uma espécie de vocalista e letrista e ele criaria a composição musical. Dessa ideia inicial surgiu o primeiro EP do projeto Ciberpajé, “A Invocação da Serpente”. O EP pode ser ouvido no link: <http://lunarelabel.bandcamp.com/album/ciberpaj-invoca-o-da-serpente>



Figura 74 – Capa do EP Ciberpajé – A Invocação da Serpente, Lunare Music, 2014

Depois de “A Invocação da Serpente”, temos um novo lançamento, o “Lua Divinal”. Como surgiu esta obra?

Genilson Alves foi claro ao propor o projeto, não seria uma banda minha e dele, e sim algo para eu convidar amigos músicos e entusiastas a criarem suas visões musicais para meus aforismos. O primeiro EP, a parceria com Genilson e seu Each Second teve uma

repercussão inesperada, muitas resenhas elogiosas, e mereceu até uma versão em CD com tiragem limitadíssima de 33 cópias e uma quarta faixa, bonus track criada exclusivamente para ele. A Lunare Music, selo de Genilson, tornou-se a casa do projeto Ciberpajé, e logo pensamos em convidar outro músico/banda para fazermos o segundo EP. Pensamos juntos em chamar o Gorium, projeto do amigo André Gorium, lá de Cuiabá, que tem uma trajetória consistente na cena dark ambient nacional e uma musicalidade muito peculiar. André atendeu ao convite com muito entusiasmo, eu selecionei os três aforismos e gravei-os em um dia enviando-os a ele que compôs as faixas também rapidamente, com muito entusiasmo e intensidade. Nasceu assim o segundo EP do projeto, o “Lua Divinal”, lançado esse ano com ótima repercussão. Ele pode ser ouvido no link direto da gravadora Lunare Music: <http://lunarelabeled.bandcamp.com/album/ciberpaj-lua-divinal>. Desde então muitos amigos se interessaram em participar do projeto e já tenho 3 outros EPs a caminho, e outras surpresas, uma delas é o CD encartado na revista que você lê agora. (Nota: Atualmente, em 2019, já foram lançados 21 Eps com musicistas das 5 regiões do Brasil, todos podem ser baixados e ouvidos em streaming no bandcamp da gravadora Lunare Music: <https://lunarelabeled.bandcamp.com>).



Figura 75 – Capa do décimo oitavo EP do projeto Ciberpajé, intitulado “Meu teto Infinito”, parceria com a banda inglesa Xa-Mul, Lunare Music, 2019

O projeto de musicar aforismos parece trazer à tona a interconexão de toda sua arte: Ser Ciberpajé, seu ideário, os aforismos, Aurora Pós-humana, Posthuman Tantra, HQ-forismos, quadrinhos e ilustrações. Essa conexão entre suas criações sempre foi clara para você? Como manter vivo este universo mágico e dinâmico nas artes?

As conexões entre minhas múltiplas expressões artísticas fluíram de forma natural, a minha percepção do mundo e do cosmos sempre veio de maneira multidimensional, o que me inspira a ir na contramão da superespecialização, que é um discurso atordoante dos que dominam o planeta e querem produzir robôs alienados, mas que tenham domínio de uma parte fragmentada do conhecimento para servirem às engrenagens de lucro das multinacionais. Assim geramos os especialistas, e nosso mundo está apinhado deles, aqueles que só sabem falar de uma coisa, só conhecem em profundidade um assunto. As graduações tecnicistas ensinadas nas universidades do mundo todo criam esses autômatos, engenheiros que sabem construir pontes, mas não entendem nada de arte ou história, historiadores que renegam antropologia e sociologia, psiquiatras que abominam psicologia. O poder dividiu os idiotas para conquistá-los. Nas artes, um espaço que deveria ser o da multiplicidade, vemos também esse cacoete pós-industrialista reinar, ouço constantemente perguntas como: “Afinal, você é músico, poeta, quadrinhista, performer, ilustrador, ou o quê?” Ao expressar-me em múltiplas formas e suportes artísticos, eu incomodo meus pares, iludidos pela dogmatização da hiperespecialização. Eu rebelo-me contra as classificações

e as sujeições criativas, crio o que eu quiser, como eu quiser, não me sujeito ao sistema da arte e às suas determinações castradoras, sou livre! A arte das galerias, os ditos artistas eleitos pela mídia, pelas revistas especializadas e pelos acadêmicos como significativos, são quase na totalidade puro lixo vazio e insignificante. A conexão profunda entre todas as minhas criações ganhou maior lastro com a criação de meu universo ficcional transmídia “Aurora Pós-humana”, criado a partir de 1999, para ambientar minhas reflexões sobre as relações da espécie humana com os processos hipertecnológicos e os desdobramentos tecnognósticos e transcendentais disso, o dito fenômeno pós-humano. A “Aurora Pós-humana” é também o que eu poderia chamar de um sistema mágico artístico que auxilia na busca de minha integralidade como ser, a arte servindo como fonte de cura para o Ciberpajé.

Embora seu traço seja inconfundível, em entrevistas você já disse que não ostenta nenhum “estilo”, uma vez que está sempre aberto a experimentações. Nas ilustrações dos EPs do projeto Ciberpajé você provou isso mais uma vez, inovando no traço. Em relação à estética das ilustrações desse projeto - os desenhos em traço branco em fundo negro - como foi o processo criativo?

As ilustrações escolhidas para as capas dos dois primeiros EPs do projeto “Ciberpajé” integram uma série dos meus múltiplos experimentos com o meu traço. Os artistas comumente tornam-se escravos daquilo que chamam de estilo, chegam a uma solução plástica



Figura 76 – Capa do CD do Posthuman Tantra, Neocortex Plug-in, lançado pela gravadora suíça Legatus Records, 2010. Arte do Ciberpajé com síntese da conexão transcendente pós-humanista

interessante e são elogiados por ela e a partir dali elegem essa forma estética como seu estilo - isso acontece também na poesia, na música, e em todas as formas expressivas - assim criam um útero que muitas vezes habitarão até morrerem. O estilo é a morte do artista e da expressão genuína, obviamente eu tenho um traço peculiar que se desenvolveu ao longo dos anos, mas de forma nenhuma quero es-

tar preso a ele, ser um escravo de uma forma expressiva, estou totalmente aberto ao novo, e sinto-me sempre instigado a experimentar novas formas expressivas, por isso tornei-me um pioneiro na criação de formas narrativas expressivas. Nos quadrinhos, por exemplo, sou um dos criadores do gênero poético-filosófico, um dos criadores dos HQforismos, o mapeador do fenômeno e criador do termo HQtrônicas, sendo um dos pioneiros no Brasil a criar HQs hipermidiáticas. Na música, estou sempre rompendo com as expectativas dos fãs do Posthuman Tantra, pois a banda é completamente experimental e a mídia mundial tem grande dificuldade em rotulá-la. Tenho múltiplas séries de ilustrações e desenhos que exploram expressões gráficas inusitadas. As ilustrações das capas dos EPs “A Invocação da Serpente” e “Lua Divinal” são artes espontâneas e instantâneas que surgiram em poucos minutos, ou segundos e exploraram a dinâmica do claro-escuro e da total liberdade fruitiva, integram uma série experimental que gosto muito. Já cheguei a desenhar mais de 100 artes assim em um dia. Elas são criadas sem objetivo específico, são rituais artísticos de integração ao Cosmos e vivência completa do meu agora.

O projeto Ciberpajé teve boa repercussão na cena underground, tendo, em poucas horas do lançamento do EP no site da Lunare Music, um grande número de resenhas e divulgação espontâneas do público. A seu ver, a que se deve essa reverberação e resposta tão instantânea das pessoas?

Para algo nesses moldes, um projeto de música autoral underground e iconoclasta, foi uma resposta muito positiva, surpreendeu-nos e

não sei o motivo dessa reverberação. Particularmente não me preocupo nem um pouco com a quantidade de pessoas que fruirão minhas obras, isso é totalmente irrelevante para mim, mas tornou-se o inferno astral de artistas confusos, pois desde o surgimento da mídia massiva, a arte passou a ser confundida com “entretenimento” e o sucesso artístico passou a ser confundido com “fama”. A fama é um mito global idiota, e para ser famoso você precisa dar às massas o que



Figura 77 – Arte de capa do EP Ciberpajé – Heresia Cósmica, Lunare Music, 2016

elas desejam, e as massas estão cada vez mais idiotizadas e rasas. O artista genuíno tem que ser visceral, dizer o que vai em sua alma e em seu coração, e não o que o mundo do entretenimento quer que ele diga. Portanto, eu não crio minhas obras para nenhum público, para nenhum nicho ou rótulo, eu as crio pela necessidade e prazer de expressar-me, e claro elas são formas mágicko-transcendentes que promovem mutações em mim. Obviamente ficarei contente se por acaso essas obras tocarem outras pessoas, mas essa não é a finalidade delas, primordialmente elas são rituais artísticos de autocura em direção à minha integralidade.

E qual a novidade que o Ciberpajé e a revista Gatos & Alfices nos trouxe no projeto Ciberpajé?

O amigo Barata Cichetto é um poeta visceral, admirável, da raríssima estirpe dos que considero artistas genuínos. Tem ido contra todas as expectativas do mundo mercantilista, propondo a difusão artesanal de obras iconoclastas, se auto-editando através do selo que criou o “Barata Artesanal”, uma editora que publica obras iconoclastas que estão à margem do sistema do entretenimento - baseado no lucro e na exploração da alienação midiática. Livros com pequenas tiragens, num mundo obcecado com os *likes*, com a popularidade forçada, volumes para poucos seres interessados na força da autoridade. Barata é um resistente, uma pessoa com a qual me identifico. Recentemente ele criou mais um projeto provocativo a revista “Gatos e Alfices”, um título instigante, aberto à poesia, ensaios filosóficos, fotografia, ficção, crítica de arte e música alternativa. A revista



Figura 78 – IV Sacerdotisa segura arte de capa do EP Ciberpapé – Estratégema da Aranha, Lunare Music, 2016

impressa vai na contramão da falência decretada do suporte papel para esse tipo de mídia, e subverte mais ainda ao incluir encartado um CD musical, outra mídia também considerada em extinção, atitudes provocativas e que agradam quem ainda gosta do prazer atávico de pegar na revista e colocar o CD pra tocar. Ao conhecer o projeto e ver sua força, escrevi ao Barata propondo uma edição com um

projeto especial do “Ciberpajé”, um CD encartado incluindo bandas que eu e ele convidaríamos para musicar aforismos selecionados. Barata respondeu de forma entusiasmada e propôs essa edição especial que está em suas mãos, incluindo essa entrevista, artes criadas por mim e o CD com 21 bandas criando as ambiências musicais para meus aforismos. As respostas aos convites para a criação das faixas foram imediatas e entusiasmadas e a criatividade e diversidade das músicas gerou essa “Egrégora” - título do projeto - poderosa. Um capítulo inusitado e magnífico na trajetória do projeto musical “Ciberpajé”! Tivemos inclusive participações internacionais, de bandas que mesmo diante da barreira linguística aceitaram o desafio de musicarem os aforismos. Quero deixar aqui nominalmente minha gratidão a todas as bandas do projeto: Posthuman Tantra, Alpha III Project, Blues Riders, Gabriel Fox, ANT[ISM], Poolsar, Kamboja, Vento Motivo, Muqueta na Oreia, Hidden in Plain Sight, Each Second, Gorium, God Pussy, Nix’s Eyes, Iamí, Transzendenz (Suíça), Blakr (Inglaterra), Zemlya, Melek-tha (França), Dimitri Brandi de Abreu, Emme Ya (Colômbia) e ao grande Barata pela incrível oportunidade. Sigamos firmes e vivos, acreditando na autoexpressão.

EDGAR FRANCO: O CIBERPAJÉ,
LÚCIFER E A EGRÉGORA

GATOS  ALFACES

BOCA DA REVISTA



Figura 79 – Capa da revista Gatos & Alfases #6, 2015



Figura 8o – Capa do CD Ciberpajé – Egrégora, trazendo 21 bandas de 5 países criando as ambientações musicais para os aforismos do Ciberpajé, 2015

10. NOISIGIL - Primeiro “Sigilo Sonoro Ocultista” do Posthuman Tantra

Entrevista ao Ciberpajé sobre o lançamento do single “noisigil” – sigilo mágicko sonoro do Posthuman Tantra, conduzida pela IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Danielle Barros e publicada originalmente no blog “A Arte do Ciberpajé Edgar Franco” (2016).



Figura 81 - Arte de Daniel Dutra para capa do single Noisigil, do Posthuman Tantra, 2016

Abrindo o mês de maio de 2016, o Ciberpajé criou um novo single do Posthuman Tantra com uma proposta de arte magística completamente inovadora! Aproveitei a oportunidade para conhecer um pouco mais dessa obra e revelar a todos que acompanham as suas criações quais foram as inspirações, motivações e o processo ritualístico de execução de “noisigil”. Confira nesta entrevista exclusiva!

Gostaria que você detalhasse o processo criativo do novo single do Posthuman Tantra e por que ele tem esse nome?

Esse single é o resultado de uma ação mágicka com o objetivo claro de transformar um aspecto de minha realidade como ser, fazendo emergir uma das forças atávicas e animistas de um de meus totens animais. Eu não o chamaria de música, prefiro chamá-lo de “sigilo sonoro”. Na tradição mágicka ocidental, um dos magistas que mais me influenciaram é o artista cósmico inglês Austin Osman Spare, criador de uma das técnicas mais eficazes de sigilos que eu já pratiquei. A ideia do single foi transmutar o conceito sigilístico do visual para o sonoro, para isso, após desenhar o sigilo baseado na minha sentença da vontade eu utilizei um sintetizador analógico Gakken SX-150 Mark II para efetivamente redesenhar o sigilo com sua caneta analógica durante a gravação das partes noises da faixa, em um estado de transe induzido. As outras partes, com as batidas mais tradicionais do Posthuman Tantra foram gravadas enquanto recitava a versão mântrica do sigilo que também aparece em minhas vozes gravadas. O termo NOISIGIL é um neologismo em língua inglesa

criado para nomear o sigilo, a mistura da palavra noise (barulho) com a palavra sigil (sigilo), o nome veio da base ruidosa sonora que estrutura parte da faixa.



Figura 82 - Ciberpajé fotografado por Daniel Rizoto, 2016

Como esse single se conecta com seu universo ficcional da Aurora Pós- humana?

O universo ficcional transmídia da “Aurora Pós-humana” é também o meu sistema mágicko. Eu sou o criador e a persona principal de meu universo, o Ciberpajé, e a realização do sigilo visa acelerar a incorporação de uma característica animista que necessito para transmutar minha realidade. Metaforicamente e no contexto da “Aurora Pós-humana”, o sigilo funciona como a mixagem dos genes desse animal em meu DNA, transmutando-me e permitindo-me adquirir um de seus talentos especiais. O sigilo nesse caso é uma operação mágicka de transgenia humanimal, mas com uma tecnologia diferente da científica.

Como é gravar um single que nunca mais será ouvido por você?

Essa é uma questão importante, um sigilo mágicko de qualquer ordem precisa ser “impresso” em nossa mente inconsciente para funcionar, mas após essa impressão ele deve ser esquecido ou não se efetivará completamente. No caso desse conceito de “sigilo sonoro” criado por mim, a fixação aconteceu durante a gravação da faixa em estado de transe e recitando o mantra, e depois ainda em sua mixagem e na audição final dela por 11 vezes. O passo final foi publicá-la no canal do Posthuman Tantra no youtube e jamais voltarei a ouvi-la, pois é parte fundamental do processo sigilístico não escutá-la mais. Isso gera uma circunstância curiosa, que eu nunca tinha

experienciado, pois algumas pessoas têm comentado sobre a faixa e certos aspectos sonoros dela, despertando meu desejo de ouvi-la novamente, mas me controlo e jamais farei isso.

Como está sendo a receptividade do público?

As pessoas ficam curiosas com o fato de eu ter criado uma faixa que não ouvirei mais e com a estrutura de sigilo sonoro, então a repercussão entre os aficionados de música experimental, ambient e noise tem sido boa, com pessoas comentando sobre a música, sua proposta mágicka e também sobre o belo sigilo da arte de capa criado pelo grande artista e amigo Daniel Dutra. Penso em fazer uma edição limitadíssima do single, com apenas 11 cópias numeradas e assinadas em formato mini CD para alguns fãs colecionadores do material do Posthuman Tantra. 11 cópias assinadas com meu sangue mutante humanimal. Também destaco que minha arte não visa entreter ou agradar ninguém, minha arte é um processo ritualístico de auto-transformação, esse é seu objetivo fundamental, então, sinceramente não me preocupo com a sua recepção, se for boa, tudo bem, se não for, mantenho-me centrado e sereno.

Quais simbologias da arte criada por Daniel Dutra e como se conecta com o single?

Daniel Dutra tem um talento especial para criar sigilos visuais, sua iconografia básica remete sempre a essa forma de magia. A arte da capa foi criada como um sigilo geral de densificação do ideário do

Posthuman Tantra, é um sigilo geral para a banda que tem uma numerologia e iconografia muito especiais. Podemos revelar o que o constitui, mas não o que significa, pois o segredo do significado geral é sua força. Segue um diagrama visual criado por Daniel mostrando os símbolos presentes nele. A conexão da arte com o single é o fato de estarmos diante de dois sigilos, mas de ordem completamente diferente, um deles visual o outro sonoro. Eu também desenho sigilos, mas eles têm uma visualidade muito mais distante da tradição visual dessa arte. No meu caso eles não parecem de imediato que são sigilos, como a capa do número 10 da minha revista “Artlectos e Pós-humanos” (Editora Marca de Fantasia, 2016), já o sigilo da capa do single criado por Daniel e o sigilo base criado por mim para ser transformado em som têm essa característica de estarem diretamente conectados à tradição estética dos sigilos, eis sua conexão.



Figura 83 - Mapa de simbologia do sigilo com arte de Daniel Dutra, 2016

É sua primeira experiência na criação de um sigilo atávico sonoro? Isso já foi feito antes por alguém ou é uma inovação criada por você?

Sim, é a primeira vez que faço deliberadamente uma faixa sonora sigilo, e uma das inspirações para ela foi o fato de eu ter adquirido recentemente o sintetizador Gakken SX-150 Mark II, pois ele tem como interface sonora um instrumento que me remeteu imediatamente - por analogia - à uma caneta, então ao tocá-lo comecei a fazer experimentos literais de escrever frases e fazer desenhos utilizando a caneta sonora, a partir disso e de minha intenção recente de realizar um novo sigilo animista tive a ideia de criar essa técnica particular de “sigilos sonoros” e realizar então o primeiro deles. Agora avaliarei a eficácia da técnica e se funcionar devidamente vou retomá-la em outras faixas. Nunca ouvi falar de alguém ter criado sigilos sonoros com um método semelhante a esse, creio tê-lo inventado.

Experimentos práticos de arte magística sonora como este são comuns? Estou perguntando porque apesar de existirem tantas bandas que se declaram ocultistas, não vejo tantas criações de magia e arte sendo efetivadas na prática. Em sua visão, há muita teoria e pouca prática nesse sentido?

Infelizmente toda a cultura ocidental é infestada pela praga da verbosidade, as pessoas falam demais, existem eruditos e conhecedores profundos de todos os assuntos, em todas as áreas, mas em sua

esmagadora maioria, esses eruditos são intelectualoides frouxos e ineptos que nunca experienciaram nada, são enciclopédias ambulantes de assuntos e temas que nunca vivenciaram e subsistem de espalhar essa verborragia inócua e enfastiante por aí. A universidade é um dos antros principais desses eruditos estéreis, por isso ela tornou-se o lixo que é, não transforma ninguém, não ilumina ninguém. No âmbito do chamado ocultismo acontece a mesma coisa, temos inúmeros eruditos da magia, escrevendo tratados, criando sites, azucrinando-nos em seus blogs e páginas de internet com um pseudo conhecimento mágico que não lhes serve de absolutamente nada, a não ser pelo fato de se sentirem respeitados por alguns seres pueris que admiram tal conhecimento. A única magia que me interessa é a prática, aquela que eu posso utilizar e experienciar a transformação de minha realidade. Todo o resto é lixo retórico desnecessário, a vida é breve e não tenho tempo a perder com eruditismos inócuos. Não que eu desconheça a tradição ocultista ocidental, já li demais, mas joguei praticamente tudo no lixo, mantendo só aquilo que me serve, as práticas que incorporo em minha produção artística, pois cada obra minha é uma ação ritualística de transmutação! O ocultismo é fascinante como tema, por isso muitos setores do rock e metal o elegem como conceito, mas 99% desses musicistas não se preocupam realmente com magia, estão só usando-a como um tema que pode atrair a curiosidade para o que fazem. Conheço poucos artistas que realmente utilizam ritualisticamente sua música.

Você está sempre criando, gostaria de saber quais os novos projetos do Posthuman Tantra, algum lançamento em vista, apresentações para este ano? Quais as novidades?

Para mim, vida é criação, minha criatividade é pulsante, pois é com ela que transmuta a realidade e crio minha energia vital! Muitas novidades vindo por aí, uma delas um álbum duplo em parceria com uma das maiores lendas da música dark mundial, o Melek-tha, da França; também o terceiro álbum do Posthuman Tantra pela Legatus Records, da Suíça. Quanto às apresentações ao vivo, estou trabalhando na inclusão de novos elementos e atos nas performances da banda, por isso estamos aguardando a conclusão desses detalhes para retornarmos aos palcos no segundo semestre. Já temos marcada uma apresentação no III Fórum da Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial que acontecerá em Goiânia, na Faculdade de Artes Visuais da UFG, em outubro. Seguimos fortes e entusiasmados, afinal, com apenas 12 anos, somos uma banda chegando à puberdade, cheia de hormônios e vontade!



Figura 84 – Ciberpajé fotografado por Gabriel Tino, 2015

II. A criação de DOUOSVAVVM, novo sigilo mágicko do Posthuman Tantra

Ciberpajé desvela a criação de DOUOSVAVVM, novo sigilo mágicko do Posthuman Tantra (novembro de 2016). Conduzida pela IV Sacerdotisa Danielle Barros e originalmente publicada no blog “A Arte do Ciberpajé Edgar Franco”.

O Ciberpajé acaba de lançar o segundo experimento utilizando a técnica inspirada na tradição de sigilos do mago Austin Osman Spare reconfigurada para o contexto sonoro do sistema mágico da “Aurora Pós-humana”. DOUOSVAVVM não é uma música, trata-se de um sigilo sonoro-visual atávico animista que, para que se efetive, o criador jamais poderá ouvir a faixa ou fixar a imagem criada para compor o sigilo novamente. Saiba mais sobre a obra, processo criativo e outros detalhes, na entrevista feita com o Ciberpajé Edgar Franco, conduzida por Danielle Barros IV Sacerdotisa.

Queria que você falasse sobre o processo criativo desse novo sigilo sonoro-visual.

Primeiro destaco que um sigilo nasce de uma intenção clara do magista, um objetivo certo de transmutação, autotransformação. Meu envolvimento com sigilos é algo que recorre à tradição mágica de Austin Osman Spare recontextualizada para a tradição contemporânea da chamada “magia do caos” e ambientada em meu universo ficcional magístico “A Aurora Pós-humana”. Criar um sigilo que envolva também o som como forma de transe e fixação da mensagem no inconsciente é algo recente em meus experimentos, o primeiro foi Noisigil e agora realizei DOUOSVAVVM. Dessa vez o processo foi diferente. Após ter a intenção atávico-animista do sigilo claramente definida, ao invés de escrever textualmente essa intenção eu parti para um transe conduzido por sons ruidosos aliados a algo próximo da chamada postura da morte na tradição caoísta. Obviamente preparei todos os sintetizadores e equipamentos de gravação antes. Os ruídos eram produzidos por minha mão esquerda atuando sobre um sintetizador “Korg Monotrom Dellay”. A fixação do sigilo aos poucos gerou um desejo de emitir sons quase mântricos, Quando entrei em sintonia profunda com a intenção primal liguei o play e gravei a parte final do transe sonoro que resultou na faixa sigilística DOUOSVAVVM. Esse processo durou cerca de uma hora. Mas nesse caso o sigilo só se completaria quando a partir do som eu criasse a sua imagem síntese. Então criei o sigilo visual que é a capa do single. Desenhei-o sob a audição intensa da faixa, coloquei-a para tocar em loop 11 vezes e criei o desenho básico, depois fiz o desdobramento

final do sigilo visual em um software gráfico. Ao final, para fechar o processo completo de minha fixação do sigilo, ouvi novamente 11 vezes a faixa enquanto olhava para o sigilo visual ocupando toda a tela do meu computador. O processo completo demorou um pouco mais de 3 horas.



Figura 85 – Ciberpajé fotografado pela IV Sacerdotisa Danielle Barros, 2016



Figura 86 – Ciberpajé fotografado pela IV Sacerdotisa Danielle Barros, 2016

A intenção que motivou o primeiro sigilo tem relação com a intenção do segundo, ou são independentes?

São completamente independentes. Nesse novo sigilo sonoro-visual, até o processo criativo experimental foi diferente, e nesse caso existe uma conexão profunda e direta entre o aspecto sonoro e o visual, sendo os dois indissociáveis. Inclusive para os que tiverem interesse em fruírem esse trabalho mais intensamente sugiro ouvirem a faixa 11 vezes enquanto fixam seu olhar sobre a imagem da capa. Assim sentirão certamente a força animista que existe nele.

Qual o papel da imagem visual criada para a concretização do sigilo? O que ela significa no contexto do sigilo sonoro?

Aprendi que um magista deve criar seus próprios métodos para alcançar seus objetivos, e isso envolve a capacidade de experimentar! Quase todos tratam o trabalho mágicko de forma muito sisuda e séria. Ao envolver meu processo criativo experimental artístico na criação mágicka eu torno o ritual mais lúdico e até divertido. Então o método de elaboração desse sigilo sonoro-visual é totalmente experimental, e em sua concepção imaginei começar com o som e terminar a fixação desenvolvendo a imagem e depois experienciando a conexão entre ambos. Tive sensações muito profundas e intensas na fase final do processo, isso me deu pistas de que o sigilo pode ser eficaz. Mas para ser direto em relação à sua questão, nesse caso a imagem é parte do sigilo, ele não existe sem ela. Por isso enquanto

Noisigil eu chamei de sigilo sonoro, DOUOSVAVVM estou chamando de “sigilo sonoro-visual”.



Figura 87 – Arte do Ciberpajé utilizada como base para criação da imagem-sigilo de DOUOSVAVVM, 2016

Como funciona o processo de fixação do sigilo e por que o criador não pode mais ouvi-lo?

Fixar um sigilo, metaforicamente, é como a introjeção de um trauma no inconsciente. Um exemplo, a pessoa não consegue entrar na água, tem terror até de uma piscina infantil, ela não sabe a causa

disso, aí um dia sua avó lhe conta que quando ficou com ela em casa, bebê ainda, quase se afogou na banheira - só que a avó nunca contou para os pais. Então veja, o trauma se fixou na mente inconsciente, e mesmo sem LEMBRAR o fato a pessoa sofre os seus efeitos! No caso de um sigilo temos algo bem próximo, só que não se trata de um trauma que desejamos fixar e sim uma intenção transformadora pessoal, algo que mudará nossa realidade, nos dará mais força para lidarmos com determinadas situações. E para ser absolutamente eficaz - como um trauma às avessas - o sigilo deve ser fixado na mente inconsciente e depois esquecido. Os métodos de fixação são múltiplos e dependem de cada magista, uns usam extenuação física, postura da morte, magia sexual etc. No caso de um sigilo sonoro-visual eu assumo o compromisso de não mais olhar fixamente para a imagem ou ouvir o som, isso é parte do processo de esquecimento necessário à sua fixação.

Então será necessário que você não veja mais nem a imagem? Como conseguir esse intento se a todo instante as imagens são compartilhadas nas redes, e até mesmo no contexto da divulgação da obra e as pessoas compartilhando, como não ser surpreendido com a imagem diante de você novamente?

Sim, na verdade em Noisigil a imagem - criada pelo artista Daniel Dutra - não tinha relação direta com o sigilo sonoro. Foi um complemento, mas o sigilo sonoro era independente. Agora, em DOUOS-VAVVM, imagem e som compõem o sigilo, estão conectadas direta-

mente. Quanto à dificuldade de não visualizar a imagem, não terei muitos problemas, pois nesses primeiros dias que for compartilhada não a fixarei. E sua difusão acontecerá por poucos dias, já que vivemos numa cultura líquida onde tudo é descartável e as pessoas perdem o interesse rapidamente, sempre ávidas por algo novo, então o próprio sistema em que vivemos auxilia no intento de não mais ver a imagem.

Uma curiosidade, a intenção que motivou a criação do noisigil – seu primeiro sigilo sonoro - foi alcançada?

Sim, integralmente.

Por fim gostaria de saber, se for possível, por que o sigilo sonoro visual tem esse nome DOUSVAVVM?

O nome do sigilo é inspirado no grande enigma do Monumento do Pastor (Inglaterra), que alguns dizem ser a chave do amor cósmico e outros o caminho para o Santo Graal. 1193. Ouça DOUSVAVVM nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=ko6Dm1cEu2w>

12. Posthuman Tantra: cogumelos & rituais de invocação do Baphomet Transumano

A IV Sacerdotisa Danielle Barros conduziu entrevista exclusiva com o Ciberpajé sobre o processo criativo magístico do novo single do Posthuman Tantra, “Transhuman Baphomet’s Cult”, lançado pelo darknet label Necromancia. Originalmente publicada no blog “A Arte do Ciberpajé Edgar Franco” (2019).

Gostaria de saber como surgiu a ideia de criar um single com o tema/nome Transhuman Baphomet’s Cult? Qual o conceito do single?

O meu processo criativo é sempre algo espantoso e inusitado. Não costumo estabelecer limites para o que vou criar e sempre permito que as imagens, signos, sons e sensações fluam do inconsciente sem amarras, trata-se de um processo muito mais intuitivo do que racional. No entanto, isso não significa que não utilizo certos métodos e procedimentos. Curiosamente, no caso desse single, tudo começou com experimentos em um novo sintetizador que adquiri, criei muitas linhas sonoras, experimentei bastante, e percebi algo inusitado, as faixas estavam com um certo ar “dançante”, algo que nunca

aconteceu com o Posthuman Tantra. Bem, então decidi compor algo para um single, mas quando toquei as primeiras notas, que me vieram espontaneamente, a atmosfera do local mudou de vibração, foi estranho, coloquei a sequência de notas para tocar em loop e senti uma densidade obscura no ar, imediatamente me vieram como um flashback as sensações e visões de horror que experimentei no início de uma recente experiência de ENOC com o *Psilocybe cubensis* (leia entrevista com relato completo dessa experiência nesse link: <https://ciberpaje.blogspot.com/2018/02/entrevista-horror-ex-tase-supremo.html>). Os seres das sombras que me perseguiram na experiência, durante esse novo vislumbre, tiraram seus véus, e eles tinham uma imagem que mixava algo do Baphomet de Eliphas Levi com os seres transgênicos de David Cronenberg. Obviamente não vejo o Baphomet com o preconceito judaico-cristão que o demoniza, percebo-o com sua força equilibrante e harmonizadora das dualidades que geram conflitos. É um ícone da busca transcendente, mas nesse caso específico, o novo aspecto orgânico-mutante da entidade lhe tirou o viço e deixou-a realmente grotesca. Um obscuro Baphomet Transumano estava diante de mim. Qual sentido disso, porque essa imagem veio a mim? Sei que nada é ao acaso. Assim, a partir dessa visão, a concepção da música veio com força, criar um ritual mítico mágicko de exaltação, invocação e incorporação dessa criatura arquetípica nova. Imaginei um culto imemorial ao Baphomet Transumano, e a faixa é a versão sonora subliminar desse ritual e seus significados essenciais para minha transmutação.



Figura 88 – Ciberpajé fotografado por Luiz Fers na cidade de Goiás, figurino de Luiz Fers, 2018

Como você destacou, essa obra foi inspirada em sua experiência mais recente com o cubensis. Queria saber por que você exalta também - além das sensações de êxtase - as sensações obscuras vivenciadas pela viagem psiconáutica, tendo em vista que muitas pessoas que experienciam sensações sombrias nessas viagens preferem não comentar/relembrar? Qual a importância/motivo pelo qual você também celebra essa faceta obscura da experiência?

Talvez vivamos em uma das eras mais cruéis e sanguinárias da espécie humana. Apesar de milênios de civilização e de um pretenso progresso material e tecnológico, seguimos como neandertais, mais competitivos, territorialistas e odiosos do que nunca. E grande parte das atrocidades e genocídios cometidos, ao longo da história humana e na contemporaneidade, são frutos de ações ditas DO BEM, geradas pelo fanatismo e dogmatismo religioso e ideológico, sempre com uma “maquiagem” falaciosa de estarem agindo em nome de Deus, ou de um “bem maior”! Esses dogmas e ideologias possuem regras de conduta moral, leis que devem ser seguidas e que ignoram completamente o aspecto animal e instintivo do ser humano, obrigando todos a negarem e obstruírem seus instintos biológicos e também a eclipsarem suas sombras. Vendendo uma ideia equivocada de que podemos ser criaturas maniqueístas, ou seja, absolutamente a serviço do bem, e imaculados. Assim, qualquer vislumbre da sombra é encarado como algo pecaminoso, perigoso, maldito, mas nós somos seres complexos, feitos de sombras e luzes que se integram, e que em harmonia permitem o equilíbrio. Por isso, ao negarmos nossos aspectos obscuros, nossas sombras profundas, estamos na verdade destruindo a possibilidade da totalidade, de sermos integrais e iluminarmo-nos. Se você aceita que odeia, que tem raiva, que sente dor, e desejos de poder e outros considerados amorais, se encara esses sentimentos como parte integrante de seu ser, você pode transmutá-los! Um dos caminhos para essa transmutação rumo à iluminação é a magia ritual artística. Por isso devemos valorizar com o mesmo peso nossas experiências de êxtase, de paz, de nirvana, e de dor, de ódio, de raiva, de medo, de horror, é a essência que forja o ser

integral. Na escuridão interior encontramos as chaves que abrem os portais da luz. Perceba que mesmo a geração “nova era namastê” finge um estado de pseudo serenidade eterna forçado, por isso tantos gurus são abusadores grotescos, ao negarem o desejo de poder e fama, e os desejos naturais sexuais, acabam sendo tragados por eles, tornando-se criaturas perversas e péfidas. A arte é para mim um exercício ritual de transmutação a partir da incorporação de todos

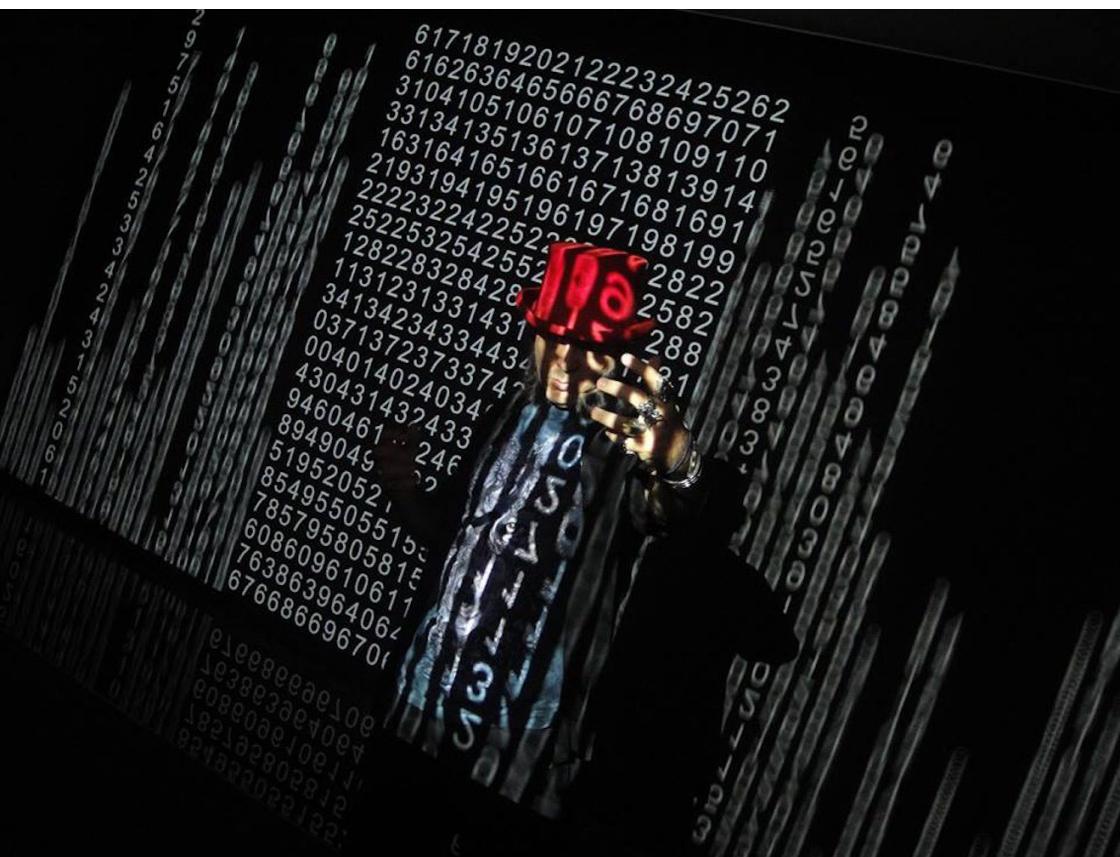


Figura 89 – Ciberpajé fotografado por Anésio Neto, Museu da República, Brasília, 2017.

os aspectos de meu eu profundo, e as sombras são fundamentais nesse processo. No caso dessa experiência específica com o cubensis, vivi um terror indescritível que levou-me a um medo de mim mesmo, na verdade vislumbrei algumas sombras densas de meu self que jamais havia imaginado, essas sombras personificaram-se na imagem grotesca do Baphomet Transumano, então esse ser icônico mágicko tornou-se parte de minha sombra que devo compreender, aceitar, reverenciar e transcender.

E o ritual em si. Como foi o processo criativo/ritualístico desse single?

Alguns detalhes do ritual prefiro manter sigilosos pelo seu caráter pessoal. A sequência de notas inicial ficou gravada no sintetizador, e no início serviu de mantra sonoro para a visualização do culto imemorial da criatura. Somado a isso, a base para a gravação partiu de um processo de impregnação visual em meu estúdio/templo, no qual cerquei-me de algumas imagens que relacionam-se ao Baphomet Transumano, incluindo muitos rascunhos e desenhos meus criados a partir da experiência com o cogumelo. Também realizei um exercício de desenho automático induzido pelo som mântrico. Daí em diante mergulhei corporificamente com todos os meus sentidos, na experiência de ser um iniciado nesse culto ancestral e de dedicar-me com amor a essa divindade grotesca. Esse processo de imersão durou 3 dias, e sempre terminava na hora crepuscular, início da noite. A composição Transhuman Baphomet's Cult reproduz o clima mágicko do ritual que experienciei com um grupo de cultua-

dores, e foi composta e gravada como parte do rito artístico mágico e mítico-arquetípico.

Gostaria de saber mais sobre os aspectos simbólicos do single, desde o nome, a duração 4:05, dos elementos sonoros utilizados, e as simbologias na arte da capa.

O título do single e da música é um reflexo direto e *ipsis litteris* da imagem vislumbrada e ritualizada no culto da entidade obscura



Figura 90 – Ciberpajé fotografado por Luiz Fers na cidade de Goiás, figurino de Luiz Fers, 2018

“Baphomet Transumano”. O sentido simbólico dessa criatura mítica relaciona-se diretamente ao meu sistema mágico da “Aurora Pós-humana”, conectando o equilíbrio hermético (Caibalion) intrínseco à iconografia do Baphomet, com o desequilíbrio contemporâneo perpetrado pela hipertecnologia, pela hiperinformação e pela transgenia, ameaças à espécie humana e geradoras da sexta extinção massiva de espécies em nosso planeta. Ao compreender a essência desse ser transgênico mítico, posso adentrar os meandros do que esses aspectos obscuros significam para mim e como lidar com eles de forma mais sagaz e não só destrutiva e preconceituosa. Obviamente essas simbologias mais profundas só têm sentido para mim, criador e executor do ritual de transmutação artístico. O tempo da faixa 4:05 minutos, se somarmos dá 9, o número que mais se afasta da unidade, a desintegração, a sombra mais intensa necessária para o retorno à unidade, o mergulho no abismo, o nigredo alquímico. A capa foi criada a partir de duas ilustrações esboçadas com a experiência visionária com o *Psilocybe cubensis*, resgatei-as e mudei alguns elementos sutis em ambas, usando uma delas para demonstrar o aspecto de culto e devoção, e a segunda para definir a geração fetal cósmica desse Baphomet Transumano. A arte da capa conecta-se diretamente à música e durante a mixagem final tive um transe especial fitando-a enquanto ouvia a música. Alguns elementos sutis foram utilizados na música e para sua fruição completa aconselho ouvi-la com fones de boa qualidade, utilizei o ritmo cardíaco médio de 72 BPM, e certos efeitos subliminares em baixas frequências para ressaltar a força obscura do culto, gravações de sons que prefiro não revelar. A faixa foi composta e gravada em sintetizadores, e contro-

ladores midi, e envolveu a gravação orgânica de vozes e também sua síntese. Um detalhe importante foi a escolha do selo para lançar o single, o darknetlabel Necromancia, dedicado à música das sombras! O Necromancia é capitaneado pelo lendário musicista e ativista da cena darkwave brasileira, o mato-grossense André Gorium.



Figura 91 – Capa do single do Posthuman Tantra, “Transhuman Baphomet’s Cult”, arte do Ciberpajé, 2019

Você sempre diz em suas palestras e entrevistas que a arte é um processo de cura. Queria saber especificamente, como ocorre esse mecanismo de transformação, como a criação desse single contribuiu para seu processo de cura interior? Que cura é essa?

Como sempre digo, a recepção às minhas obras é um presente, uma sobremesa saborosa, mas ela nunca será sua finalidade. O real objetivo de minhas criações é o processo criativo em si, que funciona como um ritual de autocura em busca de minha integralidade. O que é essa cura? É a capacidade de ACEITAR-ME INTEGRALMENTE, assimilar minha sombra por completo, entender quem eu sou, perdoar-me e ter a capacidade de amar-me sem nenhum obstáculo, seguir meu coração, meus instintos animais, minha selvageria, meu amor intrínseco à vida, abdicar e abolir tudo aquilo que me foi imposto pela cultura, pelos meus pais, professores, pela sociedade, tudo o que for uma mentira e não fizer parte essencial de meu ser. Ao desenvolvermos esse autoamor criamos também a capacidade de amar a todos, uma profunda empatia e amorosidade que se espalha pelo universo inteiro, o chamado amor cósmico! Ao criar ritualisticamente o Baphomet Transumano compreendi, incorporei e transcendi aspectos fundamentais de minha sombra, dando mais um passo rumo à integralidade. Ouça o single nesse link: <https://necromancia-darknet.bandcamp.com/album/transhuman-baphomets-cult-nm-012>

Posfácio

O Ciberpajé: ruídos de um ser em constante transmutação!

Pela IV Sacerdotisa Danielle Barros

Quem é o Ciberpajé? E o que é ser Ciberpajé? Neste posfácio falei sobre Edgar Franco e sua transmutação em Ciberpajé, também sobre a sua aparência peculiar estabelecendo conexões entre sua vida, ideário e suas criações como seus aforismos, e suas obras transmídia, destacando a minha visão poética sobre este ser único. A ideia é apresentá-lo para aqueles que não o conhecem, após a leitura desse livro composto por múltiplas entrevistas – a maior parte delas inéditas - enfocando diversos aspectos de sua filosofia transcendente de vida, e os processos criativos de sua arte transmídia.

Início tratando da sua transmutação em Ciberpajé. Prestes a completar 40 anos de vida, Franco iniciou uma contagem regressiva que começou 10 dias antes do seu aniversário, e diariamente ele desenhou e escreveu as chamadas “Chaves da Transmutação”, que significam valores fundamentais para o artista magista. Foram 10 chaves ao todo, e a chave final foi concluída no dia 20 de setembro de 2011, data de seu aniversário quando então declarou seu renascimento simbólico como “Ciberpajé”. Neste dia ele gravou um single

para celebrar o renascimento, composto e gravado em um único *take* na manhã daquela data. Seu nome de ser renascido traz a junção de CIBER+PAJÉ. O sufixo pajé: porque para Edgar Franco a figura do pajé (xamã) fascina pela capacidade de conectar-se diretamente com a natureza para modificar a realidade, mixando os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentais ao mundo ordinário, conseguindo assim reestruturar a realidade. Essa figura representa a busca pela autocura, pela harmonia, e o equilíbrio interior. O prefixo ciber, da cibernética, foi agregado ao “pajé” porque denota a conexão e troca de informações entre os seres vivos, mas também entre seres vivos e máquinas, e incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios criativos de conexão entre mundos que o Ciberpajé promove. Reproduzo na sequência “As Chaves da Transmutação” em Ciberpajé. Elas compõem a HQ de abertura da revista em quadrinhos Artlectos e Pós-Humanos #6 (Marca de Fantasia, 2012):

O SERENO - Ser humilde & sempre sereno diante de reis e de mendigos, de flores e de leões.

O MOMENTO - Viver o Agora, deixar florescer o momento: a flor que desabrocha, a borboleta que rompe o casulo, ser como uma borboleta.

O EQUILIBRADO - Encarar a importância do mal tanto quanto a do bem, são faces da mesma moeda, paradoxos que dão sentido à verdade! Ter serenidade para lidar com a dor e com a alegria.

O SINCERO - Dizer o que se pensa sempre para o outro, ser aberto, demonstrar suas fragilidades, não acumular raiva, não gerar tristeza.

O DELICADO - Cultivar a delicadeza e a doçura com todos os entes vivos e não vivos.

O AMOROSO - Amar o diferente, amar incondicionalmente!

O SELVAGEM - Reconectar-se ao animal interior, aos aspectos naturais do ser. Abrir-se para os prazeres terrenos. Viver o prazer sem culpa, experimentar os êxtases da vida!



Figura 92 – Arte da chave da transmutação “O Selvagem”, por Ciberpajé

O COMPLEMENTAR - Vivenciar masculinidade e feminilidade com intensidade, perceber a importância da complementaridade masculino e feminino, abrir-se a ela. Ir ao encontro do ser complementar sem apego, com amor, sensualidade e liberdade.

A RENOVAÇÃO - Experimentar todo momento como único, cada segundo é um novo nascimento, um maravilhar-se! O agora é pura eternidade!

O RENASCIDO - Aceitar-se completamente, ser como luz, perceber a eternidade em si mesmo, sentir a profunda conexão com todas as coisas e seres.

Ser diferente em um mundo formatado não é fácil. Edgar Franco é uma figura controversa, ele é um “ruído”. Artista reconhecido, desde seu início na década de 80 com os fanzines, passando pela consolidação de sua obra como quadrinista e um dos pioneiros do gênero de quadrinhos poético-filosóficos no Brasil, até chegar às suas inúmeras facetas contemporâneas como artista-criador transmídia. Está à frente do Posthuman Tantra, seu projeto musical performático cúbri-do com CDs lançados na Suíça, França, Inglaterra, Brasil e Japão e apresentações ao vivo em 4 regiões do Brasil, em eventos acadêmicos nacionais e internacionais e também festivais de música alternativa. O projeto tem como temas principais a hipertecnologia e a tecnog-nose, e integra membros do Grupo de Pesquisa Criação e Ciberarte, que Franco coordena na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Como pesquisador acadêmico definiu o conceito de HQtrônicas – em livro homônimo com 2 edições lançadas, sendo referência internacional no tema dos quadrinhos hipermidiáticos, tendo várias HQtrônicas criadas e até premiadas. Seu trabalho se destaca em diversas mídias e suportes como ilustrações - para capas de livros, revistas, CDs, DVDS etc.; nos aforismos e HQforismos do Ciberpajé - publicados em jornais, revistas, fanzines e página da rede social facebook com mais de

3 mil seguidores (Aforismos do Ciberpajé); nos quadrinhos; palestras e conferências em todo o Brasil; em sua atuação acadêmica como professor permanente nos cursos de graduação em Artes Visuais & Design Gráfico, também no Programa de Pós-graduação - mestrado e doutorado - em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no qual já orientou mais de 10 mestrados e 5 doutorados. É autor de dezenas de artigos acadêmicos, capítulos de livros e 4 livros apresentando suas pesquisas sobre a linguagem dos quadrinhos, arte e tecnologia, processos criativos de narrativas transmídia, e arte visionária.

As suas criações artísticas têm focado-se na conexão intrínseca e extrínseca entre arte, transcendência, ciência e tecnologia, obras transmidiáticas que baseiam-se no seu universo ficcional transmídia da Aurora Pós-humana, mas utilizam-se dos mais diversos suportes para serem realizadas, indo das histórias em quadrinhos, passando pelas instalações interativas e sites de *web* arte e chegando às performances multimídia. Essas obras têm chamado a atenção de diversos pesquisadores acadêmicos, de múltiplas áreas, do Brasil e exterior, gerando inúmeras análises sobre elas em artigos e capítulos de livro, também nos 3 livros acadêmicos escritos sobre sua obra, sendo eles “Os Quadrinhos Poético-filosóficos de Edgar Franco” (Editora Marca de Fantasia, 2012), escrito pelo saudoso educador professor Dr. Elydio dos Santos Neto (UFPB); “Edgar Franco e suas Criaturas no Banquete de Platão” (Editora Marca de Fantasia, 2012), de autoria da comunicóloga professora Dra. Nadja Carvalho (UFPB); e “Agartha: Símbolos e Mitos nos Quadrinhos Poético-filosóficos” (Editora Marca de Fantasia, 2018), de minha autoria (Dra. Danielle Barros – UFSB).

Além dos três livros, ao longo dos anos já houve artigos de pesquisadores das áreas de sociologia, antropologia, história, filosofia, biologia, educação, e artes dedicados a analisar suas obras, publicados em periódicos e anais de eventos em todo o Brasil e alguns no exterior, denotando o interesse inter e transdisciplinar despertado por suas criações. O Vol.7 N.15 (2017) da revista acadêmica *Cadernos Zygmunt Bauman (UFMA)* foi totalmente dedicado ao “DOSSIÊ CIBERPAJÉ; arte, vida e transmídia”, que reuniu dez pesquisadores de oito universidades brasileiras e uma estrangeira com artigos inéditos tratando de múltiplos aspectos de suas criações artísticas e de sua atuação como artista-pesquisador. O dossiê, de mais de 200 páginas, é um testemunho do caráter interdisciplinar das suas obras, compreendendo artigos redigidos por pesquisadores doutores e doutorandos das áreas de história, comunicação, educação, design digital, educação & saúde, música, artes e filosofia.

Recentemente as obras do Ciberpajé tiveram uma repercussão importante no exterior, pois foi lançado na Inglaterra em 2017 o livro *Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America*, publicado pela Oxford Press, com autoria de pesquisadores PhDs das Universidades de Bristol e Cambridge, dois dos maiores centros de pesquisa do mundo. A obra analisa o fenômeno pós-humano em quadrinhos criados no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e México. Os autores PhD. Edward King (Universidade de Bristol) e PhD. Joanna Page (Universidade de Cambridge) dedicaram um dos capítulos do livro às obras de Edgar Franco, focando na análise de produções artísticas transmídia de seu universo ficcional da Aurora Pós-humana, dando especial destaque para o álbum em quadrinhos BioCyberDrama

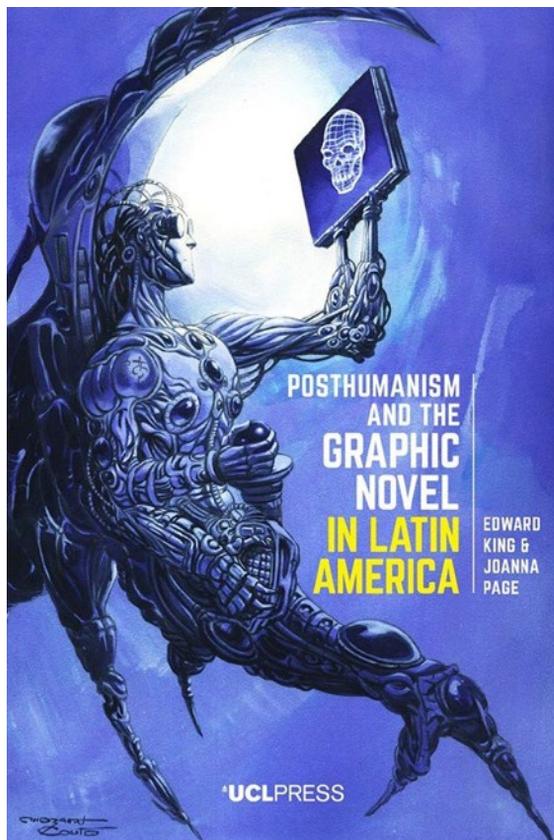


Figura 93 – Capa do livro *Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America*, Oxford Press, 2017

Saga - parceria dele com o renomado quadrinhista Mozart Couto, com duas edições lançadas pela Editora UFG -, e também para as criações em música eletrônica e as performances híbridas do Posthuman Tantra, mas trataram brevemente de outras criações como as HQtrônicas e a revista Artlectos e Pós-humanos (Editora Marca de Fantasia). O capítulo que analisa as suas obras, o sétimo, foi intitulado *Intermediality and Graphic Novel as a Performance*. Os pesquisadores avaliam com propriedade e densidade a concepção de pós-humanismo em sua poética e ideário, detalhando aspectos

das paisagens visuais e sonoras de sua arte, e destacando a ficção científica (FC) ciberxamânica proposta por ele como algo originalmente latino-americano, fazendo um paralelo com o movimento da FC africana e estadunidense conhecido como Afrofuturismo. Inclusive os autores do livro pediram permissão a Franco e Couto para utilizarem na capa uma das artes de seu álbum em quadrinhos Bio-CyberDrama Saga.

Em síntese, o Ciberpajé escreve, dança, atua, performa, compõe, canta, desenha, orienta alunos, viaja, participa de bancas de defesa de pós-graduação, apresenta trabalhos acadêmicos, e muitos mais, tudo isso com muita disciplina, alegria e leveza. Anda pelo campus da UFG, universidade onde atua, de cartola e em sua indumentária característica, vai a formaturas também com a mesma caracterização, tendo sido convidado como professor homenageado e paraninfo por diversas turmas de formandos em Artes Visuais e Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais da UFG, e também foi professor homenageado por 9 vezes na PUC-Minas, Poços de Caldas, universidade onde lecionou por 7 anos nos cursos de arquitetura e urbanismo e ciência da computação, denotando o quanto é querido pelos alunos.



Figura 94 – Ciberpajé em entrevista para o SBT a respeito da premiação Mérito Cultural 2010 no saguão da Biblioteca Municipal de Ituiutaba, foto de Anésio Neto



Figura 95 – Ciberpajé recebendo o Prêmio Mérito Cultural 2010 da ALAMI, das mãos de seu pai Dimas Franco, foto de Anésio Neto



Figura 96 - Ciberpajé discursando para as turmas de formandos da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás FAV/UFG como paraninfo da turma de Design Gráfico, 2011

Já foi barrado em formaturas por estar de cartola, beca e cabelo solto e ao mesmo tempo é abordado na rua por desconhecidos – principalmente crianças - que se encantam por seu modo de vestir, sendo sempre interpelado com perguntas: “Você é um mágico?” “Você é músico?” “Posso tirar uma foto?” - Por onde anda não passa despercebido. Usa anéis, colares e camisetas com estampas de lobo, cada um desses elementos traz sua simbologia específica. As crianças adoram essa imagem e não se envergonham de se aproximarem.

O Ciberpajé sempre alerta a todos que “não é guru” de ninguém, e embora traga em sua arte e aforismos reflexões sobre sua batalha de ser, - na busca de sua integralidade - ao contrário de outros pensadores místicos de seu tempo que possuem uma aparência mais “neutra”, optou por sustentar essa aparência “chamativa”.



Figura 97 – Criança brinca com a barba do Ciberpajé, no FIQ - Festival Internacional de Quadrinhos, Belo Horizonte, 2013. Foto da IV Sacerdotisa Danielle Barros



Figura 98 – Ciberpajé em pose acadêmica com a amiga Maria Fernanda, 2011.
Foto de Dimas Franco



Figura 99 – Ciberpajé ministra a conferência de abertura da Semana de Arquitetura 2013 da PUC-Minas (Poços de Caldas) para um auditório repleto - 300 pessoas - o tema foi “Hipertecnologia, vida e processos criativos”



Figura 100 - O Ciberpajé palestrando sobre “Novas Mídias e Processos de Criação” para o público atento no auditório lotado da “FTM – Faculdade Triângulo Mineiro”, em Ituiutaba, MG, 2014



Figura 101 – Ciberpajé em mesa de debate sobre o futuro do livro na II Bienal da Floresta, em Rio Branco, no Acre, 2012



Figura 102 - Nesta foto, na mesa do cerimonial de colação de formatura em Artes Visuais (FAV/UFG), usando beca e cartola, surpreendido pela fotógrafa Tê Manzi, 2012

A meu ver, ele se veste desta forma por 2 razões: primeiro porque sente prazer com isso, e enquanto artista considera o potencial estético de suas roupas e acessórios, sobretudo explorando as simbologias ocultistas; segundo porque a aparência que ostenta causa estranhamento e ruído por onde passa - desde o ambiente acadêmico às ruas, passando pelas performances do Posthuman Tantra, pelos videocliques e curtas-metragens em que atua, e chegando às apresentações acadêmicas em palestras, conferências e congressos. Esse poder de impacto nas pessoas lhe interessa, uma vez que tal estranhamento provoca curiosidade. Essa irreverência é extremamente pertinente no contexto triste, sisudo e rebuscado da academia, que atualmente mais tem afastado do que cativado os alunos.



Figura 103 – A clássica pose acadêmica do Ciberpajé, disseminada por ele para quebrar a sisudez acadêmica nas bancas de defesa de mestrado e doutorado em todo o Brasil. Aqui na FAV/UFG na defesa da doutoranda Lígia Carvalho no PPG Arte e Cultura Visual, na foto a banca e os demais presentes à defesa

Aqueles que “mergulham” e se interessam de fato pela arte e ideário do Ciberpajé, não ficando na primeira impressão da aparência “louca” - que a alguns atrai, mas a muitos assusta - têm a chance de conhecer as mensagens e reflexões profundas sobre a vida que esse artista magista nos traz. Percebo constantes equívocos das pessoas, sobretudo na academia, ao confundirem a figura de um suposto “maluco” ou “doidão” e se depararem com um professor rígido e disciplinado, porém afetuoso e entusiasmado com seus alunos. Alguém que não se embriaga, não come carne e não utiliza nada de origem animal por respeito às outras espécies, e é extremamente sério em suas atribuições, mas sem ser burocrático, pedante e sisudo, algo que ele abomina. Muitos se surpreendem com a força, e/ou doçura e leveza das mensagens vindas de alguém com aparência tão “grotesca” e inusitada e o que tais mensagens podem provocar. Assim ele espalha por aí a beleza de “ser quem se é”, ter a profunda coragem de “Ser”. O Ciberpajé apresenta-se sempre com sua indefectível cartola e está todo “arrumado” ou “montado” com seus apetrechos (anéis, colares), sua barba também inusitada - o que para muitos pode soar como futilidade e superficialidade diante da vida. Minha experiência de contato com ele ao longo dos anos demonstra alguém profundamente sensível e capaz de experimentar a vida e escrever aforismos essenciais e desprendidos como esses que destaco aqui:

“A grande batalha do Ciberpajé é tornar-se completamente o que ele é! A batalha de ser”. (Ciberpajé)

“Um homem me disse que é dono de um sítio, outro me disse que é dono de uma fazenda. Tive pena desses homens, que serão levados pelo vento e aquilo que dizem ser seu permanecerá por milênios aqui, até o fim desse planeta daqui a milhões de anos. Eu só tenho o meu agora, mais nada, nada mais”. (Ciberpajé)

“Muitos se confundem com esse nome com o qual me rebatizei, ‘Ciberpajé’, talvez pelo termo pajé presente nele, acham que sou um guru, ou um indivíduo pedante se apresentando como um guru. Quero esclarecer mais uma vez, não sou guru, profeta, bispo, salvador, ou qualquer outro título messiânico; não criarei uma seita, igreja ou culto. Não conheço a verdade, não quero ser exemplo a ser seguido, nem nada disso. Sou como todo e qualquer ser, complexo e paradoxal, alguém em um processo de desenvolvimento lento e gradativo em busca de transcender o ego e tornar-me integral. Cometo grandes e pequenos erros como todo e qualquer ser humano, uso a criação artística, musical, performática e aforística como substrato para produzir em mim uma cura emergente em direção à minha integralidade como ser. Visto-me de forma espalhafatosa pois isso é algo que me dá prazer e compõe o meu eu essencial, trazendo para a materialidade do corpo inúmeros símbolos que me são caros. Não sou melhor, nem pior que nenhum outro ser que vive agora no planeta Terra, e aí incluo os outros animais e os vegetais. Somos todos partes de um grande e mágico sistema cósmico e eu reverencio cada um de vocês, meus irmãos de jornada”. (Ciberpajé)

“Quantos espantalhos, presos às suas estacas dogmáticas, nas igrejas, nas universidades, nos escritórios. Com suas sutras e bíblias, seus tratados filosóficos, suas bolsas de valores. Todos cheirando a cadáveres em estágio avançado de putrefação, fingindo um falso encanto com seus úteros-brinquedos: incensos, livros, carros, celulares. A vida esvaindo-se por entre seus dedos, por seus sorrisos ensaiados, suas roupas de grife, seus filósofos de boutique, suas falas empoladas, suas revoltas simuladas. A Lua no céu já vislumbrou inúmeras de suas gerações perecerem, apodrecerem ainda em vida, quantas ainda mais ela terá que suportar? Enquanto isso o LOBO uiva para a LUA no olho da tempestade”. (Ciberpajé)

“Os Aforismos do Ciberpajé Edgar Franco” (31)

Você tem um templo de bilhões, eu tenho o vento em meus cabelos. (Ciberpajé)

*

Um mundo onde as guerras são explícitas, a morte e o sangue assola os jornais, as telas digitais. Os atos de amor acontecem escondidos na surdina, tapados pela fumaça dos canhões e mísseis, pelo sangue de inocentes cantando em abundância. (Ciberpajé)

*

Vejo próximos a mim, muitos seres humanos envelhecidos precocemente, carcomidos, encurvados, adoecidos. Seus olhos não têm nenhum brilho, e eles continuam ali, lutando pelas mesmas coisas, mais dinheiro, mais poder, mais competição, mais ódio, mais destruição do planeta, mais moralidade hipócrita. É a força do hábito, que depois de décadas de vazio e sofrimento



interior, os faz continuar com os mesmos comportamentos. Seres amargos, virulentos, apodrecidos, seres que desejam manter tudo como está, manter o status quo de um mundo falido que segue a passos largos para a extinção. Nada posso fazer por esses seres, mas ao menos posso lutar para não tornar-me um deles. (Ciberpajé)

*

Homens e mulheres de poder com olhos tristes e vazios, olhos sombrios. Tanto poder, tão poucos sorrisos sinceros. E os passarinhos cantam sem distinção de lugar. (Ciberpajé)

*

A perfeição não é o que sua mente deseja e projeta, a perfeição é a essência do fluxo da existência no Cosmos. A perfeição é e sempre será.

(Ciberpajé)

*

Edgar Franco é Ciberpajé, artista transmídia, pós-doutor em artes pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em mídias pela Unicamp e professor do Programa de Doutorado em Arte e Cultura Visual da UFG. Acadêmico da ALAMI, possui obras premiadas nas áreas de arte e tecnologia, performance e histórias em quadrinhos.

CP: HD - FCI/ALAMI - setembro/2014

Figura 104 - “Os Aforismos do Ciberpajé Edgar Franco” foram coluna semanal no Jornal do Pontal - impresso e online - de Ituiutaba e Pontal do Triângulo Mineiro, com duração de mais de 300 semanas



Figura 105 - Foto postada no facebook do Ciberpajé relatando o ato de censura durante o Congresso Internacional de Pesquisa, Ensino e Extensão da UniEvangélica de Anápolis/GO, 2013. Foto de José Loures tirada ao final do quarto ato, intitulado “Iniciação sexual com um robô multifuncional”, pouco antes da interrupção do show. Esta foto foi curtida e compartilhada mais de 300 vezes e a repercussão do ocorrido culminou em uma moção de repúdio redigida pela FAV/UFG à reitoria da UniEvangélica

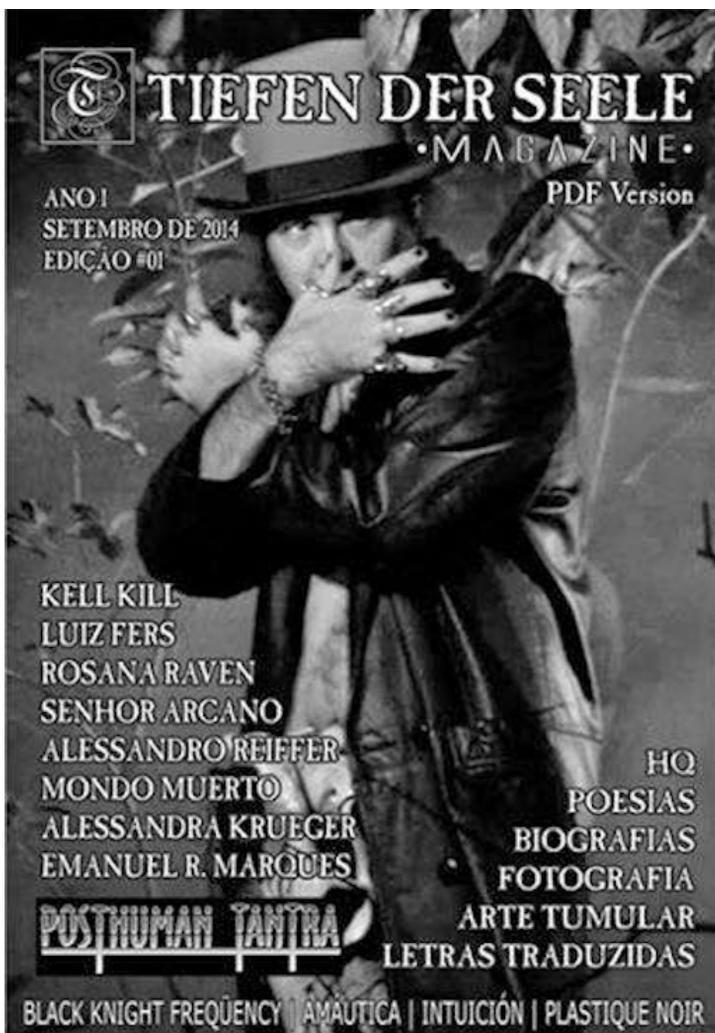


Figura 106 – Ciberpajé é capa da revista “Tiefen Der Seele” #1, setembro de 2014

“Ofereceram-me grades de ouro e gaiolas cravejadas de diamantes, mas preferi a pueril e incerta leveza do vento nos meus cabelos”. (Ciberpajé)

Outra característica marcante do Ciberpajé é o uso de roupas pretas. Sobre trajar sempre preto, ele escreveu: “Mais uma vez me perguntaram por que quase sempre uso roupas negras. Para explicar objetivamente usarei um aforismo do grande livro *Tao Te King: O Vencedor da batalha sempre deverá trajar luto*” (Lao-Tse). Em entrevista para a revista de música darkwave “Tiefen Der Seele”, da qual o Ciberpajé foi capa, indaguei-o sobre a reação das pessoas (sociedade/meios acadêmicos) à sua declaração de Ciberpajé e/ou sobre as controversas apresentações de seu grupo performático Posthuman Tantra. Há relatos de pessoas que se retiraram ofendidas dessas performances e outras que se emocionaram durante as apresentações. Experimentei, em um evento acadêmico sobre histórias em quadrinhos no ano de 2012, quando Edgar Franco disse ser Ciberpajé, uma pessoa da plateia – também professor doutor como ele – demonstrar grande indignação por não entender como alguém “declara-se algo” e “torna-se algo”. Sobre essas reações extremas à sua presença e às suas performances, ele respondeu-me:

“As reações à minha figura são diversas e algumas extremamente paradoxais. Já percebi que minha simples presença em certos ambientes incomoda as pessoas. Vivemos em um mundo que julga pelas aparências e eu resolvi adotar roupas que gosto com as quais me divirto para vivenciar meu renascimento como Ciberpajé. É uma indumentária simples, mas que investe totalmente em aspectos sim-

bólicos, cada elemento tem um significado poderoso, cada anel, os tênis/coturnos de cores trocadas, os colares, pulseiras, a cartola, o preto, as camisetas com estampas lupinas. Tudo se une para mim e traduz signos não verbais que eu considero fundamentais para uma compreensão mais efetiva do que sinto em relação ao mundo e à vida. Sou um pós-doutor muito fora dos padrões, extremamente crítico das estruturas universitárias e com a coragem para assumir-me como criador e pensador em um meio onde quase todos são reprodutores de pensamentos importados. Por isso muitos se indignam quando eu digo que me declarei Ciberpajé, na academia você não pode se declarar nada, tem que esperar o aval de seus pares e na maior parte do tempo bajulá-los, citar os autores que eles citam, formatar-se à suas exigências para que eles lhe declarem mestre, doutor e pós-doutor, ou que permitam que frequente seus nichos e tribos teóricas. Eu passei por tudo isso, vivi na pele, sei como tudo funciona e estou no meio acadêmico não para reproduzir suas bases arcaicas, mas para auxiliar na ruptura de suas estruturas idiotizantes e alienantes. Nesse mundo cartesiano, de base racionalista, todo estruturado no método científico, só irão lhe dar voz se você conhecer suas estruturas, você só poderá modificar algo estando dentro, nunca fora. Mesmo assim é uma batalha árdua e contínua, mas sou perseverante. No entanto, o julgamento à minha imagem é quase imediato, sou muito sensível e percebo nos olhares das pessoas sua opinião. Já fui interpelado verbalmente muitas vezes, algumas delas por meus pares, fazendo ironias, dizendo que eu deveria colocar “leds na cartola” para aparecer mais. Só o fato de não me vestir como as pessoas esperam que eu me vista já incomoda um mundo total-

mente formatado, some-se a isso o que digo e vivencio e você tem uma bomba nas mãos, uma bomba letal a certas estruturas desse sistema.(...) Sinceramente, aprendi a me divertir com isso tudo, em ser o centro das atenções em alguns contextos, ser visto como freak, louco, naif, estranho. Vivemos em um mundo extremamente formatado, no qual você “deve se individualizar” escolhendo qual das marcas vai consumir, qual das tribos vai frequentar. Sou solitário, não tenho tribo, não tenho dogma, não tenho religião, não tenho pátria, não tenho partido, bandeira ou padrão. Se eu me enfatiar, amanhã posso precisar de novos símbolos, abandonar tudo por uma túnica verde, sei lá, sou livre, não tenho um nome a zelar, sirvo a mim e ao meu desenvolvimento pessoal rumo à transcendência, rumo às estrelas. Sou grato aos meus amigos, aqueles que vibram na minha frequência e que se emocionam com o que digo, com minhas experiências, são poucos, mas me fazem seguir alegre e sereno sempre! Sou o Ciberpajé, tive a coragem de me assumir como uma estrela, como um belo evento Cósmico, algo que a grande massa se nega por uma ou muitas vidas”.

“Desconfio do aplauso e respeito profundamente a vaia. O aplauso pode vir por polidez, por educação, a vaia nunca, a vaia SEMPRE é genuína. O Posthuman Tantra se apresenta quase sempre em espaços uterinos, onde por mais que as pessoas se choquem, se comovam ou sintam ojeriza, vão fingir que ao menos acharam palatável, vão aplaudir. Obviamente sei quando a apresentação está sendo marcante por algumas manifestações do público, como gritos, comentários, ou risadas histéricas. Às vezes lágrimas nos olhos!



Figura 107 – Ciberpajé como professor homenageado da turma de formandos em artes visuais da FAV/UFG, 2014

E quando nos apresentamos em ambientes hostis, o significado de nossa mensagem é muito mais poderoso, nesses ambientes a vaia é inevitável e já aconteceu até a nossa expulsão do palco, em 2013 num evento de pesquisa internacional na Unievangélica, de Anápolis, Goiás. Fomos convidados pela coordenação do evento, começamos com um auditório cheio - mais de 400 pessoas -, público hostil, formado em grande parte por dogmáticos. Durante os três primeiros atos as pessoas foram se retirando, no quarto ato, sobraram só umas 50 pessoas na plateia, e essas aplaudiram. Mas a coordenação do evento censurou-nos e parou a performance, previamente combinada para ter oito atos! A arte deve ser iconoclasta, repito que não

crio arte para entreter ninguém, crio arte para refletir e transformar a realidade, manipulo símbolos e reconstruo o mundo. Então louvo as vaias, pois incomodar as pessoas nesse mundo apático e alienado tem um importante significado. E também agradeço de coração os aplausos sinceros das pessoas que tenho tocado com minha arte”.

Em resenha que redigi sobre a performance do Posthuman Tantra que aconteceu no VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), também destaquei aspectos da coragem de Ser e da aparência ruidosa do Ciberpajé. Primeiro neste trecho: “(...) Na realidade, o que deu para perceber, é que o Ciberpajé é uma ‘lenda viva’ no campus, e ainda que seja tomado como uma figura estranha, controversa e divertida; dentre os comentários que ouvi de passagem, percebi que as pessoas têm curiosidade e admiração, um brilho nos olhos ao falar sobre sua arte! E se há quem não curta o trabalho dele, pelo menos aos meus ouvidos de etnógrafa-amadora não chegou”. E depois quando escrevi sobre os atos V e VI da performance:

“Ato V - Iniciação sexual com um robô multifuncional. Ao assistir esse ato recordei-me imediatamente de um dos aforismos do Ciberpajé: Quando faz a sua ciberpajelança, O Lobo sente o cheiro da Lua, E fricciona com volúpia o clitóris do cosmos (Ciberpajé). Esse foi um dos atos que mais me surpreendeu, e não foi à toa, a censura ao Posthuman Tantra aconteceu durante ele. Vou explicar melhor. Quem me conhece sabe que sou uma pessoa tranquila, não tenho

tantos tabus e não sou ‘pudica’, longe disso, mas confesso que diante da apresentação deste ato fiquei chocada! É uma performance muito sensual, excitante e vibrante. O Ciberpajé deixa sua virilidade aflo-
rar sem amarras, não é por acaso que o ato em que se transmuta em Lobo pós-humano se dá antes desta faixa, aqui ele já é o LOBO SELVAGEM, e é mesmo! Vale destacar que a selvageria que Franco traz não é a difundida pela mídia, uma selvageria como “‘crueldade’ e sim uma selvageria animal, que, como ele diz, pode ser violenta, mas nunca cruel. Nesta faixa vemos uma amostra de sua selvageria sexual, ele simula a penetração, ele grita, ele urra, ele ‘penetra’, ele rompe, é uma catarse artística sexual! Mas como eu disse, num primeiro momento eu me impressionei, e esse estranhamento foi paradoxal. Por um lado achei ‘incômodo’ ver o Ciberpajé fazendo aquelas insinuações sexuais - que de certa forma, a meu ver, abriram sua intimidade - como se estivesse masturbando-se em público -, de modo que a música, que nem era tão longa, pareceu-me durar uma eternidade, e à medida que ele ia intensificando o ato sexual com o microfone servindo de falo, eu pensava ‘Gente, quanto tempo ele ficará fazendo isso?’ Mas, por outro lado, meu espírito vislumbrava aquele contexto, uma coisa louca e insólita, e eu refletia: ‘Quando eu imaginaria, que em uma Universidade Federal, local emblemático do ensino engessado em seus dogmas erigidos com repetições de teorias inócuas estrangeiras, um lugar de egos insuflados, quando eu sonharia em ver aquele ato de iconoclastia selvagem? Realizado por alguém que, mais do que falar, VIVE aquilo que escreve em seus aforismos e cria em sua arte, quando eu imaginaria presenciar uma apresentação iconoclasta dessa em uma universidade?’”

Então, o que no começo foi um choque – por mais que eu já conhecesse o ato por vídeos e fotos-, algo que me fez rir por estar bastante surpreendida naquele instante se converteu em pura admiração e uma das maiores lições que tive na vida, a lição de que devemos ter **CORAGEM DE SER QUEM SOMOS**. O Ciberpajé, que é um professor doutor, alguém que como ele diz “pediu todas as bênçãos acadêmicas que a universidade exige para ser alguém”, agora se dá a própria benção e o direito de ser quem ele é. Sem se preocupar com um “nome a zelar” e nem com o que pensarão dele e sim ser quem se é sem estar prejudicando ninguém, ser sua arte. E devo acrescentar minha admiração por sua esposa, Rose Franco, ao estar ao lado dele no Posthuman Tantra há tantos anos e em tantas situações, como no dia do ato de censura. Ela é também admirável pela coragem de seguir e ser Posthuman Tantra. Dei-me conta ali que é muito mais fácil ser o que os outros querem, mas ser quem se é, é complexo, dolorido e difícil, porém é o único caminho verdadeiro e de valor inestimável.

Também destaco meu comentário desta resenha sobre o “Ato VI - Tênuê Esfera Azul, que inicialmente lembrou-me o aforismo: Fita o Sol na manhã esplendorosa, pensa nas inúmeras gerações humanas que ele viu tornarem-se pó, abra seus braços e mergulhe completamente na vida, esse singelo e tênuê presente cósmico! (Ciberpajé). Nesse ato eu me emocionei muito. Foi uma ‘hecatombe’ interna devastadora, me senti no etéreo espacial. O Ciberpajé, em contraste com o ato anterior, chega com a doçura suave de uma rosa em mãos, anunciando a efemeridade da vida nessa tênuê esfera azul. Nessa hora eu percebi o quanto fui tacanha ao reprimir inicialmente meu



Figura 108 – Ciberpajé durante o ato da performance Iniciação Sexual com um Robô Multifuncional, 2013

ímpeto animal, ao negar a primeira parte do ato performático anterior e pude vislumbrar o quanto sou/somos muito mais do que este corpo terrestre, somos irmãos dividindo essa mesma jornada: VIDA. Pude compreender nossa eternidade e finitude. Senti-me pequenina e grandiosa. Lembrei-me que foi este ato que o Ciberpajé dedicou ao saudoso amigo Elydio dos Santos Neto, durante o show do lançamento do álbum em quadrinhos Biocyberdrama Saga no Centro Cultural UFG em 2013, performance e lançamento que eu ajudei a divulgar. E lembrei-me o quanto devemos simplesmente VIVER e AMAR! E como o Ciberpajé fez muito bem durante todos os atos, ele contrasta doçura e selvageria ao longo das canções, com urros e entonações leves, como quem nos desperta do nosso estado de inércia, mas ao mesmo tempo exalta a serenidade necessária para viver o agora. Como a letra desse ato diz, estamos ligados pelo mesmo tempo, mesma época de vivência na Terra. Lembro-me o quanto me sinto honrada de dividir essa época com pessoas tão especiais e de estar ali naquela performance. Aquele toque da música, como se fosse uma música que minha alma (re) conhecia, causou-me incômodo, parecia que eu não tinha corpo, que existia um ‘vazio’. Não chegava a ser uma sensação de ‘morte’, mas diria ‘um ser sem corpo’, como se eu me percebesse muito além disso tudo. Viajei pelo espaço, na viagem das imagens das artes projetadas no vídeo com o qual o Ciberpajé interagiu. Parecia como se eu tivesse sentido, através daquela música e imagens, uma ínfima consciência da minha grandeza espiritual e de que tudo (material) se acabará, e isso me deu certo temor”.



Figura 109- Posthuman Tantra em Santa Maria/RS, 2013, foto de Kiko Barretto, durante o ato Tênuê Esfera Azul



Figura 110 - Posthuman Tantra e amigos, logo depois da performance na FAV/UFG durante o VII Seminário Nacional De Pesquisa Em Arte E Cultura Visual. Da esquerda para a direita: I Sacerdotisa Rose Franco, José Loures, Ciberpajé, Luiz Fers, Amanda Caroline Darc'kness, Lucas Dal Berto, IV Sacerdotisa Danielle Barros Fortuna, Gian Danton e Ilda Santa Fé

Como tenho explanado, as performances do Posthuman Tantra e a aparência do Ciberpajé em muitos provoca um impacto de estranhamento que incomoda, como se retirasse o sujeito de seu estado uterino, do hábito ordinário cotidiano fomentado pela ideia de que todos devem seguir regras, muitas vezes acatadas acriticamente pela maioria que segue os ditames da “moral” dessa sociedade hipócrita. Essa maneira peculiar de impactar de forma iconoclasta me fez lembrar as palavras do mestre e artista multimídia chileno Alejandro Jodorowsky em seu livro “A Dança da Realidade”: “Todo ato extraordinário é capaz de demolir os muros da razão. Ele quebra nossa escala de valores e faz com que o expectador tenha a experiência de julgar por si mesmo. Age assim como um espelho onde cada um pode ver seus próprios limites. A manifestação desses limites pode provocar o despertar da consciência” (2009, p.126-127).

Essa coragem de Ser não é apenas ter coragem de colocar uma cartola e uma roupa diferente. É no agir, é se contrapor ao convencional, é ser iconoclasta através da arte. Não podemos deixar de mencionar aqui sobre suas experimentações artísticas que envolvem “arte visionária”, ou seja, processos transcendentais e criativos baseados em ENOC – estados não ordinários de consciência - com uso de enteógenos, sendo um dos pioneiros artistas e pesquisadores brasileiros à investigar processos criativos visionários no âmbito da universidade, investigações que frutificaram no seu livro *Quadrinhos Expandidos: Das HQtrônicas aos Plug-ins de Neocortex* (Marca de Fantasia, 2017), e também em uma série de impactantes entrevistas concedidas a mim sobre o tema, que serão motivo de outro livro dedicado a elas.

Não só as performances, mas também outras expressões artísticas do Ciberpajé, como seus quadrinhos, ilustrações e videoclipes, já foram consideradas chocantes e muitas vezes censuradas (pessoalmente e no mundo virtual). No facebook já passou por múltiplos bloqueios por parte do site e por denúncias de pessoas que se incomodaram com sua arte, acusando-a de ser “pornográfica” ou “blasfema”. Como ele mesmo já disse em entrevistas, sua arte não tem enfoque pornográfico – embora não tenha nada contra este tipo de abordagem. Na perspectiva de Franco, o que ele trata é de amor incondicional e transcendência. O sexo enquanto instância sagrada, os opostos complementares, que em conexão, se complementam gerando força, luz e vida. Como em HQforismos, e nas artes de capas do Posthuman Tantra.

A questão da aparência é algo tão caro à nossa sociedade e cultura que o artista e fotógrafo Rafael Happke, de Santa Maria (RS) instigado pelo tema, convidou o Ciberpajé para um experimento. Ele realizou um ensaio fotográfico com Franco e convidou algumas pessoas que não o conheciam para que definissem quem ele era apenas a partir das fotos postadas em sua rede social. Eis a chamada do experimento desenvolvido por Happke:

“Pessoal, gostaria de convidá-los para uma experiência. Aqueles que conhecem essa pessoa, ignorem. Aos demais, a proposta é definir QUEM É essa pessoa. Façam isso com uma palavra, uma sentença, um adjetivo, uma colocação que venha a mente de vocês assim que verem essa imagem. Tentem adivinhar de onde vem, de que época ele é, o que faz, o que gosta, o que o seduz, vale qualquer

referência que invadir seus sentimentos ao olhar a imagem. Por favor, NÃO PESQUISEM, só escrevam seus sentimentos sinceros ou seu palpite mais inesperado. Em alguns dias revelo a identidade e a história. Ninguém é obrigado a acertar e quanto mais fundo vocês forem, mais interessante essa experiência pode ficar. Conto com o consentimento do retratado para essa ‘brincadeira’. Agradeço a participação de todos”.

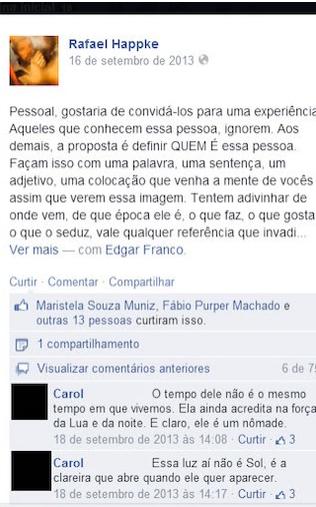


Figura 111 – Uma das fotos postadas por Happke em seu perfil do Facebook, 2013



Figura 112 – Ciberpajé, em foto dos posts de Rafael Happke, 2013

O resultado foi algo muito interessante denotando o forte ruído e as imagens estranhas, oníricas e surreais que o Ciberpajé evoca. Destacarei aqui algumas respostas obtidas por Happke no experimento, mantendo a identidade de quem as escreveu em segredo:

- “Um ser estranho, meio gnomo da floresta meio palhaço de circo, 1/3 astro do rock, outro terço cristão. Amante da natureza com certeza, deixando minha matemática ruim de lado, acho que deve ser uma pessoa bacana!”

- “Uma mistura de Sherlock Holmes e Mágico de OZ”.

- “Destemido e divertido.... esperando por algo ou alguém!”
- “Misturinha de matrix, com chapeleiro maluco e shaman, e acho que ele queria muito tocar numa banda”.
- “O Chapeleiro Maluco!”
- “Uma espécie de zé do caixão moderno”.
- “Ele é um vilão de historias em quadrinhos dos anos 70”.
- “Depois do pós-tudo ele vende deformidades em forma de espetáculos. Otimista, sabe que um dia tudo isso - literalmente - vai acabar”.



Figura 113 – Ciberpajé, em foto dos posts de Rafael Happke, 2013

- “Cidadão dos mundos, aquém e além”.

- “Um ilusionista que veio do futuro através de um buraco de minhoca. Antes de chegar na estradinha ele viajou por diversos lugares do mundo, os que mais o marcaram foram a Africa e Polo Norte, dizem que ele tem o dom de se comunicar com lobos”.

- “Seria o Al Capone e teria sob o longo casaco uma Tompson 45? Se fosse, seria mais uma contradição. Mais um a portar um crucifixo e não temer a Deus. Primo rebelde do Charles Chaplin...? Não. Barba, chapéu vermelho, casaco longo, anéis etc. Se não houve preparação para tal foto, então me parece ser possível tecer algum comentário acerca de sua personalidade. Mas quem seria ele?”

- “É o Visconde de Sabugosa versão pós limbo”.

- “Ele é especialista em alquimias”.

- “Excêntrico, mas de uma maneira “não linear”, não existe uma coerência, personalidade fragmentada, talvez uma pessoa imersa em seu próprio universo, perdida aos olhos dos outros”.

- “Esse cara é um paleontólogo! Através de suas excursões ao redor do mundo, descobriu uma tribo descendente dos sumérios, por isso o colar e a camiseta. Aliás, em suas escavações no sul da Africa do norte ele encontrou uma poderosa arma altamente tecnológica, criada pelos antigos Himbas: um Desguaxinizador Molecular! e como vocês podem observar ele está prestes a sacá-la!”

- “Roqueiro de uma banda inglesa! Quando o ônibus da turnê quebrou aproveitou e pediu pro amigo fazer umas fotos do belo local enquanto uma metade da banda dormia dentro do veículo e o resto do pessoal tentava sinal de internet no celular! Cara esperto, mesmo com a roupa rock and roll não dispensa o tênis confortável nos pés!

Quando viu a foto falou pro amigo: ficou massa, quando o sinal voltar, publica e me marca! Mal sabia ele que o mecânico chegaria só 2 horas depois!”

- “Tenho mais medo que estranhamento!!!”

- “Sua simples presença estranha em meio a onírica floresta cheia de luz (vira e mexe sonho com lugares assim!)... Cartolas em entidades espirituais nunca me passam boa coisa; ele usa uma cartola cor de sangue... sei que é muito antigo tudo isso, de um tempo sem tempo, sem definição.... apesar de querer me enganar dizendo que é atual por seus tênis!... sei que olha pelos olhos em sua camiseta, olhos de interrogação! Me causa estranhamento sobre maneira o todo da cena... para onde será que mandou as entidades de luz que flertam comigo neste espaço mágico? Preciso ter medo? estranhamento! estranhamedo!

-Esse safado aí é um gnomo satanista. Ele trabalhou para Diabolyn, em um passado longínquo e muito, muito obscuro. Fazia os trabalhos sujos pra ela e de quebra cuidava dos interesses pessoais. Foi assim que ele ficou do tamanho de um humano adulto. Desafiou algumas crianças a adivinharem seu nome. Como ninguém acertou, ele cresceu, e cresceu, e agora anda entre nós, humanos, roubando pequenas moedas e canetas Bic para incrementar seu pote de ouro, que também tem muitas canetas Bic e Clip's. Ele passou a perna na Diabolyn e nunca mais apareceu em Dar-Shan. Aí descobriu que no nosso mundo haviam muitos bosques parecidos com os de lá, onde ele poderia morar, e acabou ficando por aqui mesmo. Ele pode viajar pra onde quiser, na hora que desejar”.

- “O mago da floresta encantada”.

- “A primeira impressão sugere que seja um sujeito que nem ao menos sabe quem é. Me parece que ele não sabe quem quer ser e também não sabe quem não quer ser. Ele traz em si mesmo todo tipo de elementos, e isso não me parece ser uma identidade própria, e sim falta de identidade”.

- “Um mágico circense, que ouve música cigana e dança com os lobos”.

- “O tempo dele não é o mesmo tempo em que vivemos. Ela ainda acredita na força da Lua e da noite. E claro, ele é um nômade. “Um mágico sim, do submundo. Uma mistura de homem do bem com uma pitada satânica”.



Figura 114 – Ciberpajé, em foto dos posts de Rafael Happke, 2013

- “Um vilão cujo os anéis dão força. Ele é da terra, mas tem um pacto com um anjo caído. O chapéu fica vermelho a cada vitima que mata. O nome dele é Lorenzo Kilmister”.

- “Aqui nosso metaleiro se deu por conta que o socorro iria mesmo demorar! Ao em vez de se estressar resolveu que faria mais fotos! Clique aqui clique lá pediu ao parceiro da banda que registrasse os anéis que usaria no show de logo mais à noite! Pronto mais uma foto pra colocar no site da banda! Enquanto se distraíam com as clicadas ele pensava que talvez não teria sido conveniente beber tanto na noite passada, afinal a sensação que compartilhava com seu estômago não era das mais agradáveis! Estava decidido naquela noite seria só água! Parou um pouco para admirar a copa das árvores q dançavam enquanto o Sol espiava entre as folhas os turistas ansiosos! Teve o pensamento interrompido pelo motor que roncou longe!? Era o guincho finalmente?!”

- “Me fez lembrar um dono de algum circo bizarro”.

- “Tipo assim... eu não ia querer encontrar esse cara”.

- “Ele é muito esquisito, parece que a qualquer momento vai brotar uma bola de fogo das mãos dele. Não gostei nada daquele colar dele. Pra piorar só faltava ter unhas de zé do caixão. Ele deve ter vindo do centro da terra. Ele lê os pensamentos das pessoas e consegue movimentar objetos com a mente”.

Ao final do experimento Rafael Hapkke explicou e agradeceu aos participantes em seu perfil na rede social Facebook:

“Agradeço a todos que toparam participar dessa brincadeira, cabe-me agora revelar quem é o sujeito da foto. Seu nome é Edgar Franco, mas assume já há certo tempo o codinome Ciberpajé. Artista, atua com desenhos, principalmente relacionados com histórias em quadrinhos. O Ciberpajé também realiza performances com sua banda Posthuman Tantra. Seu propósito e seu trabalho como artista é relacionado com a criação de universos ficcionais. Seu tempo é 300 anos no futuro. Onde a humanidade evoluiu para uma civilização pós-humana, onde coexistem seres humanos e híbridos humano-máquina e híbridos transgênicos humano-animal-vegetal, onde o estado de consciência foi transplantado para mecanismos tornando o corpo que é perecível algo desnecessário. O Ciberpajé nos faz refletir sobre a nossa condição de humanos, com uma vida temporalmente delimitada e de duração desconhecida, nossas relações interpessoais e nossas relações com a tecnologia. É importante lembrar também que aqui temos a figura de um catedrático. Professor Associado na Universidade Federal de Goiás, dá aula na Faculdade de Artes Visuais e na Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual nesta instituição. Edgar Franco é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UNB, tem Mestrado em Multimeios pela UNICAMP, Doutorado em Artes pela USP e Pós-Doutorado pela UNB”.

Percebe-se que os comentários foram ricos e variados, mas sempre associados à loucura, rock, ou às religiosidades, satanismo, alguém “fora deste tempo”, com super poderes, místico, vilão, mágico, circense, livre, ligado à natureza e à magia. De maneira geral, o conceito “pré” concebido, ou seja, o preconceito por não conhecer, aca-

bou gerando uma surpresa positiva, uma vez que ao revelar ao público quem ele era, pois tratava-se - nas palavras de Happke - de um (quem diria!) “catedrático”. O que não deixa de ser uma das facetas de Franco, mas que não foi lembrada por ninguém no experimento. Isso nos deixa a lição de livrar-nos dos estereótipos convencionados socialmente. Conforme ele mesmo publicou em sua rede social, destacando sobre a questão dos estereótipos, em sua participação como convidado em uma mesa redonda durante a Bienal de São Paulo, o mediador da mesa perguntou: - Quem é o pós-doutor? Confira o relato do próprio Ciberpajé:

“Durante a mesa em que participei como convidado na ‘Bienal Internacional do Livro de São Paulo’, o mediador teve uma ideia para começar os trabalhos de forma descontraída. Dentre os 4 participantes eu era o único com doutorado e pós-doutorado, mas ao mesmo tempo o ‘exótico’ do grupo (com cartola, sobretudo, anéis nos 10 dedos etc.), então ele decidiu perguntar para o público qual dos quatro presentes à mesa seria o pós-doutor. Obviamente ninguém apontou pra mim! Tinha grandes amigos na platéia como Gazy Andraus, Fabio Fon, Soraya Braz, Clayton Policarpo, Juliana Junqueira, Dimitri Brandi de Abreu e Osny Lopes, mas eles ficaram quietos para não estragarem a brincadeira. Para os demais presentes alguém com o meu visual não poderia ser um pós-doutor! Vivemos em um mundo de estereótipos. Como Ciberpajé contribuo para destruí-los”.



Figura 115 - Ciberpajé fotografado por Juliana Junqueira - mesa de debates na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, 2012

Mas o Ciberpajé já se habituou a este tipo de interpelação, inclusive ele criou a chamada “pose acadêmica”, para as fotos que tira com os membros de bancas nas defesas de TCC, mestrado e doutorado das quais participa, colocando em xeque a formalidade e sisudez da academia. A pose tem se difundido inclusive em bancas que o Ciberpajé não está presente, mas incomoda alguns dos professores doutores que se recusam a fazê-la. Por outro lado, como foi dito, ele tem muitos admiradores não só da sua arte, mas também de sua imagem

iconoclasta, enquanto ser humano. Inclusive sua figura já foi representada por muitos artistas, contando com quase uma centena de desenhos com versões autorais do Ciberpajé, publicados em seção especial de seu Facebook.



Figura 116 – Mais uma pose acadêmica, de centenas já tiradas, essa foi em banca de defesa de dissertação de mestrado em artes, da discente Marina Mara da Silveira Chaves. A defesa aconteceu no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília (UnB) e o título da dissertação é “Cartografia Poeticoativista”. Na foto do post a pose acadêmica da banca após a defesa. Da esquerda para a direita: a orientadora Profa. Dra. Suzette Venturelli (UnB), a nova mestra Marina Mara, o Ciberpajé (UFG) e a Profa. Dra. Daniela Garrossini (UnB), 2019

O renascimento como Ciberpajé denota ser mais do que uma ação performática transmídia perpetrada nos múltiplos meios artísticos e criada pelo artista, uma vez que após a declaração Edgar Franco assumiu a identidade de Ciberpajé 24 horas por dia, trazendo essa nova condição para o dia a dia, transformando o ato performático em vida. Isso envolve apresentar-se como Ciberpajé nos múltiplos ambientes reais e virtuais pelos quais Franco trafega desde congressos e eventos acadêmicos, entrevistas para veículos de mídia diversos, até a sala de aula como professor, no Facebook, e no seu currículo Lattes. Edgar Franco delega à arte o papel primordial de promover a autotransformação na busca da própria integralização como ser, ser integral, e em segunda instância busca contaminar positivamente as pessoas no sentido de buscarem sua integralidade. A ideia de “arte como cura”. Como já destaquei nessa apresentação, o Ciberpajé transita em diversos mundos: o da arte (quadrinhos, HQtrônicas, música, instalação, ilustração, performance), o da academia (professor, conferencista, orientador de doutorado e mestrado, autor de livros e artigos acadêmicos), o da vida cotidiana na realidade validada, e o de seus mundos ficcionais, sobretudo a chamada “Aurora Pós-humana”, também o seu “sistema mágico”. Por estar afinada ao ideário e à arte do Ciberpajé, fui declarada IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, e em muitas ocasiões uso uma vestimenta especial de IV Sacerdotisa e tenho sentido na pele o que é ser vista como “estranha” e de certa forma chamar atenção, mas é importante que fique claro que a intenção principal é sermos quem somos e agir conforme queremos, sem prejudicar a ninguém. O que há em comum entre todos os mundos pelos quais o Ciberpajé “navega” é essa busca em tor-

nar-se integral e contribuir para a transformação de outras pessoas, que sentem-se tocadas pela sua arte e que estão na mesma busca de “Ser”. Em um impactante aforismo ilustrado com uma montagem de suas fotos (Figura 24), o Ciberpajé ressalta fases de suas mudanças ao longo da vida, alguém que não renega o que foi, mas que não abre mão de estar focado no agora, o único tempo verdadeiro para ele.

“Saúdo a mutação, a transformação, a mudança, a ancestralidade do Lobo que se fixa no agora. A beleza profunda da incerteza, a inexistência das verdades, a destruição do mito de portos seguros, a eterna jornada livre e impetuosa no olho da tempestade. Sou o Ciberpajé, sou uma licença poética cósmica, estou vivo, celebro a serenidade e a selvageria!” (Ciberpajé)

Esse posfácio não teve a pretensão de fazer um “inventário” da obra ou do ideário do Ciberpajé - uma tarefa impossível - e sim mostrar um pouco de suas singularidades e da unicidade de sua obra artística que se espraia para além da academia e engloba vida e transcendência. Assim ele é: autêntico, paradoxal, intrigante, iconoclasta. Um verdadeiro artista-magista.

“Sou um ser em evolução, na busca pela transcendência, pela reconexão com minha essência cósmica. A mistura estranha de um menino cheio de pureza e admiração diante da vida, com um Lobo Selvagem ancestral que já enfrentou milênios de tempestade, dor, e lambeu suas feridas até torná-las belas cicatrizes de batalha” (Ciberpajé)



Figura 117 – Ciberpajé e a IV Sacerdotisa Danielle Barros filmando para a série de vídeos “Conversas com o Ciberpajé”. Ao fundo instalação artística do Ciberpajé, Galeria da FAV/UFG, 2013



Figura 118 – Ciberpajé e a IV Sacerdotisa Danielle Barros no FIQ-BH – 2013, quando foi lançado o primeiro fanzine da IV Sacerdotisa, “Abismos do Lobo #1”, todo de HQforismos dedicados ao Ciberpajé



Figura 119 - Aqui o Ciberpajé e a IV Sacerdotisa em 2 momentos, à esquerda quando se conheceram no II Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos, UFPE, Recife (agosto 2012) e à direita, 2 anos depois, na I Jornada Temática de Histórias em Quadrinhos – Adaptações Literárias, na UNIFESP (agosto 2014)



Figura 120 - O Ciberpajé e a IV Sacerdotisa durante o lançamento do fanzine Uivo #5, no IV Entre Aspas - Encontro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial que aconteceu na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, maio de 2019



Figura 121 – Ciberpajé fotografado por seu pai Dimas Franco, aos 5 anos de idade, em fazenda no Douradinho, MG, 1976



Edgar Franco

É o Ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psiconauta pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nas áreas

de quadrinhos e arte & tecnologia. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos, e mentor da banda performática Posthuman Tantra. Pesquisador criador do termo HQtrônicas, autor de 4 livros acadêmicos e inúmeros artigos. Pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela Unicamp, arquiteto e urbanista pela UnB e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG, em Goiânia. Atualmente cursa pós-doutorado em artes no Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo, onde pesquisa as conexões de processos criativos visionários de quadrinhos e performances.

Blog “A Arte do Ciberpajé” - <https://ciberpaje.blogspot.com/>

Página “Os Aforismos do Ciberpajé” - <https://www.facebook.com/aforismosdociberpaje/>

Página “Projeto Ciberpajé” - <https://www.facebook.com/Projeto-Ciberpajé-276047669502963/>

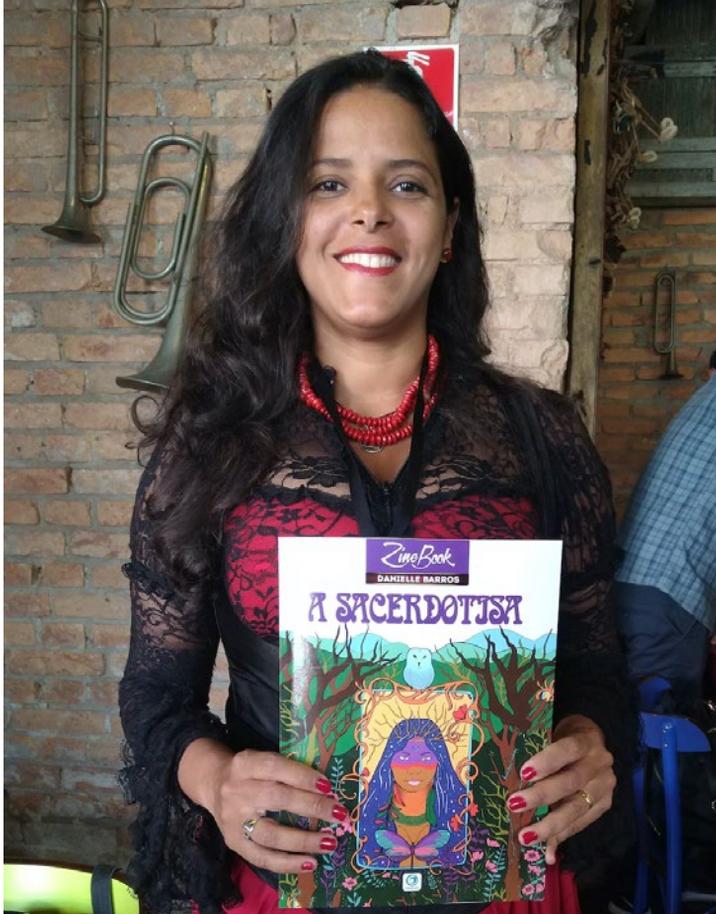
Página “Posthuman Tantra” - <https://www.facebook.com/posthumantantra/>

Posthuman Tantra no Youtube - <https://www.youtube.com/user/posthumantantra>

Instagram: <https://www.instagram.com/ciberpaje/>

E-mail – ciberpaje@gmail.com e oidicius@gmail.com

Lattes - <http://lattes.cnpq.br/8415486629956081>



Danielle Barros

É a IV Sacerdotisa da Aurora Pós-Humana, artcientista, professora adjunta em dedicação exclusiva da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), *Campus* Paulo Freire em Teixeira de Freitas-BA. Área de atuação: ensino de ciências, práticas pedagógicas, metodologias ativas e formação de professores de ciências. Graduada em Li-

cenciatura de Ciências com habilitação em Biologia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestre em Ciências no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz) e doutora em Ciências na área de Ensino de Biociências e Saúde no Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Membro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). Membro no grupo de pesquisa CRIA_CIBER da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autora de diversos artigos científicos, capítulos de livros, co-autora do livro “Processos criativos de Quadrinhos Poético-filosóficos: a revista Artlectos e Pós-humanos” (Editora Marca de Fantasia, 2015) junto com Edgar Franco e dos livros “Danielle Barros SketchBook Custom” (Editora Criativo, 2017) e “Agartha: símbolos e mitos nos quadrinhos poético-filosóficos” (Editora Marca de Fantasia, 2018). Idealizadora da Associação Nacional de Pesquisa e Criação em Fanzines (ANZINE). Coordenadora do Projeto CiArtE: Ciência, Arte & Ensino na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Cria poesias, ilustrações, HQforismos, quadrinhos e fanzines, atuando com foco na pesquisa em História em Quadrinhos e fanzines no Ensino de Ciências, na expressão artística e autoral independente. Natural de Itabuna-BA, residente em Teixeira de Freitas-BA, cidadã do Cosmos.

Blog “A Arte da IV Sacerdotisa” - <https://ivsacerdotisa.blogspot.com/>

Instagram: <https://www.instagram.com/projetociarte/>

E-mail - danbiologa@gmail.com e danielle.fortuna@ufsb.edu.br

Lattes - <http://lattes.cnpq.br/2736451028689135>

